FON FON
ANNO XXVI — N.º 14
Rio, 2 de Abril de 1932
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

O LADRÃO

De Fran. Martins

ANDAVA pelas ruas do Joazeiro, ladeado por dois soldados, as mãos atadas pelas costas e a cabeça raspada, a gritar para todos: "Eu sou ladrão! Eu sou ladrão!".

Pela sua face encovada, de tez morena, corriam grossas lagrimas, que brotavam dos olhos miudos e vermelhos. Si, alguma vez, os soluços lhe embargavam a voz e passava instantes sem gritar, um dos guardas lançava-lhe um murro violento, juntando á acção uma apostrophe para que continuasse a confessar publicamente o crime por que respondia.

Assim succedia todos os dias, havia quasi duas semanas. E, muitas vezes, quando queria contar a alguem dos soldados que faziam a guarda nocturna a historia por que alli se encontrava, o gendarme, compenetrado, dava de hombros, como num menosprezo, assobiando uma cantiga em voga ou dizendo um dito chistoso ás morenas que passavam para a "benção" do Padre Cicero. Aquillo queria dizer que, por mais que fizesse, não passava ali de um preso como os outros, que para aquella gente elle era um ladrão, simplesmente um ladrão...

* * *

Vicente era alagoano e visitára o Joazeiro, a primeira vez, annos atrás, no cumprimento de uma promessa que a sua mãe fizéra, elle ainda pequeno, ao Padre Cicero. Depois de dar uma esmola para a Igreja de Nossa Senhora das Dôres e mandar celebrar uma missa por alma da beata Maria de Araujo, voltára á terra natal, levando comsigo imagens e medalhas do "santo padre", devidamente bentas e indulgenciadas, para soccorro em todos os casos necessarios.

Em seu Estado natal, Vicente continuára a viver com a familia, sua mulher e uma filhinha, que, no regresso, passou a ter por padrinho o velho patriarcha da conhecida Jerusalém cearense. Fazia quasi tres annos que regressára do Joazeiro quando a filha, adoecendo subitamente, veiu a fallecer dentro de poucos dias.

A mulher, nesse tempo, estava enferma e, ao ver a filhinha perdida assim tão inesperadamente, foi acommettida de grande febre, prostrando-se por alguns dias.

Vicente ficou afflicto. Poucos dias antes, vira sahir de casa, morta, a filhinha primogenita, a sua querida Lili. E depois, doente a esposa, sentia o grande receio de perdêl-a, o que acarretaria, tambem, a morte do segundo fructo do seu amor.

Foi então que outra vez a velha mãe se lembrou de recorrer á protecção daquelle a quem chamava religiosamente de "santo padre" e, dentro em pouco, uma nova viagem foi acertada para levar a enferma ao Joazeiro.

A mulher esperava descansar sómente uns dois mezes mais tarde, havendo, portanto, bastante tempo de chegarem ao Ceará e pedirem ao Padre Cicero que por ella intercedesse, com o alto poder que diziam ter no Céo, junto á Virgem das Dores.

A viagem foi feita quasi sem preparativos. No espaço de uma semana demandava, rumo ao Ceará, a caravana composta do marido, a enferma e mais um rapazote, cria da casa, encarregado das malas que conduziam o necessario para a fatigante jornada.

A travessia era penosa através dos sertões brutos e pouco habitados do nordeste. Os dias de sol ardente tornavam-se longos por causa da marcha lenta para não incommodar a doente; pernoitavam muitas vezes ao ar livre, debaixo de arvores copadas; ou em casas immundas e abandonadas, expostos aos animaes ferozes ou á sanha dos cangaceiros que se acoitavam por aquellas regiões. Sómente a fé do milagre os confortava: a esperança da salvação da esposa, do seu franco restabelecimento, da sua volta á saúde.

Até que emfim, certa noite, chegou o momento ansiado.

Vicente commoveu-se até ás lagrimas ao avistar, do alto do Horto, a cidade como a espreguiçar-se no seio do fertil caripense, illuminada sómente pela luz do luar, que punha o brilho de uma corrente prateada nas aguas silenciosas do Salgadinho.

Arrancharam-se na outra margem do rio, distante ainda da cidade, num dos muitos "ranchos" existentes á disposição dos viajantes que vão ao Joazeiro cumprir promessas ou agradecer milagres feitos por intercessão do Padre Cicero. E, como fosse noite alta não encontraram mais viva alma que os acolhesse ou de quem recebessem uma palavra confortadora de bôas vindas.

A mulher, fatigada pela viagem, sentia-se peor. Queixava-se de dores. Pedia incessantemente alguma coisa para comer.. Delirava. A pulsação estava fortemente agitada. Tinha febre.

Afflicto por ver a companheira peor, Vicente procurou alguma coisa afim de preparar-lhe o caldo que ella tanto reclamava. Mas, decepcionado, nada nas malas encontrou.

A situação do alagoano tornou-se mais afflictiva ainda. O mole-

(Continúa na pag. seguinte)

— O "pesadelo" do rapaz do elevador...

O LADRÃO

(Continuação)

cote que o acompanhára não conhecia a cidade e elle mesmo, angustiado, teve que dirigir-se as ruas desertas do suburbio, atrás de uma quitanda aberta para comprar o alimento para a doente.

Andou para cima e para baixo, percorreu viélas escuras e estreitas, mas, por mais que procurasse, não encontrou um só vivente.

Aggravou-se a sua situação.

Com a alma corroida pela angustia de pensar que a mulher estava a soffrer á falta de alimentação, quasi desvairado, teve a idéa de apossar-se de algum alimento, sem mesmo saber quem era o dono, contanto que melhorasse o estado da esposa. "Si vierem cobrar", pensava, "explicarei o meu caso e pagarei tudo quanto pedirem".

Poz-se em acção.

Passando por uma viéla, ouviu perto o ruido feito por algumas gallinhas num quintal proximo. Devagarinho, pé ante pé, pulou a cerca de varas, acercou-se do gallinheiro e, com impeto, saltou sobre uma das aves que dormitavam trepadas nos páos, segurando-a, emquanto as outras fugiam em alarido, dando signal do que acontecêra. Mas Vicente, como um louco, transpoz o cercado, sahiu correndo pela rua estreita, a despennar a ave ainda viva, apertando-lhe o pescoço, como si tivesse receio de chegar tarde demais para salvar a esposa, receio de ter ella peorado, entrado em desespero, agonizado.

Já avistava a luz esmaecida da vela do "rancho", quando ouviu, atraz de si, passos apressados. Alguem lhe gritava. Parou, voltou-se, sobresaltado, quiz esconder a ave já morta. Mas um soldado embriagado, revolver em punho, tomando das mãos do alagoano a ave á procura da qual tanto soffrera, segurou-o pelo braço, e disse:

— Ladrão? Ladrão de gallinhas! "Têje" preso!

Vicente empallideceu, ficou tremulo.

Tudo o que prometteu e fez não poude demover do seu intento o alcoolizado "policia", cuja figura quixotesca era ameaçadora, revolver em punho, a gallinha debat[illegible] do braço, armado de longo facão e de um punhal, cuja ponta apparecia por baixo da blusa rota.

Offereceu dinheiro, quiz contar a historia, rogou pelas chagas de Christo, por tudo quanto é sagrado, mas o soldado, tresandando a aguardente, nada acceitou e, [illegible]cando-o á frente, vendo as lagrimas rolarem dos seus olhos a[illegible]dados, ainda, proferiu:

— Ladrão! Ladrão de gallinhas! E, além de ladrão, chorão!

* * *

Emquanto Vicente estivéra de volta ás Alagôas, fôra introduzido em Joazeiro o costume das autoridades fazerem os presos andar

A MENDIGA

RUGE desenfreada a tempestade. O vento, sibilando, descabella ás arvores, que se vergam. Fulvos clarões precedem ruidos quasi imperceptiveis a principio, que se avolumam pouco a pouco, e vão recrudescendo sempre até estrondarem como urros formidaveis no terror da noite.

Pela rua deserta, lá vae a velhinha a caminho do seu tugurio, toda encharcada, um longo chale preto a envolvê-la da cabeça aos hombros. Vae de vagar, penosamente, e com cautela para não escorregar na lama com os velhos sapatos de sola gasta...

Automoveis passam velozes, levando ricos senhores bem abrigados em suas capas. Passam por ella, sem diminuir a marcha, os holophotes esteirando de luz o caminho.

E os raros transeuntes, apressados, não notam, siquer, a pobrezinha.

Fôra um máu dia aquelle: nem uma esmola. Apenas, num restaurante de infima classe, lhe deram um pedaço de pão. E ella volta agora faminta, friorenta e exhausta, infinitamente acabrunhada. Volta para o tugurio em que ninguem a espera, onde vive sózinha, sem marido e sem filhos, pois a morte os levou... ha tanto tempo já!

E' um quarto pequeno e escuro, no porão cimentado de uma casa de habitação collectiva.

A enxerga e o caixão que tambem serve de mesa são os seus unicos moveis.

A' luz bruxoleante de um côto de vela de sebo, a velhinha come agora o pão que lhe déra o garçon do restaurante.

Como faz frio, santo Deus! Um frio humido que penetra até a alma da gente... E ella sem ter um pouco de fogo onde aquecer os membros enregelados...

Cobrindo-se com o velho cobertor esburacado, a pobrezinha deita-se e, toda encolhida, adormece.

Adormece e sonha. Sonha que vae caminhando por uma estrada toda florida, doirada de sol. Um sol que é uma caricia. Em meio do caminho ha uma fonte de agua limpida e cantante e junto á fonte uma grande arvore coberta de fructos. Fructos tão ve-

pelas ruas gritando publicamente os crimes que haviam commettido, depois do que, na rodagem que vae daquella cidade ao Crato, os delinquentes seriam assassinados, como de exemplo aos outros bandidos que então infestavam a zona sertaneja do nordeste.

Grande foi o numero dos que, por pequenos furtos nas feiras, uma peça de renda ou uma rapadura, foram obrigados a confessar em plenas ruas da cidade, ou até de porta em porta, que eram ladrões. Alguns faziam-no soluçando, para não ser açoitados, soffrendo, além da pena imposta pela lei, mais aquelle castigo moral, talvez peor que o outro.

Levado á prisão, Vicente não poude provar sua innocencia, porque não foi submettido a nenhum interrogatorio. Teve que cumprir o castigo imposto aos outros, muito embora, nas horas de repouso clamasse sempre: "Eu sou innocente! Eu nunca fui ladrão!"

Certa noite, porém, foi acordado pela madrugada. Os soldados pu-

O LADRÃO

(Conclusão)

zeram-no entre elles e mandaram que marchasse. Obedeceu. Até que emfim, pensava, ia ser removido para o Crato. Sabia, estava certo de que lá seria logo solto.

E começou a reflectir, alegre por ver o seu martyrio diminuido. Pareceu-lhe achar mais brilho nas estrellas, mais alvo o amplo lençól de areia que marginava a rodagem. Ia satisfeito. Sorria. Tinha a esperança de, em poucos dias, rever a esposa querida e — quem sabe? — o segundo filhinho.

Quando já estavam muito distantes Vicente ouviu os soldados cochicharem alguma coisa entre si. Não ligou. Estava, emocionado. Parecia até que os soldados ficavam atráz e elle ia só na frente. Olhou para os lados, disfarçadamente. Era verdade; os soldados tinham ficado atráz.

Vicente desconfiou. Começou a estranhar a attitude dos seus algozes. Virou-se. Os soldados apontavam as armas em sua direcção. Comprehendeu a cilada. Quiz fugir; não poude. Quatro tiros reboaram no silencio da noite e, um pouco distante, o alagoano cahiu na areia varado por balas, estrebuchando-se, gemendo, imprecando, clamando por um nome de mulher, até ir aos poucos se aquietando, estremecendo devagarinho, tornando-se hirto, as mãos crispadas, a bocca mergulhada na areia embebida do seu proprio sangue.

* * *

No outro dia, um molecote apresentou-se na Cadeia Publica, onde soubéra encontrar-se um preso que respondia pelo nome de Vicente.

Fôra dizer que o seu filhinho havia nascido e que a mulher, por vêl-o longe de si ha tantos dias, enfraquecida, estava em estado desesperador, havia ficado louca, completamente louca...

De Regina Reziere

melhos e cheirosos como na vida nunca vira. E a velhinha bebe da fonte e come do fructo. Saciadas sêde e fome, prosegue a jornada. A jornada para a felicidade, pois lá no fim da estrada doirada de sol e toda florida a esperam o marido e os filhos ha tantos perdidos. A' medida que vae caminhando, sente-se a velhinha mais leve e mais ligeira. E' como um retorno á mocidade. E ella continúa a caminhar... continúa a sonhar... E no sonho é feliz. De uma felicidade mansa, suave. Tão suave e tão mansa como o seu coração.

Na manhã seguinte, a velhinha não acordou.

O sol — que brilha tambem para os pequeninos, os miseraveis, em vão lhe veiu dar "bom dia".

Ella fôra assim, feliz, s o n h a r, mansamente, suavemente, na eternidade.

— Sim, acceito com prazer um passeio, mas, antes de entrar ahi, tens que me jurar que não passarás de 100 kilometros...

Seara alheia

OS «CLOWNS»

Pela bocca dos *clowns* exprimiu Shakespeare o que ha, talvez de mais profundo na sua philosophia. Isso; com uma ironia suave, com uma melancolia burlesca, com esse humor que se poderia symbolisar numa lagrima que sorrise.

Um *clown* artista, um verdadeiro palhaço é tão raro como um grande tenor ou um grande artista dramatico. Se algum logra sobresahir, já pode estar seguro de fazer fortuna.

O celebre Chadwick deixou, ao morrer, uma bella fortuna adquirida á custa de piruetas e de pilherias. São, porem, bem pouco os que, ao cabo de uma vida errante e exhaustiva, conseguem tão brilhante resultado.

Os artistas de circo, em regra geral, são imprevidentes. Boa gente, quasi todos. Amantes das boas roupas, das joias vistosas, verdadeiras ou falsas. Bons bebedores e jogadores são, no emtanto, pouco dados ás grandes paixões porque o amor é uma exaltação nervosa e sabe-se que a fadiga muscular é o melhor calmante para os nervos. Casam-se, porem, muito jovens, como os soberanos por necessidade de Estado: são dois soldos que se unem, mais que dois corações. Contra a opinião commum, são paes carinhosissimos e qualquer menino de boa familia, atormentado por mestres ou paes valdosos, é mais digno de compaixão que os garotos de circo.

E' uma gente digna de estudo, uma raça especial, como os ciganos, sem patria, sem caracter de nacionalidade, polyglota, cosmopolita e, apesar disso, conservadora de tradições immemoriaes. — JACINTO BENAVENTE.

RETALHOS

O homem é o ser mais ambicioso da creação. Quer chegar ao limite de todo horizonte e á realização de todo desejo. E sempre está a vislumbrar um horizonte mais distante e um novo desejo sempre alimenta, sempre o incita e estimula. Ainda bem que a terra é quasi espherica, de modo que os horizontes não acabam nunca, como não acabam nunca os desejos, porque das proprias cinzas de um que se realiza brota outro mais ardente que o anterior. — JOSÉ ECHEGARAY.

No antigo Egypto, nos tempos phantasticos dos phantasticos pharaós, tambem os miseraveis "fellahs" podiam consultar as potencias superiores por intermedio dos sacerdotes disso encarregados. O deus consultado respondia, então, com gestos e ademanes apropriados.

Esses gestos e ademanes eram, porém, executados por estatuas "falantes", geralmente feitas de madeira, e pintadas e douradas como as estatuas ordinarias. Deslocavam-se, porém, moviam-se, levantando os braços ou os baixando de modo que a mão sempre se pudesse apoiar sobre um objecto qualquer. A cabeça oscillava em todas as direcções, movendo-se sobre os hombros, facilmente, e, não raro, se permittia o luxo de... sorrir.

Todos os gestos e ademanes desses verdadeiros fantoches, como os seus sorrisos e as posições que tomavam, eram produzidos por meio de um cordel muito fino que o sacerdote ia puxando nos momentos opportunos.

Desta fórma, a um empurrão, o deus Anubis respondia ás perguntas dos seus ingenuos interlocutores.

VÔOS SEM MOTOR

O notavel aviador allemão Franz Groenhof, atirando-se de uma altura de 3.400 metros, nos montes Jungfrau, sobre o nivel do mar, num apparelho sem motor, chegou, em menos de cincoenta e seis minutos, á localidade de Interlaken. A velocidade do vento foi de uns dez metros por segundo, durante a audaciosa e arriscada prova. Depois de executar uma quantidade de circumvoluções sobre o valle de Lauterbrunen, o avião sem motor enfiou, tranquillamente, na direcção das escarpas da montanha, como se fosse arrebentar-se contra ellas.

A multidão que assistia á extraordinaria prova fremiu, apavorada, ante a imminencia da catastrophe. Qual, porém, não foi o seu pasmo ao vêr que o apparelho, como se respondesse á energia propulsora de um enorme motor, se alteava sobre os picos, rumando para Interlaken, onde chegava minutos depois sem qualquer novidade! Sem qualquer, dizemos mal, porque houve uma novidade: emquanto o apparelho voava sobre a pequena localidade, Groenhof notou que penetrava em uma especie de vacuo. Então, com uma tranquillidade unica, aterrissou em uma praça de uma quadra — a unica existente no povoado — ante o pasmo geral dos habitantes.

Acreditou-se, a principio, tratar-se de um accidente e a multidão correu para o avião.

Mas, para maior admiração dos curiosos, Groenhof, com a cara mais ingenua deste mundo, apenas perguntou:

— Poderão dizer-me onde ha aqui um cabellereiro? Durante o vôo cresceu-me o cabello...

Edgar Wallace — O HOMEM SINISTRO — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 5$

THE SINISTER MAN apparece traduzido por Erico Verissimo. E' um dos melhores livros do grande novellista, recentemente fallecido. A attenção do leitor prende-se da primeira á ultima pagina do volume, deante do extraordinario genio inventivo do escriptor.

Antonio Marrocos — PAGINAS SOLTAS — Emp. Industrial — Recife — 1932

O autor reuniu em volume trabalhos de generos diversos. Muito moço ainda, o sr. Antonio Marrocos podia deixar para mais tarde a apresentação do seu primeiro livro.

Teria tempo para seleccionar a sua producção, offerecendo ao publico um volume que despertasse maior interesse, pois o joven escriptor tem talento.

Alcibiades Delamare — A BANDEIRA DO SANGUE — Rio — 1932

O sr. Delamare publicou, no *Jornal do Commercio*, uma série de artigos combatendo o *communismo*. Agora, reuniu-os em volume, com um titulo rubro e uma capa de metter mêdo.

Catholico, o autor encara o problema do seu ponto de vista.

Não emittimos juizo acerca da theoria desenvolvida pelo autor, porque sobre o assumpto quasi nada conhecemos.

Limitamo-nos a registar o nosso assombro deante do numero crescente de obras de combate ao *communismo*, prova de que o numero de *entendidos* da materia avulta, no pacato meio brasileiro.

Baroneza Orczy — ELDORADO — Comp. Edit.ª Nacional — S. Paulo — 5$

MAIS um volume da fecunda escriptora, excellentemente traduzido por Godofredo Rangel. O romance, vivido no ambiente da Revolução Franceza, desperta o maior interesse, constituindo um magnifico volume da collecção *Para Todos*.

Rafael Sabatini — A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD — Comp. Editora Nacional — 1932 — 5$

ESTE livro, como quasi todos da immensa obra de Rafael Sabatini, é bastante curioso. Os amantes da literatura de aventuras não devem perdêl-o de vista, tendo este volume relação com o já publicado sob o titulo *O capitão Blood*, da collecção *Para Todos*.

Erich Maria Remarque — REGRESSANDO DA GUERRA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931 — 7$

ESTE livro é o proseguimento de *Nada de novo na frente occidental*, obra que despertou successo mundial, sem precedente, na historia da literatura *aprés la guerre*. Formidavel libéllo contra a guerra e seus aproveitadores, traçado pela penna vigorosa de Remarque, este volume tem as mesmas caracteristicas do primeiro, despertando vivo interesse.

Rafael Sabatini — O PRINCIPE ROMANTICO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

O famoso romancista, cuja obra está traduzida nas principaes linguas, neste livro, offerece aos leitores interessantes surpresas em paginas que são um tecido de empolgantes aventuras.

A apresentação material do volume, que contém 405 paginas, é primorosa.

P. C. Wren — BEAU SABREUR — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 5$

ESTE volume da collecção *Para Todos* desperta um vivo interesse. Affirma o autor que tanto os successos narrados como as scenas descriptas não foram fantasiadas.

Trata-se de um conjuncto de acontecimentos verdadeiros e de personagens reaes que, effectivamente, viveram, amaram, lutaram e soffreram, e de outros que, sem duvida alguma, vivem, amam, lutam e soffrem actualmente. Emfim, coisas extraordinarias como sabe descrevêl-as Wren, o consagrado autor de *Beau geste*.

Augusto Rubião — MANHÃS DE ROSAS — Campanha — Minas

O sr. Plinio Motta, da Academia Mineira de Letras, prefaciando o livro, escreve: "Duas ou tres composições deste volume são bastante para que, de relance, se veja que o poeta de *Manhãs de rosas* é, ainda, principiante. Falta-lhe ao estro

a érea tessitura, que só se adquire com longas e continuas lucubrações no decorrer de muitos annos. Sua fórma é nimio vacillante e foge, mesmo, algumas vezes, aos *canones* da lidima vernaculidade".

Depois de citar Nabuco, accrescenta: "Mas a velleidade, quiçá de querer, logo e logo, apparecer, levou-o a commetter tamanho ousio, apresentando ao publico um trabalho, em tanta maneira defeituoso, quando, observado o preceito de Boileau — *polissez et repolissez toujours*, podia ter nos dado uma obra-prima, porquanto não lhe é parco o talento, que o tem em barda."

Não sabemos porque citar Nabuco e Boileau no prefacio de um livro mediocre. Nem havia razão para o academico mineiro gastar rhetorica, no caso.

O prefaciador começou dizendo a coisa como ella é, mas acabou mal. Póde o poeta polir e repolir, que não conseguirá nada além da *amostra*.

Quanto á *obra-prima*, tem graça. Já é tempo de acabarmos com a tola mania de animar velleidades.

Devemos ser sinceros. Quando lobrigamos uma vocação que desponta, justo é animal-a. Caso contrario, prestamos melhor serviço aconselhando outro officio...

Pelo motivo exposto, a poesia inédita que o autor nos enviou não póde ser publicada. O *poeta* deve incluil-a no livro em preparo. *Folha de malva.*

Berilo Neves — A MULHER E O DIABO — Rio — 1932 — 5$

EM outubro ultimo, quando appareceu este novo livro de Berilo Neves, tivemos occasião de realçar o valor do trabalho do scintillante *conteur*, prevendo, ao lado do exito literario, um ruidoso successo de livraria. Confirmou-se a nossa previsão. São decorridos quatro mezes, apenas, e o livro surge em 2.ª edição, o que importa registar o interesse da acolhida do publico, do exigente publico, que não regateia applausos ao encantador espirito de Berilo, victorioso desde a publicação do seu primeiro volume, *A costella de Adão*. Já externámos a nossa impressão. Contos para serem lidos com um sorriso á flor dos labios e que trazem o sabor inédito, a marca do bizarro talento do autor. Linguagem pura, escorreita, limpida, crystallina, simples, de um cerebro arejado, cuja preoccupação é espargir belleza e não cultivar pessimismos.

Resta-nos esperar a 3.ª edição.

Luiz Muniz — TREMULOS DE FLAUTA — Niteroy — 1932

O melhor do livrinho do sr. Luiz Muniz é o *Preludio*, onde apparecem estas coisas *profundas*: "*Neste Brasil immenso em que tudo é poesia, cada um de seus filhos é um poeta. Cérto inglez, inimigo do chamado sentimentalismo, chegou a dizer, depois de cérta convivencia com a nossa gente — "O mal do brasileiro é ser poeta"... Pensou, naturalmente, como bom inglez... Ronald de Carvalho attribue a nossa tristeza, ás tres raças de que se originou o brasileiro hodierno. Outros attribuem-na á exhuberancia e prodigalidade da nossa Natureza. A meu vêr, nenhuma dessas causas, isoladas, teria produzido o FLOS TRISTIATIAE da alma melanchólica e plangente de nossa poesia. Em conclusão, somos um povo de exaggerado sentimentalismo. E isto muito nos honra. Basta.*

* * *

"*Tremulos de Flauta" não é um trabalho genuinamente nacional, não porque me faltasse vontade de seguir a escola brasileira de Gonçalves Dias e outros, mas, porque o meu natural lyrismo, sem que eu mesmo o percebesse, levou-me a seguir a escola do vate lusitano — Guerra Junqueiro. No Brasil, póde-se contar os que seguem o lyrismo daquelle Homéro das lettras portuguezas. No emtanto, os seus vérsos de onze syllabas têm um rythmo embalador e tão suave...*

Vicente de Carvalho, Paulo Gustavo e o humillimo poéta deste opusculo, parecemos ser os unicos seguidores do laureado vate lusitano.

Não vejo razão para sermos tão poucos...
Depois de Junqueiro, o poéta que muitas vezes tomo-o por Mestre, é o digno Bilac — gloria da lingua Portugueza fallada aqui e além-mar.

* * *

Talvez, — quem sabe! seja este livro o meu canto de cysne... Se assim fôr, levarei para o tédio e o silencio uma grande mágua — a de não ter produzido nada para enriquecer as nossas letras. Por outro lado levarei tambem a dôr profunda de quem vê, depois duma ascenção sublime, a nossa literatura decahir no gongorismo tão extravagante do que se usa chamar hoje em dia de futurismo... Mão grado a imperfeição da fórma, "Tremulos de flauta" é, como tudo o que escrevo, um pouco do meu Sonho e um pouco de mim mesmo. Que o leitor, ao lêr o meu livro, leia-o com benevolencia; deste modo, desculpar-me-á de muitas faltas e deslizes."

O autor não póde contar com a benevolencia alheia, por duas razões. A primeira porque, vivendo num paiz de poetas, terá de enfrentar o *despeito* dos collegas... A segunda é que, sendo membro da Academia Livre de Letras, (?) não tem o direito de esperar a indulgencia da critica para as suas faltas e deslises...

Pois, caros leitores, o *emulo* de Bilac cá está neste primor de soneto, denominado *Vespera de Natal.*

Numa algazarra sem par
A pequenada, contente,
Salta, pula alegremente,
Pelo Natal a chegar!

Lá fóra brinca o luar
Que se dilúe lactescente,
E diz o pae, "seu" Vicente
— São horas de se deitar!

E todos vão para as camas...
Bébé, porém, muito esperto,
Estabelece millramas:

Leva ao leito um novo encargo:
— A bóta de "mestre" Alberto:
(Quarenta e dois — bico largo!)

No nosso modo de vêr, o sr. Luiz Muniz está deslocado na tal Academia Livre de Letras.

Devia passar á outra, *a bôa*.

Agora a occasião é propicia, porque ha vagas, e os candidatos, segundo boquejam, não estão lá muito seguros...

Audaces, etc.

A DUPLA PERSONALIDADE DE LUIS HONORIO PINAJÉ

DE LAURO MENDES

LUIS HONORIO PINAJÉ, com estudada lentidão, deixou a pensão onde morava, na Tristeza, e dirigiu-se, com a alma desafogada, para a casa de Marquita, sua antiga amiguinha dos bailes e dos Caçadores, e que por acaso elle havia encontrado novamente em uma pensão de artistas. Quanta recordação surgiu, então, na alma do bohemio, fitando o perfil suave e delicado da bailarina, em cuja bocca pareciam morar os aromas mais doces que enchiam os prados e as campinas nataes; quanta recordação assaltou a alma romantica do moderno Quixote, onde a impeccavel polaina contrastava gritantemente com o ventre proeminente que a massagem não conseguira fazer desapparecer. Bailavam-lhe na alma a felicidade, o sonho de Marquita, a vida, longe da perdição, uma casinha no Menino Deus, uma viagem a Buenos-Aires e o descanso para ambos. A alegria banhava-lhe a alma; uma melodia suave sahia-lhe do coração, ao trauteio delicado de um tango da moda.

Luis Honorio Pinajé atirou-se ao primeiro "omnibus" que passava, e, alheio ao arruido humano, só via em sua frente um halo de luz onde apparecia Marquita, emquanto o vehiculo o levava até a rua Marechal. Ia certo de conquistar a Felicidade. Que surpresa seria para Marquita!...

* * *

Tão absorto estava Luis Honorio Pinajé no seu sonho, que se esqueceu da maneira mais pratica de descer do omnibus, e em consequencia da imprudencia que teve em saltar do vehiculo em movimento — apesar da terminante prohibição exposta em logar bem visivel — levou formidavel tombo, batendo com a nuca no asphalto. E, em consequencia do golpe na nuca, Luis Honorio Pinajé perdeu a memoria, esquecendo-se de tudo, inclusive de Marquita; esqueceu-se completamente de toda a vida anterior, que era rica de acontecimentos, de maior ou menor importancia.

Apenas desmaiado, foi levado para o posto Sanitario mais proximo, e, ainda inconsciente, foi revistado por um medico diligente, depois de duas horas de espera. E foi então que começou a sua "via-crucis" de doente desconhecido; do posto sanitario passou a um hospital, e dahi a um manicomio. E apenas voltou a si, Luis Honorio Pinajé poz-se a tomar attitudes de criança ao envez das de homem.

Entretanto, a identidade do paciente continuava desconhecida. A primeira vez que lhe perguntaram o nome, respondeu: "Não sei". Em occasiões posteriores, soube responder com verdadeiro bom-humor: "Não me recordo, mas isto é o menos. Chamem-me de Costa, Mendes, Dantas.... mais ou menos..."

Luis Honorio Pinajé não tinha parentes proximos, e sim muitos conhecidos, porém difficilmente contava entre elles com um amigo verdadeiro. Sua biographia, até o momento do golpe fatal, poder-se-ia concentrar nestas feias recommendações: jogador, brigão, mulherengo, amante da bebida e noctambulo. Explicava-se, assim, que naquella triste emergencia não houvesse parentes nem amigos que lhe extendessem a mão.

* * *

Na ultima casa de saúde onde Luis Honorio Pinajé descansára os moidos ossos, era chefe dos internos, proximo a doutorar-se, o senhor Honorio Moraes.

Honorio havia conhecido a Pinajé em época um tanto remota, porém, não obstante não haver lidado intimamente com o paciente, em virtude de suas viscosas modalidades, logo que o viu, correu amistosamente para elle, e estendeu-lhe a mão, que o alienado tratou de recusar. A principio o interno ficou surpreso, porém ponderando, verificou que, si Luis Honorio Pinajé não era alli nem medico nem enfermeiro, só poderia ser outra coisa: louco. E depois de serenar-se e pensar, Honorio Moraes chegou á conclusão de que Luis Honorio não poderia ter assim tão facilmente perdido "razoavelmente" a razão. E interessado e estudioso, Honorio Moraes reconstruiu toda a vida e os antecedentes do "815", e, depois de muito observar e estudar o paciente, expoz aos professores as conclusões a que chegára. O "815", ou simplesmente, o Pinajé, não era nenhum louco, havia unicamente perdido a memoria, em consequencia do golpe. Luis Honorio Pinajé havia começado a viver de novo. O golpe tinha interessado de tal maneira um centro nervoso, que fôra de capital importancia para o que se refere á memoria e á recordação.

E acceita a these do quasi doutor e alienista, este conseguiu que lhe fosse permittido cuidar especialmente do enfermo, e levou-o para sua casa.

E começou assim a segunda vida de Luis Honorio Pinajé.

* * *

Honorio, agora "Dr. Moraes", acariciava a idéa de um duplo triumpho: a re-educação do desmemoriado, e a reconquista da memoria perdida.

A re-educação começou com relativo exito. As virtudes de pe-

(Continúa na pag. seguinte)

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

Sabem todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

A DUPLA PERSONALIDADE DE LUIS HONORIO PINAJÉ - (Continuação)

sar e de agir como um homem não estavam de todo extinctas nem totalmente abolidas no cerebro doentio de Pinajé. Com paciencia, Honorio Moraes se encarregava de encher os claros que Luis Honorio geralmente fazia em suas conversações. A principio, o paciente, embora escrevesse bastante, fazia-o tortuosamente; comia geralmente a metade das phrases, ou, depois de alinhaval-as, passava-as a limpo, deslocando-as a ponto de tornar incomprehensivel a escripta. Paulatinamente, depois, graças á intervenção de Honorio Moraes, chegou a fazêl-o correctamente.

Convencido e seguro do seu methodo, o alienista conseguiu para seu pupillo um cargo numa casa commercial. Poude então notar o triste e desinteressado agradecimento do enfermo, a quem não passava despercebido o labor desenvolvido pelo medico em seu proveito. E era forçoso notar que a re-educação somente o era em parte, pois as novas modalidades da vida de Luis Honorio differiam totalmente das de sua vida anterior. Cumpria agora meticulosamente seus compromissos, era pouco amigo das mulheres, ás quaes dizia não entender, repudiava todos os vicios, que somente tolerava nos desilludidos e cansados de viver, e parecia que Luis Honorio Pinajé havia nascido pela segunda vez, já em plena maturidade e em inteiro dominio de sua consciencia.

* * *

Si bem que a primeira parte do programma, como se pode apreciar, foi coroada de inteiro exito, a reconquista da memoria perdida significou para Moraes um quasi fracasso. O novo Luis Honorio permanecia alheio a toda e qualquer influencia anterior a seu novo nascimento. E o dr. Moraes — qual novo Pigmalião — estava quasi ou totalmente enamorado de sua nova obra, porém, em virtude da difficuldade encontrada, chegou a pensar que a reconquista do mysterioso passado poderia significar para Luis Honorio uma dolorosa e desnecessaria tara, e foi por isto que se empenhou vivamente em descerrar o véo impenetravel que se interpunha entre a primeira e a segunda vida do seu paciente. Animava o alienista a esperança de que, voltando á vida anterior, reeducado como estava, Luis Honorio pudesse a vir ser considerado entre os amigos um exemplo de educação, e, consequentemente, fornecesse um attestado vivo de sua competencia e saber.

* * *

Decorreram mais de quatro annos, durante os quaes Luis Ho-

— Presta attenção, Arthur... não te parece que está cheirando a queimado?

norio Pinajé conseguiu captar a estima de todos que com elle lidavam. Summamente regrado e methodico, em tão pouco tempo conseguiu fazer-se dono de um pequeno capital com o que pretendia começar agora a trabalhar por sua conta. E o exito trouxe para Luis Honorio Pinajé certas aspirações de que não estão isentos nem mesmo os que perderam a memoria: amar e ser amado. E por um desenrolar curioso de coincidencias, surgiu o primeiro problema grave de sua nova vida: o medico e o paciente elegeram ambos a mesma mulher.

Em tal emergencia, foi indubitavel a superioridade de Luis Honorio sobre Honorio Moraes, circumstancia esta que fez o novo Pigmalião vacillar entre a admiração pela perfeição de sua obra e a inveja do demasiado exito alcançado. Constante observador, estudioso da psycho-analyse, o alienista estudou a questão, e, de deducção em deducção, chegou a descobrir o "porque" da superioridade do doente, não somente naquelle momento, porém, em muitos outros, ao que, aliás, elle Moraes não havia ligado a minima importancia. Elle havia educado um homem de já trinta annos, o havia collocado na senda do bem, levara-o no caminho de uma vida livre e sem compromissos, e Luis Honorio havia sabido viver aquelles quatro annos. Por outro lado, qualquer má acção praticada significa um peso moral que, em certos momentos, as mais claras virtudes não conseguem contrabalançar — dahi a presença de remorsos em creaturas impeccaveis — e, felizmente, Luis Honorio, por obra de sua desventura, não se recordava de mal algum feito. Si a experiencia é a mestra da vida, em um mundo ideal, ou então entre pessôas sinceras e honestas, a ingenuidade e a franqueza constituem as melhores virtudes. Assim se explicava a ascendencia de Luis Honorio, ingenuamente classificado de probo e bom entre os do seu circulo, quando somente Moraes, que conhecia a sua condição de recem-nascido, poderia qualifical-o de "infantil" e calcular o perigo de uma subita volta á memoria perdida.

* * *

Convencido de que estava correcto pensando daquella maneira, Honorio Moraes dispoz-se com todo o afinco a ganhar para a sua obra a memoria perdida: pelo menos, assim, lutariam em igualdades de condições. Poz-se tenazmente a estudar e a observar, até que certo dia vislumbrou a occasião propicia para uma experiencia definitiva. Todas as vezes em que passavam pela rua do Ouvidor, Luis Honorio Pinajé, ao chegar em frente a certo estabelecimento, si vinha pelo lado esquerdo, cruzava mecanicamente a rua, e si vinha pelo direito, apressava automaticamente o passo. Honorio Moraes, que havia fixado este suggestivo detalhe, certo dia encaminhou-se sozinho somente até a frente do estabelecimento e verificou á esquerda uma pequena escada, encimada pela placa de uma alfaiataria.

O alienista subiu até o primeiro andar, e em presença do dono do negocio, que demonstrou conhecer Luis Honorio Pirajé, ante a photographia que lhe foi mostrada, para inteiral-o da desdita do amigo, contou-lhe a historia do desmemoriado.

— Faz cinco annos que Luis Honorio perdeu a memoria, e agora

(Continúa na pag. seguinte)

O carteiro — E dizer-se que me esqueci de pôr no correio as minhas cartas de boas-festas!

A DUPLA PERSONALIDADE DE LUIS HONORIO PINAJÉ - (Conclusão)

é um homem bom, educado, trabalhador e virtuoso como poucos...

O alfaiate, que ouvia a historia com pouco interesse, com gesto flammante, não o deixou proseguir:

— Faz cinco annos, você diz? Pois eu lhe posso assegurar que faz muito mais...

Dito isto, sacou de sua escrivaninha um livro de contas-correntes e, marcando uma folha, pôl-o ante os olhos assombrados de Honorio Moraes, ajuntando:

— Veja. Faz dez annos que eu fiz um terno para este sujeito; deu-me uns vinte mil reis por conta, e, depois, nunca mais lhe vi o focinho. Ah! Ah! e você crê que ha apenas cinco annos que perdeu a memoria? Essa é bôa!

E o ludibriado alfaiate voltou a rir-se forçadamente.

Honorio Moraes prometteu-lhe que a conta seria breve saldada. E pensativo voltou á casa. E conjecturou que, talvez em presença daquelle alfaiate, a quem Luis Honorio Pinajé evitava vêr, por inveterado costume dos seus habitos de devedor, talvez em presença delle o enfermo recuperasse a memoria e fosse possivel a reconquista do passado. Intimamente, riu-se Moraes, pensando como não faria com Luis Honorio o feroz alfaiate, pouco ligando a que elle estivesse integrado em uma nova existencia.

* * *

Sereno, commodamente refestelado em uma poltrona, o alienista meditava. Via em sua frente a sua obra, aquelle Luis Honorio bom, virtuoso, puro, honrado, considerado, comparado áquelle outro, bohemio, jogador, mulherengo, excusando-se deante daquelle alfaiate feroz e desilludido. O medico pensava que seria offender a sua propria obra levar o homem re-educado áquelle negociante torpe e boçal. Seria deshumano e cruel perseguir o peccador arrependido com a lembrança dos seus peccados anteriores, e que a um desmemoriado, por culpa de um bom ou mão tombo, não se deve fazer ler, depois de consummado o accidente, a taboleta que prohibe de se saltar em movimento. E esta reflexão, noutro caso risonha e grotesca, neste resaltava normal e veridica.

* * *

E foi assim que, convencido pela bondade de sua meditação, ou porque não quizesse desprestigiar a obra de que se considerava glorioso autor, Honorio Moraes resolveu permittir que Luis Honorio Pinajé — conforme as razões expostas — continuasse vivendo a sua segunda vida com vantagem, bom, virtuoso, honrado, considerado, sem pesos de consciencia, e, o que é mais, definitivamente de posse da dama que fizéra surgir a primeira duvida entre o mestre e o discipulo.

E hoje elle é feliz...

VICTORIA! — General barão, o exercito inimigo foi completamente destruido!

— Mas, com todos os diabos! Que iremos fazer agora?

A MANCHA QUE SE LIMPA

— Sujei de molho o meu vestido!
— Oh, não faz mal! — diz o marido —
Elle lavado fica bem...
— Mas não desbota? — Xão, querida,
Esta fazenda foi tingida
Com as anilinas INDANTHREX.

Os tecidos e fios tintos com corantes INDANTHREN resistem, de modo insuperado, ás influencias do sol, da chuva e ás repetidas lavagens. Verifique a etiqueta registrada ao lado.

RIVALIDADES

JIM, á medida que ia mostrando isto e aquillo ao seu convidado, trocava olhares ironicos, maliciosos com os seus camaradas. Tinham todos a antecipada certeza de que o hospede deante de cousa alguma se mostraria admirado ou, mesmo, satisfeito, sempre a accentuar o seu conhecimento de c o u s a s superiores ao que porventura estiesse vendo, tudo isso dito num tom de impertinente desdem.

Era um inglez enviado ao Colorado pela casa que representava, afim de ahi obter alguns contractos com as granjas productoras de p e l l e s (renards).

Recebeu-o um grupo de rapazes alegres que, antes de o iniciarem nos segredos da creação que viera estudar de perto, entenderam prestar ao hospede as honras de uma excursão pelas Montanhas Rochosas, o que quer dizer uma série de lunchs, pic-nics, jantares, e, sobretudo, passeios interminaveis ora no auto de um, ora no de outro...

Os americanos orgulhavam-se ao mostrar ao sr. Bolder suas immensas paysagens, a neve eterna, no alto, e, embaixo, a neve perfumada cobrindo os ramos das arvores fructiferas. Era pleno maio no tempo e nas profundezas da montanha selvagem e bella.

As enormes formas azuladas das montanhas confundiam-se, no céo, com as nuvens sempre accumuladas, d e n s a s, mesmo quando fazia o mais lindo sol, como se estas formassem uma outra cadeia de montanhas, superpostas áquellas — espectros inconscientes sobre a rigidez dos cumes altaneiros.

Por vezes, deante de um posto de "gazolina", o auto, sedento, bebia a longos haustos, para tomar novo alento. Depois, nova arrancada pelas estradas que cortaam a região. No volante, Jim, calmo, seguro, fazia prodigios, pondo o carro em verdadeira disparada. Isso, porem, não impedia que elle, como um americano que se preza, deixasse de tomar parte na conversação geral, alegremente, como se o auto em desabalada carreira fosse a coisa mais natural deste mundo.

Mister Bolder, de casaco e chapéo côco, em meio ás camisas de côr, aos trajes de *cow-boy*, e aos lenços esvoaçantes, presos aos pescoços cosidos ao ar livre, respondia a expansibilidade e ao riso barbaro de seus hospedeiros por um laconismo que mais e mais se accentuava. Sem duvida aquillo tudo era um verdadeiro supplicio para elle: pela primeira vez vinha á America, e, naturalmente, era com o maior desprazer que via sua lingua natal deformada pelos que a falavam pelo nariz,, fanhosamente. "E o *slang* desses rapazes — dizia para si mesmo — que teem a pretensão de falar o inglez?"

Apesar disso, era na sua vaidade nacional que mais elle se sentia ferido. Tanto que cada vez que os moços americanos lhe faziam observar qualquer cousa particularmente bella, imperturbavelmente elle respondia:

—Temos muito melhor na Inglaterra.

No Jardim dos Deuses, proximo de Colorado-Springs, no meio dos picos aguçados e das rochas, gigantes de perfis de animaes apocalypticos, *mister* Bolder não conteve sua admiração, que logo, porem, disfarçou. Lançou sobre aquelle conjuncto allucinante, pelo seu enorme poder de impressão, um olhar vexado, tossiu fracamente, e, pela decima vez, embora com um tom menos s e g u r o, repetiu, obstinadamente:

—Temos melhor, mais bonito, na Inglaterra.

Depois de dois dias dessa excursão um tanto diabolica, e como os negocios mais sérios tivessem de começar no dia seguinte, os americanos, cada vez mais alegres e divertidos deante da attitude do seu inglez, concertaram um final de acto capaz de terminar brilhantemente aquelles dias de excellente folga.

Mister Bolder estava installado no bungalow de Jim, casa de um só a n d a r, construida no flanco da montanha, em frente de Pikes-Peak, que se erguia altaneiro, muito branco, sob o seu chapéo de neves.

Depois do jantar, ao pé da chaminé immensa e primitiva, onde crepitava um fogo amigo, combinaram deitar-se bem cedo, afim de se levantarem todos pela madrugada.

Conduzido ao seu quarto por Jim e seus dois camaradas, *mister* Bolder, depois de trocados os cumprimentos de costume, cerrou a porta, que não tinha chave, nem ferrolho, e, só, nesse ambiente balsamico, começou a tirar a roupa.

Voltando para perto da chaminé crepitante, os tres rapazes apagaram a luz e ali permaneceram sem dizer palavra, á espera do que iria acontecer. Cerrando os labios mal continham o riso prestes a rebentar.

Passaram-se ainda uns cinco minutos para a "peça" se produzir. De repente um grito, que mais parecia um berro, quebrou o grande silencio do bungalow. Erguendo-se de um salto os tres americanos correram até o quarto de *mister* Bolder. Este, em pé sobre uma só perna, e em camisa, tinha um ar de assombramento.

— Que foi? Que ha?... Que se passa, *mister* Bolder?...

— Aquelle maldito animal na minha cabeceira, ali, olhem! Estava na minha cama, mordeu-me!... Oh! Ai! Ai! Acudam-me! Tirem isso d'ahi!...

Pasmos, estupefactos, os dois companheiros de Jim nem se moviam. Jim, porem, mantinha-se serio e calmo. Fez menção de examinar a perna do inglez que a pequena tartaruga-pinça (commum no Colorado) escondida na roupa de cama do hospede, devia ter apertado um instante entre as suas maxillas.

— Ora, *mister* Bolder! E' uma tartaruguinha inoffensiva! Uma variedade das insignificantes tartaruguinhas americanas...

E, saudando-o, antes de se retirar, com o seu grande chapéo á mexicana, rematou:

— Mas, com certeza, *mister* Bolder, na Inglaterra haverá coisa muito melhor, não é?

LUCIE DELARNE-MARNEF

Os Novos Volumes da
Collecção PARA TODOS
Rafael Sabatini (O Dumas moderno) A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD
Edgar Wallace - O LEÃO DA BOLSA
" " - UM PERFIL NA SOMBRA
Elinor Glyn - MACHO E FEMEA
E. M. Hull - O FILHO DO SHEIK
P. C. Wren - BEAU SABREUR
A melhor serie de romances, dos mais interessantes autores do mundo.
AMOR...
MYSTERIO...
5$
Brochura
Encadernado
7$
HISTORIA...
AVENTURA...
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
RAFAEL SABATINI
A Volta do Capitão Blood
P. C. WREN
BEAU SABREUR
O FILHO DO SHEIK
E. M. HULL
EDGAR WALLACE
Leão da Bolsa
EDGAR WALLACE
Um Perfil na Sombra
MACHO E FEMEA
ELINOR GLYN
VOLUMES JA PUBLICADOS:
RAFAEL SABATINI (O Dumas moderno) O Principe Romantico
Scaramouche
O Gavião do Mar
O Capitão Blood
BARONEZA ORCZY O Pimpinella Escarlate
Novas Aventuras do Pimpinella Escarlate
A Victoria do Pimpinella
Eu me vingarei
O Tyranno
Eldorado
EDGAR WALLACE O Homem de Marrocos
O Commandante de Almas
O Milhão Perdido
O Gabinete No. 13
E. M. HULL O Sheik
E. BARRINGTON A Divina Dama
P. C. WREN Beau Geste
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26 e 28 — CAIXA POSTAL, 2734 — SÃO PAULO

O "PERDIDO..."

— ... E' um bom homem, dizia, mentalmente, madame Dieu... Um bom homem!... Infelismente, porém, bebe!

— Mas elle não é um infeliz, um desgraçado! respondeu sua visinha, madame Leroux, que viera tomar o café. Com o nome que tem: mestre Dieu, bem merecido, aliás, porque elle é honesto, sensato, criterioso, sabendo fazer sua paschoa e nunca deixando de assistir sua missa aos domingos.

— Sim, como ainda hoje o fez, indo á missa da manhã. Infelizmente já estava embriagado e ainda não eram bem dez horas!

E accrescentou:

— ... Ninguem já o chama mestre Dieu... E' o "Perdido"... Sim. Deram-lhe este nome desde a vez em que levei a procurál-o três dias sem o achar... Encontrei-o, por fim, a dormir sob o montão de ferro de uma granja que não era a nossa. Entrára lá sem saber o que fazia, naturalmente para curtir a bebedeira. Foi dahi que começaram a lhe chamar o "Perdido", porque já ninguem esperava encontrál-o. Um homem que tem alguns bens, que é proprietario...

— E que tinha uma voz tão agradavel, quando cantava acompanhado pelo orgão da egreja.

— Ainda tem sua bella voz. E não sei mesmo como a tem conservado, bebendo como bebe...

— O sr. vigario lamenta muito que elle não continue a cantar na egreja...

— Sim, é realmente lamentavel e o sr. vigario tem razão, porque não encontrará nunca quem o substitua. Em Vaurois não ha outro que possua uma voz como a delle melodiosa, cheia, bem timbrada.

O sr. vigario, porém, não poude conservál-o.

Em vão os sinos bimbalhavam: elle não apparecia. Em vão mandavam o sachristão procurál-o: elle mal se voltava para dizer: "Toma um calice!" Ou, então: "Vai..." e soltava um nome feio...

... Depois disso, arrependia-se, tinha remorsos, corria a confessar-se. Dizia-se um "porco", um grande porco, e que não voltaria mais a conduzir-se assim...

Mas, recomeçava. E até os pobres defuntos elle fez esperar, á porta do cemiterio...

— Torna-se máu, quando bebe?

— Nem tanto... Raramente me bate. Um bom homem. Um pobre diabo de homem, como lhe disse... A's vezes dá para chorar como uma creança. E diz que está condemnado, que irá para o inferno — quando morrer. De outras occasiões, troça, torna-se irreverente, blasphemo, mesmo, e começa a trautear cada coisa que em nada se parece com os cantos da egreja...

— Onde está elle, agora?

— Está ali, ao lado, dormindo. Nesse estado nada ouve, senão quando quer...

* * *

Parece, porém, que elle "queria", porque, de repente, ouviu-se o barulho de um corpanzil a se espreguiçar, a se erguer. Depois uma tosse de quem concerta a garganta. E, mais logo, com surpreza, soava, forte, limpida, uma bella voz que ia do tenor ao barytono facilmente. Tão alta e tão forte, ás vezes, e de um timbre tão puro!

Que belleza quando entoou o "*Laudate Dominum omnes gentes, laudate Dominum omnes populi!*"

— Em nada mudou, em nada mudou! exclamou, admirada, madame Leroux... Parece um gramophone!...

— Oh! realmente é bella a sua voz! disse a esposa, com um certo orgulho.

Abriu-se uma porta e appareceu um grande diabo sem um cabello branco, apesar dos seus cincoenta annos. A barba nada adeantava porque mestre Dieu cognominado o "Perdido" se barbeára antes de começar a beber e tinha o rosto vermelho e liso.

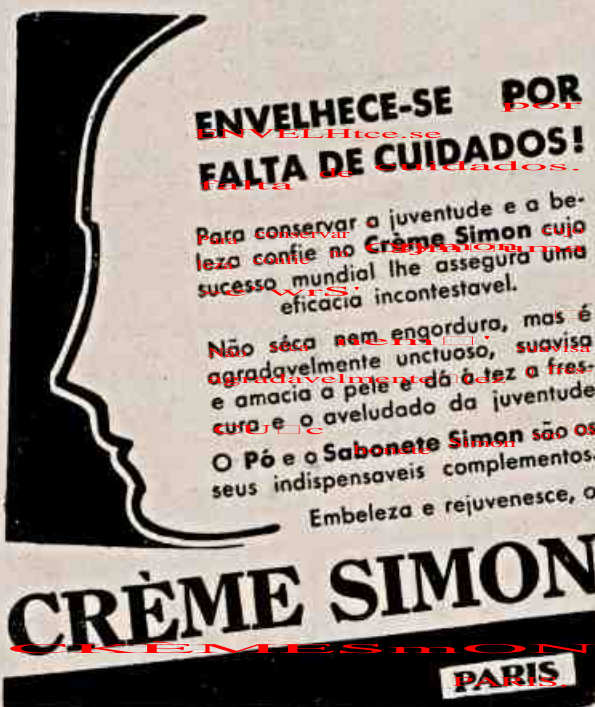
Da altura de duas e meia barricas, redondo e roliço como uma só, apparece em mangas de camisa, a sungar e ageitar as calças. A expressão de seus olhos, vaga, chorosa, parecia retratar a sua volumosa cara de alcoolatra inveterado. Não cambaleava. Marchava direito, mecanicamente.

— *Dixit Dominus domino meo*, começou.

Interrompeu-se para declarar brevemente:

— Sêde!...

A mulher, solicita, encheu-lhe meio copo de café. Vendo, porém, a garrafa de aguardente elle vasou o café na cafeteira e substituiu-o pela cachaça. Fez isso naturalmente, sem vasar uma gotta, embora sua mão tremesse bastante.

Madame Dieu tomou, depois, a garrafa e, sem dizer uma palavra, fechou-a no armario, guardando a chave da peça no bolso do avental.

O "Perdido" limitou-se a rir de bôa vontade, fazendo tilintar algumas moedas que tinha no bolso. Depois, verificando a modicidade da somma, foi ao quarto e de lá voltou a contar, ostensivamente, algumas notas. E dirigiu-se para a porta.

— Para onde vaes, ainda? perguntou-lhe a mulher.

— Para onde me aprouver!...

Reflectindo um pouco e sempre sorridente, manso, ajuntou:

— Beber, já que queres saber!

Pierre Mille

— Mas, mestre Dieu, permitta-se observar madame Leroux, seja razoavel, o senhor já bebeu sua bôa dóse...

— Ah! a esse respeito, só eu proprio sei quando tenho a minha conta...

Sua mulher não se conteve mais:

— Sim, vaes beber! Beberás tudo! Já bebeste uma propriedade, beberás as outras! E, depois, o gado... depois a casa!

— Ah! isso não seria possivel, disse elle, tristemente: infelizmente, pelo nosso contracto de casamento, todos esses bens te pertencem!

Era verdade. Ao casar-se, elle apenas possuia uma propriedade — a que vendêra. O resto pertencia á mulher. Eram os "paraphernaes" de madame Dieu, nos quaes não podia tocar, em virtude do contracto redigido segundo os costumes da Normandia.

Batida, por esse lado, ella appellou para outro recurso:

— Beberás tua morte! Tua morte, sim!

— E que tens? Se isso me agrada... Que seja rapida e bôa... Ficarás viuva e rica, para tentar nova partida! — disse mestre Dieu, um tanto perturbado.

— Bebes a morte! Está a beber a morte! O medico o disse! E irás para o inferno. Para o inferno, onde vão os bebados! O sr. vigario o disse! Serás capaz de dizer que elle nunca te disse isso?

— Realmente, elle m'o disse isso, mais de uma vez, concordou mestre Dieu.

— E, no inferno, tu arderás, a fogo lento, por toda a eternidade! E sem beber, sem beber sequer uma gotta, para te refrescares do calor das chammas!

— Sem beber!... pensou mestre Dieu.

— Sim, sem nada beber! assegurou-me o sr. vigario.

Mestre Dieu, impressionado, sentou-se novamente.

— E o diabo far-te-á soffrer horrivelmente, espetando-te, e virando-te e revirando-te na sua enorme grelha de assar os bebados!

— Sem beber! repetiu mestre Dieu, mais acabrunhado e apavorado por esta ameaça que pelas outras provações.

Levantou-se e deu algumas voltas pela pequena sala, como uma alma penada. Chegou á janella e deixou errar o olhar sobre as coisas.

Madame Leroux e sua mulher parecia que não existiam para elle. Ellas o aborreciam. Era domingo e elle era bom christão, apesar do seu vicio, e crente mesmo como uma creança. Então, que fazer senão beber? Abandonou a janella resolutamente disposto a sahir.

— Vou-me! disse num tom curto e secco.

Madame Dieu não lhe perguntou mais para onde. Sabia-o, de antemão. Limitou-se a dizer-lhe:

— Irás para o inferno! Irás, sim, não ha outro geito!

— Basta! basta! Isso não será para hoje nem para amanhã. Ainda haverá tempo para o arrependimento!

* * *

— Vou sempre preparar-lhe o jantar — disse madame Dieu resignadamente — embora não saiba quando elle voltará...

— A que horas costuma voltar quando sabe assim? indagou madame Leroux.

— Quem o sabe? Nem sempre elle bebe só. Quando encontra companheiros, volta ás 9, 10, 11 horas. A's vezes não volta...

— Como da vez em que foi encontrado na granja!...

— E' exacto.

— Está bem, precisamos cuidar de casa. Vou, tambem, tratar do jantar do meu homem.

Só, madame Dieu começou a agitar-se na cozinha, mexendo caçarolas, preparando a mesa, na peça visinha. A' medida que ia fazendo qualquer cousa, murmurava, com raiva, "Ah! o bandido!" "O patife!" "O bebado!" "O porcalhão!"

Contivera-se deante de madame Leroux; só agora, dava livre curso ao seu justo furor. E o tempo passava...

— Em que estado não irá entrar aquelle desgraçado, meu Deus!

Mestre Dieu entrou pela meia noite. Chegára a cantar o officio dos mortos:

De profundis clamavi ad te, Domine! Domine exaudi orationem meam.

— Vou já pregar-lhe um susto, disse madame Dieu, correndo até o quarto, antes que o marido entrasse. Ahi envolveu-se num lençol de linho branco; para fazer o phantasma.

O "Perdido" vinha "cheio". Tropeçou numa pedra e quasi caiu. Mas, como ainda era bella e firme a sua voz:

Si inniquitates observaveris, Domine...

As notas sahiam-lhe nitidas, limpidas, puras, da garganta.

Domine, qui sustinebit!

— E' agora! E' agora! fez o phantasma branco.

O "Perdido", parou de cantar.

— Quem é? perguntou pacificamente.

— Hu! Hu! Hu!

Isso não é francez e pergunto: quem é?

O phantasma tomou, então, uma voz sepulchral:

— Sôoou... o... di... a... bo!

— Ah!, o diabo? *Solvet soeculum in favilla...* Então, meu velho, vae entrando por ahi que encontrarás tua irmã, que é minha mulher!...

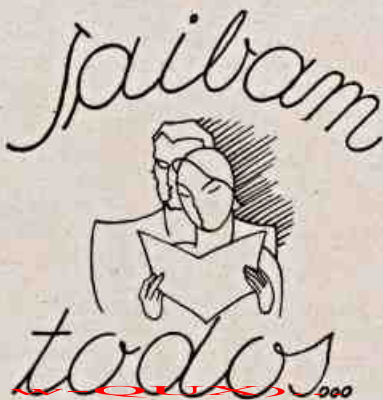
VARICO (R. G. do Sul) — Li os versos que submetteu á minha apreciação e, si bem que não achasse nelles nada de novo concordo em que estão bem trabalhados.

As odes já não impressionam ninguem. Tudo que ha de épico e grandioso já foi mettido nellas; e, a meu vêr, Anacreonte esgotou as melhores expressões do lyrismo.

Elles aqui ficam — á espera de que haja uma vaga qualquer. Mas, caro poeta, não escreva poemas desse tamanho...

Assim, nem o sr. encontrará revistas, nem conseguirá ser lido.

Quanto ao meu romance, é de admirar que os leitores de "Saibam todos"... ignorem que elle está á venda, ha cerca de dois mezes.

RUY CÔRTES (?) — Sim, caro poeta. Reconheço o seu valor, e

sei que merece um logar de destaque. Mas, como vê, o nosso espaço é exiguo. Todos querem apparecer com relevo. E si fôrmos attender a todos, não attenderemos a ninguem. Dahi o motivo por que, não raro, excellentes poetas vão para um logar secundario.

Si eu lhe disser que tenho cerca de mil collaborações em verso sobre a minha mesa, afóra as que me vêm por intermedio do secretario?...

GILBERTO VEIGA (Capital) — Conforme a solicitação que fez pelo *Fon-Fon*, declaro que as capas que nos entregou, dizendo serem do sr. Theocrito de Castro Neves, não fôram por nós publicadas. Isso basta para provar que nunca lhe fizemos nenhum pagamento pelas mesmas. O motivo da sua não publicidade é bastante conhecido pelo sr. Esta nota pode muito bem constituir um elemento de defesa para o senhor.

DR. ALCIRES (S. Paulo) — E' claro que a "Bibliotheca de Cultura Medico-Psychologica" proseguirá, com a collaboração dos nomes mais em evidencia em nossos meios scientificos.

Por ora ha publicado quatro volumes sobre varios assumptos, como sejam: "O meu e o teu", de Austregesilo; "Venenos sociaes", de Pernambuco Filho; "Criminologia e psychanalyse", de Porto-carrero e o "Alcoolismo na arte e na psychiatria", de Neves Manta.

Essa collectanea, que obedece á orientação do conhecido psychiatra e escriptor brilhante, Neves Manta, que nos promette novos livros, para breve.

NAVIS (S. Paulo) — Oh, poeta! Aqui vae a sua carta, cheia de sinceridade e franqueza:

"Caro Yves. Saude e Fraternidade...

Não se assuste!... Começarei a tratá-lo por "Você". Explicações? "Não teem necessidade"...

Venho de lêr um dos ultimos numeros do Fon-Fon... Notei que chamam de "*irreverente*".

Irreverente, porque diz o que sente. (Não repare a rima): Irreverente porque põe tudo em pratos limpos. Mas, êsses que o chamam de: "*irreverente*", não querem, nem por sombras, que a sua bondosa e calculada irreverência os atinja. Isso nunca!

Se você disser porém, qualquer coisa que lhes desagrade, pronto! lá se foi o prestigio do Yves. C'est la vie! Quem lhe escreve, não sabe você quem seja. E não é dos menos. Pois são tantos os que o importunam! Sou moço! Sonho! Acredito no "Bem" e no mal! As... Admiro tudo o que é perfeito: as mulheres, os poetas, as flôres, as creanças! Ambiciono uma gloria, um porvir! Creio na Felicidade no Amor e na Vida!

Eis-me tal como o sou! Louco? talvez!...

E você que é poeta, já formou sua opinião a meu respeito não?

Pois quero que esta chegue-me aos olhos no proximo nº da sua aplaudida revista.

Envio-lhe tambem um poemêto que fiz.

Peço-lhe que o leia e estude, prá depois dizer-me da sua opinião.

Quero que você me aconselhe em tudo. Mas, que seja sincero, franco e amigo. Isto é que me ensine e me guie no segredo, na arte sublime de passar num papel, o turbilhão de idéas e sonhos, bons e bonitos que perambulam por meu cerebro.

Quero em-fim a sua amizade, os seus conselhos de verdadeiro mestre. Garanto que você nunca se arrependerá. Esforçar-me-ei por corresponder em toda linha aos seus esforços.

Li tambem que você publicou um romance A Garçone Carioca. Confesso que não conheço nenhum dos seus livros e muitos outros de varios autôres.

Mas, não pense que sou inimigo dos livros. Capaz! Pudesse eu possuir todos os seus livros e os dos outros!

Sou pobre. Um livro hoje vale um dinheirão!

Os seus versos que conheço, foram lidos nos muitos albuns de meninas doentes e histéricas.

Por que não sei se você sabe que é o poeta das moças-meninas. Foi assim que li uns poucos versos seus. Agora se você quiser enviar os seus livros como um presente, preciosissimo prá mim, ficaria grato a você.

Não me leve a mal. Sou sincero. Se lhe peço tal coisa é porque o admiro muito (Não é bajulação!)

Bem, meu futuro mestre e amigo, aguardo ansioso a sua resposta sincera, ou como querem alguns "i-rre-ve-ren-te"!!! (E' bôa!)

Saulo Navis."

Agradeço-lhe as palavras encomiasticas que me dirige. Como o sr. é franco, não deve tambem estranhar a minha franqueza. Então, lá vae obra: o seu poema *Inspiração* está vasado n'uma linguagem plebéa e as suas imagens são vulgares, demasiado vulgares.

Entretanto, isso não quer dizer que o sr. não tenha capacidade para mais. O sr. será capaz de realizar uma arte mais elevada.

Relativamente aos livros, devo-lhe dizer que são as mesmas as razões que allego. Tambem sou *prompto* e teria de compral-os nas livrarias, como qualquer pessôa. Compreende-se: eu, sou o autor dos livros, é verdade; mas, não sou o dono delles, uma vez que vendi as respectivas edições.

O editor de "Uma garçonne carioca" é Flores & Mano, á rua do Ouvidor, 145. O dono da 3.ª edição de "O Suave enlevo" é a Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. Quer dizer: para mim seria um grande prazer enviar-lhe os livros que me pedem. Mas, si eu fosse attender a todos os pedidos iguaes, é claro que necessitaria de uma verba espantosa.

MUNHOZ (S. Paulo) — Apezar do sr. me haver enviado uma importancia inferior ao preço de "Uma garçonne carioca" — que custa 6$000 — adquiri um exemplar e remetti-o para o seu endereço, sob registro postal.

Peço-lhe, pois o obsequio de dizer aos seus amigos que o meu romance é encontrado em todas as livrarias de S. Paulo — mas ao custa 6$000. e não 5$000.

O exemplar que lhe enviei leva o autographo pedido.

Está satisfeito?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 2-4-932

Data da consulta..........................

Nome do consulente..........................

....

A ONDULAÇÃO PERMANENTE

Para que fazer experiencias perigosas, submetendo seus cabellos a uma permanente qualquer, quando a CASA ERITIS, por um preço razoavel e com os apparelhos mais aperfeiçoados, póde garantir-lhe uma ONDULAÇÃO PERMANENTE, perfeita e duravel, ficando os cabellos macios e geitosos, conservando o brilho natural?

A CASA ERITIS é a mais antiga e a mais importante casa do Rio, no genero.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 14

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1932

A ARTE DE "SER PAES..."

O bom papae e a boa mamãe dos velhos tempos, tão ricos de amor e de carinho, de desvellos e de denguices pelos seus queridos rebentos, tendem a desapparecer.

A civilização, — a *kultur*, na multiplicidade das suas necessidades espirituaes, como o progresso na ordem material das coisas — veem exigindo da vida humana o doloroso sacrificio de se despojar, a pouco e pouco, de tudo que sempre a prendeu ás forças atavicas do seu profundo passado.

Para tanto, para condicional-a e adaptal-a ás imperiosas e inflexiveis exigencias do "savoir vivre" á moderna, o "santo officio" da civilização tem-na submettido a uma serie de torturas verdadeiramente inquisitoriaes, mutilando-a nas suas raizes mais sensiveis, por mais instinctivas e essenciaes, para enxertar-lhe novas excrescencias e inocular-lhe, no velho sangue sadio e generoso, o "virus" do seu sentido actual.

Desapparece a poesia da vida antiga, exaltada, enthusiasta, contente de ser, nas expansões largas do seu idealismo creador como nas manifestações mais expressivas do seu sentimentalismo generoso e forte!...

E todo o encanto e toda a belleza irradiante dessa vida que carreava, mundo afora, sempre a cantar, a agua corrente das suas fontes mais primitivas, eram obra exclusiva do instincto, do coração.

Mutilando o instincto, controlando e refreiando os impulsos mais largos do coração, artificializando-lhe as expressões e anestesiando-lhe a sensibilidade, o homem moderno diminue a sua propria força de vitalidade ou instincto de animalidade e desloca a vida, do ambiente natural, rasgado e amplo, da illusão e do mysterio que sempre a condicionaram, para o scenario artificial, pesado, massiço da aggressiva brutalidade dos arranha-céos.

Mas, noto, mergulhei na poeira do passado mais do que desejava, perdendo o fio a esta chroniqueta intensamente moderna, chocantemente actual.

A meu lado, sobre a minha mesa de trabalho, escancarado, a sorrir-me, *L'art d'être grand-père*, de Victor Hugo, commove profundamente meu coração. Porque, na minha edade, com os primeiros fios de prata de quatro décados de vida, já tenho a "honra" de ser o vovôsinho de um rico casal de netinhos.

E, ser pae, ser avô, já é ser alguma coisa. Muita coisa mesmo. E uma coisa que consola — porque é indice de que, ao menos, não se passou pela vida "em branca nuvem". Sem ter amado. Sem ter soffrido. Sem ter vivido, emfim...

Volto, porem, ao fio desta chronica.

Ser pae, como ser mãe — todo mundo o sabe — responde a uma necessidade e a um sentimento profundamente instinctivos, e que não são e nunca foram exclusividade do homem.

Mas a arte e a sciencia de se ser um bom pae, como a de se ser uma boa mãe, apparentemente tão simples, por tão cultivada já, herdada através de uma formação millenaria, por tal maneira se complicaram ultimamente que se vão fundar escolas especializadas onde os paes actuaes irão aprendêl-as.

A primeira dessas escolas de paes, segundo annunciam os jornaes, será aberta brevemente em Paris, seguindo-se a esta uma centena de outras espalhadas pelas cidades principaes da França. Isso, porque está scientificamente verificado que a humanidade, por instincto ou por mera fraqueza, mais se tem preoccupado, até hoje, com a arte natural e gostosa de *fabricar* os filhos que com a sciencia complicada e difficil de educál-os *comm'il faut*.

D'ahi, a idéa, victoriosa, da nova e benefica instituição preparatoria da arte de "ser paes", coisa de que a geração moderna parece não entender patavina.

O curso é *puxado* e complexo, abrangendo tudo aquillo que possa contribuir para a perfeita formação mental da creança. O papae e a mamãe modernos teem que ser uma especie de *experts* em materia de psychologia infantil — o que vem a tornar cada vez mais complicada a vida contemporanea.

Ter filhos, que é o sonho de tanta gente, passa, assim, para o rol das coisas mais difficeis deste mundo.

Antigamente, era bastante fazêl-os por amor e, com o coração, pelo instincto sagrado do coração, formál-os e educál-os.

Hoje, para tanto, para se ser paes perfeitos, em forma, é preciso ser *doutor* em psychologia infantil!

Quanto a mim, positivamente desisto do activo exercicio das minhas funcções paternaes. E aposento-me, gratamente, porque o pae moderno, que já era um martyr da mulher, passou a ser, tambem, um martyr da sciencia...

ELCIAS LOPES

Flagrantes internacionaes

Pela primeira vez se realiza na França, por iniciativa de «Comoedia», ainda sob a direcção de De Waleffe, um concurso entre as «rainhas de belleza» eleitas nos diversos paizes para o grande torneio annual de Galveston, na America do Norte. Assim, antes de seguir para os Estados Unidos, se reuniram em Paris as lindas concorrentes ao famoso certamen norte-americano, e que apparecem no grupo acima, em «pose» especial para o FON-FON. No primeiro plano, da esquerda para a direita: «Misses» Russia, Allemanha, Inglaterra, Belgica, Dinamarca, Hespanha e Perú. No segundo plano, na mesma ordem: «Misses» Hungria, França (mlle. Souza, neta de um brasileiro), Polonia, Italia, Rumania e Yugoslavia.

Na Europa, como no Brasil, o sport da moda é o patim. Por isso mesmo, os patinadores de Paris se lembraram de organizar um campeonato feminino no «Palais des Sports», concorrendo ao mesmo as representantes de dez paizes do Velho Continente, o que augmentou o interesse pelo resultado do certamen continental. Mlles. Sonia Henie, da Noruega, e Hilda Holwosky, da Austria, que apparecem no presente instantaneo, (á esquerda e á direita, respectivamente) foram as principaes vencedoras do original campeonato sportivo.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Robe de Jean Patou. Bijou d'inspiration coloniale de Van Cleef & Arpels (ivoire, or blanc, corail).

(Photo especial para FON-FON).

Rendas de espuma

RENDAS de espuma? Por que não? Afinal, que é a nossa literatura apressada, essa que mal se lê, numa viagem de bonde, ou na sala de espera de um dentista? Nada exprime melhor o seu caracter de coisa breve, passageira e inconsistente do que uma "renda de espuma", a dansar sobre a face crêspa das ondas.

Vejamos. Aqui é a praia rasgada e extensa. Por cima, o céu lindo, encharcado de sol. Em baixo, a inquietação e a litania das vagas, que se derramam, balbuciantes, sobre a areia loura e brilhante.

E' bello o effeito? De certo. Com as aguas azues — azues ou verdes? — vêm as algas bonitas, os sargaços, as conchas côr de rosa e, fluctuando sobre essa flora marinha, a delicadeza das rendas borbulhantes de espuma.

Depois, a onda fragorosa recúa. A renda de espuma se esgarça e se esvae. No velludo da areia, ficam as plantas do mar, scintillando á luz forte do sol.

Assim, como essa espuma ephemera — da qual, muita vez, a gente não se apercebe — são as palavras que nós, os chronistas frivolos, traçamos para os olhos alheios, distrahidos e desinteressados.

Rendas de espuma?...

Lindo thema para uma ballada, um poemeto lyrico, onde se falasse de abril, como François Coppée...

("Mais depuis que toute
[ma vie
A subi ton charme subtil,
Mignonne, aux promes-
[ses d'Avril,
Je m'abandonne et me
[confie...")

ou da ternura de um beijo, como Edmond Rostand:

"Un point rose qu'on
[met sur l'i du verbe
[aimer..."

Rendas de espuma... Levezas. Tudo que suggére diaphaneidades e imponderabilidades. A côr desbotada de uma rosa, que se fanou, sem ar e sem luz, num cofre de xarão... A pallidez de uma violeta, que se esmagou entre as paginas de um breviario ou de uma carta de amor... Um reflexo de luar, caindo n'agua silente de um lago, adormecida sob os nenuphares pensativos e brancos...

Rendas de espuma! Poesia...

E já que falei em poesia, lembro aqui os poemetos lindos de Theodorick de Almeida, e aos quaes elle chamou, biblicamente: "Ouro, incenso e myrrha..."

Entre as "rendas de espuma" desta chroniqueta apagada, ellas são como farrapos de belleza, ou antes, filigranas de ouro; espiras, pelo incenso e arôma, pela myrrha.

Theodorick de Almeida é um grande poeta. Bizarro, pessoal, fidalgo, elegante, elle soube e [...] de demonstrar que não ha themas novos nem velhos, nem motivos de arte feios ou bellos, mas poetas maiores e menores. No seu livro, porém, elle é sempre grande, é sempre um magnifico poeta. Citar-lhe os poemas? Oh, seria melhor citar-lhe toda a obra. A selecção não seria facil. Emfim, note-se bem como é encantadora esta pagina: "Aquella que virá..."

"Espera que virá, entre
[nupciaes alvuras,
Arrastando as estrellas
[ao passar,
A mulher que desejas e
[procuras:
Filha da Terra, Alma do
[Céo, Irmã do Mar!...

Enfeita a tua alcova de
[açucenas;
Faze um ninho de rendas
[do teu lar;
E não te esqueças, um
[minuto apenas,
Que o tempo vôa, e a vida
[é pouca para amar!

Abre a tua alma inteira
[á primavera;
Nunca deixes a sombra
[teu sonho habitar;
Pensa que o amor é sem-
[pre uma chimera;
E que assim como chega
[ha de passar.

Espera que virá, como
[um perfume quente,
Uma espira de incenso
[enchendo o luar...
Mas tem cuidado! que a
[esperança mente;
O sonho engana, o beijo
[amarga, e é falso o
[olhar!

YVES

Hermar é o pseudonymo que esconde a impressiva e encantadora figura de uma artista franceza: Mlle. Tomás Herr y Martin. Alma sensibilissima de poetisa, feita para se emocionar deante das coisas bellas, quer vivam na harmonia cósmica ou no fundo dos sêres, ella sabe imprimir aos seus lindos motivos, aos seus poemas, ora melancolicos e velados de sonhos tristes, ora reverberantes de sol, a nota de uma palpitação profundamente humana e sincera. E' assim que a esthèta franceza nos apparece na sua obra «Sunt lacrimae rerum...» Dahi a razão por que ha tão doce e enternecido lyrismo nessas paginas de mulher, que faz da sua vida um sonho ininterrupto de bellezas e harmonias serenas. Materialmente, o seu livro é um primor. Illustrado com lindas zincogravuras, «Sunt lacrimae rerum...» é um album que se guarda como uma reliquia de arte pura e delicada. Um primor, em summa, o poema de mme. Tomás Herr y Martin.

FELICIDADE...

A felicidade é um abysmo. Ha certas almas que a receiam mais do que a desgraça. Porque sabem já quanto é medonha, horrenda, pavorosa, a dôr de perdel-a. Ficam, então, como a criança a quem um dia se attrahiu com bombons para torturala depois. Temem sempre que o facto se repita. E a desconfiança as immobiliza.

—"Como pagaremos tanta felicidade?" indaga numa carta a sensibilidade feminina de Georgette Leblanc. E o destino cruel dá a seguinte resposta: com o soffrimento, com o desespero ou com a renuncia.

Dedicando ao dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil, a sua festa de sabbado de Alleluia, o Praia Club homenageou uma das figuras mais illustres e mais fidalgas da sociedade carioca. Por isso mesmo, e, tambem, pelo prestigio elegante do aristocratico «cercle» de Copacabana, o baile que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Copacabana Palace Hotel, teve o brilho mundano e os encantos de uma reunião sumptuosa. Estão aqui dois detalhes do baile de Alleluia do Praia Club, vendo-se a mesa do dr. Octavio Guinle, o homenageado da noite, que tem á sua direita a exma. sra. Octavio Guinle, o sr. Nesso Rocha, presidente do Praia Club, e as senhoritas Olga Rocha e Santos Carvalho. A' esquerda do presidente do Touring Club, estão a senhorita Yvonne Barbetto e o dr. Juvenal Murtinho Nobre e sra.

taxi filosofo

DA ACADEMIA BRASILEIRA

OS taxis de Paris são talvez os unicos do mundo que possuem na sua vida movimentada uma pagina de gloria. Em 1914, quando o avanço alemão foi detido por Joffre no Marne, Galliéni, que era governador militar da capital francêsa, requisitou-os em algumas horas, encheu-os de soldados da guarnição e os mandou em succorro do generalissimo. Os taxis correram pela estrada de Chalons e despejaram aquele formidavel reforço a alguns quilometros do campo de luta. E, assim, poderosamente contribuiram para o exito da famosa batalha que salvou a França.

Conheci-os, quando vivi em Paris no ano de 1919, sujos, barulhentos, guiados muitas vezes por mulheres, fazendo-se rogar para conduzirem os passageiros, pois a guerra que ceifára milhões de vidas tambem não os poupára, pondo centenas deles e milhares dos que deles viviam fóra de combate. Apelidavam-nos *os vencedores* e seus *chauffeurs* estavam mais arrogantes, rabugentos e malcriados do que nunca. Nas horas de almoço, de jantar e da madrugada somente levavam uma pessôa si esta tinha a felicidade de ir para o mesmo bairro em que comia ou dormia o seu cinesiforo. Si não, era escusado pedir ou implorar. A insistencia ou a reclamação unicamente serviam para que o transeunte ouvisse amabilidades deste jaez:

— *Sale étranger!*

— *Ordure!*

Lembro-me que uma feita, de regresso de Guichen, na Vendéa, desci do trem na estação de Montparnasse ás duas e meia da manhã. Tudo deserto. Enfiei os olhos pela longa rua de Rennes e não vi um veiculo. Passei-os pelo boulevard Montparnasse e nada avistei. Depuz a maleta no meio fio e esperei sob a neve que caia. Não corriam mais os trens subterraneos do Metro aquela hora, nem havia bondes ou onibus. Como me era impossivel alcançar minha casa, á rua Balzac, na Etoile, a pé com aquele frio e a bagagem, tinha de resignar-me a qualquer favor do acaso.

Depois de alguns minutos, lá vinha um dos gloriosos carros do lado da rua de Sévres. Chamei-o. Abri a portinhola e dei o endereço. O motorista replicou-me, desabrido:

— Não. Estou com sono e vou dormir. Si fôsse para o lado da praça da Bastilha, leva-lo-ia.

— Dou-lhe dez francos de gorgeta!

— Não amole!

E partiu. Mais meia hora e veio outro. Ofereci-lhe vinte francos. Recusou. Ia a Denfest-Rochereau e era muito tarde para se sujeitar aos desejos dum freguês. Felizmente me lembrei que trazia no bolso do sobretudo uma caixinha de metal com assucar brasileiro. Naquele tempo, essa mercadoria não tinha preço em Paris. Bebia se café e chá com sacarina. Não se viam docês, confeitos ou bolos. O governo puzera a rações o pão e a carne. Porem de rações de assucar não cuidára, porque era coisa que absolutamente não existia. Eu o recebia por intermedio da nossa embaixada, á farta, achando-me a serviço do governo. Estendi a caixinha ao francês e disse-lhe:

— Si me levar á casa, dar-lhe-ei, alem dos vinte francos, este assucar.

— Como?! retrucou ele espantado, é assucar mesmo?

— Prove.

Provou, estalou a lingua e cedeu:

— Os meus meninos vão ficar loucos de alegria! Entre, meu caro senhor.

Desde esse dia, nunca mais tive dificuldades com os taxis de Paris. Adoçava-lhes os guias com assucar de Campos...

Este ano, não vi mais ali os taxis veteranos e pouco amaveis daquele tempo. Quasi todos novos, luzentes, velozes e accessiveis. Desforrei-me. Nos ultimos dias de setembro, saia do Museu de Cluny e ganhava a pé o boulevard Saint Michel, quando uma chuva repentina me colheu. Dirigi-me ao primeiro auto que estacionava a uma esquina.

— Leve-me á avenida Mac Mahon, disse e indiquei o numero.

O carro moveu-se sob o açoite liquido do chuveiro. Era decerto um antigo landaulet particular transformado em carro de praça. Bem forrado, limpo, confortavel. Perto do rebordo da vidraça, havia uma especie de caixa de couro com um acendedor eletrico de cigarro, um frasquinho para perfume vasio e uma carteirinha de notas para endereços. Tomei-a e examinei-a afim de matar o tempo. Em uma das fôlhas alguem escrevêra a lapis com letra masculina estas palavras:

"Fiz delicioso passeio neste carro até Essonnes, na noite de 31 de Julho... Só?..."

Sorri, imaginando a volta para casa desse desconhecido após a aventura de amor, a mão distraida tomando o tubo da sorabatam afim de dar adeus ao *chauffeur*, achando o caderno e pondo nele o desabafo anónimo das horas felizes.

Virei a fôlha:

"Eu e Margot rompemos aqui o nosso amor. Tres anos de felicidade acabavam por um capricho. Que pena!"

Os erros de ortografia denunciavam um espirito pouco cultivado, mas o fato registado era daqueles que os sabios e os ignorantes sentem com a mesma emoção.

Adeante, outro escrevêra esta efemeride:

"Roberto casou-se a 5 de maio neste carro."

Quem seria esse Roberto e com quem teria casado? Seria desgraçado ou feliz? interrogava-me a mim mesmo. E os meus olhos descobriram na mesma lauda, um pouco mais abaixo, esta nota filosofica:

"Fiz identica asneira ha doze anos, o que prova que os tôlos não se acabaram."

Chegavamos. O motorista abriu a portinhola. Eu puz o caderninho no bolso e lhe dei uma gorgeta maior por descargo de consciencia. E' uma das mais curiosas lembranças que guardo de Paris...

Foi com um baile sumptuoso que o Fluminense Football Club commemorou a passagem do sabbado da Alleluia. Para isso, os seus amplos salões receberam artistica decoração, que realçava de maneira esplendente, com o effeito de luzes. Nessa «soirée» tomaram parte as figuras mais destacadas da «élite» carioca, como se póde vêr pelo grupo acima.

A MULHER CHIC EM PARIS USA...

Sempre pequenas camelias artificiaes, porém collocadas de mil modos inesperados; como fivela no cinto de sêda; postas numa fita preta furta-côr, no punho; prendendo, como adereço a gola dobrada do vestido.

Um bolero curtinho e uma cinta do mesmo tom, sempre em opposição ao vestido, mais claro quando este é escuro, mais forte nos trajes de verão.

Emfim, chapéos de abas diminutas, para os sports, inclinados sobre o olho direito, levantados sobre a orelha esquerda e feitos de palha grossa.

Pequenas pennas de gallo rectas ou curvas presas a todos os chapéos. Com os conjunctos negros e brancos ou mesmo todos brancos, bolsa de gamo de fazenda branca com fecho de laca e monogramma pretos.

A' noite, triplo collar de perolas preso do lado por limdo fecho em forma de nó ou grande fivella de *strass*.

A' tarde, collar curto e rodeado de pequenas contas de porcelana branca agrupadas em rosetas, que substitue nos vestidos pretos de chá a nota clara da pequena gola de rendas.

Meias regularmente abertas como uma rede e sem baguette.

Sapatos reunindo o couro preto e o de gamo branco, o primeiro em pequena quantidade formando vivos delgados e cobrindo os calcanhares.

A' noite, sobre o grande vestido de setim branco, uma veste de velludo vermelho vivo, tão curta como um collete e de mangas muito amplas, ou pequena capa curta bem talhada.

Eis ahi a mulher elegante.

L. DESMURS

Decorreu brilhante e animado o baile de Alleluia do Club de Regatas Botafogo, cujos salões estiveram lindamente alegres durante toda a noite de sabbado.

De «A Costela de Adão» á «Mulher e o Diabo»

BERILO NEVES é um escriptor victorioso. Não só victorioso, porque consagrado. Consagrado pelos homens, pelo consenso unanime dos que, como elle, fazem ao pão do espirito a transubstanciação eucharistica da sua propria alma, e, mais ainda, talvez, pelas mulheres, "qu'il aime en les chatiant", porque, Berilo, por uma especie de perversão... intellectual tem o feio habito de maltratal-as primeiro para depois queimar-lhes a sua myrra e o seu incenso.

A recente nomeação do professor Lourenço Filho para dirigir o Instituto de Educação, antiga Escola Normal, muito recommenda a actual directoria da Instrucção Publica do Districto Federal. A escolha recahiu sobre o nome illustre de um technico em assumptos de ensino, com projecção no scenario da actividade pedagogica nacional. Professor do Instituto Pedagogico de S. Paulo, ex-director da Instrucção Publica do mesmo Estado, logo após a Revolução, Lourenço Filho foi, tambem, o admiravel reformador do ensino publico no Ceará, para isso especialmente contractado pelo presidente Justiniano de Serpa. A obra por elle alli realizada, abrangendo o ensino primario e normal daquelle Estado do nordeste brasileiro, foi realmente extraordinaria, muito recommendando a intelligencia, a cultura, a competencia profissional e a capacidade de trabalho e organização do distincto patricio. Escriptor de altos meritos, Lourenço Filho tem publicadas varias obras, entre as quaes «Joaseiro do Padre Cicero», «Introducção ao Estudo da Escola Nova», «Contribuição ao estudo experimental do habito», etc. O illustre director do Instituto de Educação, antes de sua designação para esse posto, vinha prestando valiosos serviços no Ministerio da Educação, como director do gabinete do ministro Francisco Campos.

O processo "beriliano" de fazer literatura de alta sensação á custa das repetidas fraquezas e dos mil e um pequeninos defeitos da alma feminina, com ser algo diabolico, é, tambem, profundamente humano. A luta dos sexos é um facto. E o homem não perdoará nunca á mulher o dominio que esta sempre exerceu sobre elle, encantando-o, fascinando-o, illudindo-o para, depois, ludibrial-o, fazendo-o um simples joguete dos seus caprichos.

Este sybaritismo intellectual ou modalidade de bovarysmo passional, que faz do autor de "A Costella de Adão" um dos nossos escriptores contemporaneos mais lidos e mais queridos, só por si não fixa e revela a personalidade singular do creador de "A Mulher e o Diabo".

Porque Berilo Neves é, tambem, um escriptor bem humorado. Um humorista subtil, perverso, mas não amargo, como o são, de um modo geral, os humoristas inglezes. Amargos, seccos e máus, ás vezes.

Sterne, em "Tristão Shandy" ou, mesmo, na sua "Viagem Sentimental", trava, ás vezes, a gilé mal preparado.

A ironia de Berilo, mesmo quando aguçada na sua perversidade, tem sabor de assucar queimado. Porque o seu humor, dimanando, como uma fonte de agua fresca, do fundo emotivo e passional de sua alma, reflete e traduz uma attitude optimista e alegre deante da vida, da natureza, das coisas e da humanidade.

E' um "humour" de sol claro, sem "spleen", sem aquella "nebbia di tedio" de que falava um poeta.

E por ser assim, colorido, irradiante, de uma alacridade de garôto de rua, é que delicia e encanta o humorismo sadio e bom de Berilo Neves. Um humorismo galante, de raio de sol, brincando de "esconde, esconde" com as mulheres que o escriptor traz, de continuo, na berlinda de seu coração de grande amoroso.

Um humorismo — "blagueur", para effeito de fogo de artificio espiritual.

Agora vejo que disse muito e nada disse, no emtanto, do que queria dizer a respeito do querido escriptor, travestido de Mephistopheles "pour épater les femmes".

Porque, o que eu queria era referir-me ao exito do seu ultimo livro "A Mulher e o Diabo", posto em circulação ainda ha pouco e já em 2.ª edição, marcando, assim, um verdadeiro successo de livraria.

Creador, entre nós, do conto scientifico, de enredo forte e finamente condimentado pelo seu sadio humorismo, Berilo Neves firmou, em alto relevo, sua individualidade literaria no meio intellectual brasileiro.

Entre "A Costela de Adão" e "A Mulher e o Diabo", elle é um authentico "Mephisto" seculo XX. Delicioso. Elegantemente irreverente, e, pour cause, tout charmant".

MAX LINDER

Alcibiades Delamare, professor de direito, orador, polemista e prosador já consagrado nos nossos meios intellectuaes, cujo recente livro «A Bandeira de Sangue», versando assumptos relativos ao communismo, acaba de apparecer. E' um livro documentado e forte, que combate as illusões do marxismo vermelho e que tem tido, pelas suas paginas coloridas, vibrantes, candentes mesmo, um bello exito.

PIEDADE

Meu amor! Cobri toda de beijos a sua carta: linha por linha, palavra por palavra.

E, beijando-a, era a você que eu beijava: a sua mão, que a escreveu, a seus olhos que a leram, a sua bôcca que a repetiu baixinho, só para você...

Cobri sua carta toda de beijos. Dos meus beijos que vão, como um bando de andorinhas, arribar nessa terra distante á procura do ninho de sua bôcca, de suas mãos. Dos meus beijos que vão, como uma corôa, cingir a sua fronte e coroal-o rei. Porque você é rei, rei de meu coração, senhor de minha vida.

Querido! Como a felicidade custa a chegar!... E como você está tardando, você que é a minha felicidade!

Si você soubesse... Sinto-me tão triste hoje, tão desanimada! Eu devia callar o que me causa tanta angustia, mas não posso guardar só para mim o meu segredo. Quando penso em você — e eu penso sempre em você — e na ventura que nos espera, ouço uma voz agoireira dizer-me, como o corvo de Poe: "Nunca mais!" E essas palavras ficam soando em meus ouvidos e vão alongando, alongando dolorosamente, enervadoramente, lentamente...

Vem, então, torturante, martyrizante, o pavor de o perder, de não o ver nunca mais; o pavor de que alguma coisa de inevitavel, como a morte, ponha a eternidade entre nós dois.

Porque só por você não ter vindo, porque só por você estar longe de mim, hei de eu pensar que o perdi?

Diga-me, diga-me que eu estou louca, que você voltará, que nada mais, ninguem mais no mundo nos haverá de separar! Diga-me que você virá para o amor de sua gatinha selvagem, essa pobre gatinha que já não póde viver sem você. Meu amor...

REGINA RIZIERI

Decorreu num ambiente de verdadeiro esplendor e animação, o lindo baile de sabbado de Alleluia, realizado no Botafogo Football Club. Dois «Jazz» magnificos, que não davam treguas aos dançarinos, muito concorreram para o enthusiasmo daquella multidão elegante e distincta que enchia os ricos salões do conhecido club sportivo. As gravuras desta pagina reproduzem os aspectos mais expressivos do baile do Botafogo F. C.

TITILAÇÕES

NATURALMENTE, o caso foi resolvido amigavelmente...

De outro modo não se comprehende a placidez, ou melhor, a philosophia do negociante, após aquelle momento terrivel, que tantos commentarios provocou entre os vizinhos. Ha muito que era esperado algo de extraordinario, deante da imprudencia da esposa do herõe da *farça*, que na ausencia do marido recebia repetidas visitas de um almofadinha. Visitas demoradas, que se prolongavam durante quasi todo o dia, até o cahir da tarde, na hora habitual do regresso do dono da casa.

Ora — raciocinavam os vizinhos abelhudos, — póde acontecer um seguido do ruido cavo de portas fechadas com raiva...

Depois, seguiu-se um silencio tumular... Os curiosos montaram guarda, crentes de que a coisa não tinha acabado.

Alguns palpites. Naturalmente, o casal liquidava o assumpto, encerrado no interior do quarto... Era bem capaz de ter o marido propinado veneno á esposa infiel, aproveitando o resto da droga para uso proprio.

Imaginaram a policia vasculhando a casa para a retirada dos cadaveres...

Pensaram, mesmo, em avisar á delegacia proxima. Foi uma noite de inquietante espectativa na vi-

Até agora, limitou a sua activi-dade literaria enchendo o fundo das gavetas, ou, então, fazendo co-nhecer, entre pessôas intimas, os seus primeiros vôos poeticos.

Convenceram-na, entretanto, de que devia apparecer em publico, exhibindo os poemas avaramente guardados.

Ha, porém, de parte de *made-moiselle*, uma certa resistencia, pois ella muito teme os rigores da critica. D'ahi o ter indagado qual seria o melhor processo afim de conquistar a sympathia dos jorna-listas para o livro. Um solicito amigo prestou-se a aplainar as difficuldades, garantindo o succes-

O segundo carnaval da Rio de Janeiro Athletic Association. Sabbado de Alleluia houve, na séde do Leme, uma nova «segunda-feira gorda», com fantasias bonitas, canções alegres e um enthusiasmo delirante...

dia uma entrada falsa, isto é, antes das 18 horas, e o caldo estaria entornado...

Foi precisamente o que aconteceu. O homem appareceu inesperadamente em casa, fóra do horario, viu o que não precisava vêr, houve um bate bocca medonho, de chamar a attenção publica, e quando parecia fatal uma tragedia dessas que abalam os nervos da cidade, com as classicas photographias do local do crime e detalhes tomando a principal pagina dos jornaes, o que os circumstantes, alarmados, constataram, foi a sahida apressada do almofadinha, zinhança. Mas, ao dia seguinte, logo pela manhã, á hora habitual, a grande surpreza!

Abriu-se a porta, e o *honrado* negociante sahiu, muito digno, para a labuta costumeira, como si nada houvesse acontecido de extraordinario no seu lar. Agora os vizinhos estão aguardando, apenas, que passe o medo, ou a má impressão do almofadinha, para o reinicio das visitas durante a ausencia do dono da casa...

MADEMOISELLE resolveu ingressar no mundo das letras, segundo estamos informados.

so da estréa. O moço diz possuir meios de orientar os espiritos desorientados em materia de cri-tica literaria...

Nós, porém, aconselhamos á ma-*demoiselle* não dar ouvidos ao ra-paz. A *amostra* que tivemos nas mãos é absolutamente deploravel, infantil.

Si *Mademoiselle* ao menos fosse bonita, poderia vencer a emoção da estréa, porque, emfim, os cri-ticos, ás vezes, tambem se tornam indulgentes deante de um palmo de carinha gentil...

Mas...

O Club dos Caiçaras é novo ainda, mas já tem prestigio elegante. Uma prova foi o baile de sabbado de Alleluia, que reuniu, nos seus salões da rua Nascimento Silva, no Ipanema, algumas das mais interessantes figuras da nossa sociedade.

CANTIGA

OLIVEIRA E SILVA

Esta candura repleta
De sonhos, e esta tristeza
E' que me dão a certeza
De que sou ainda poeta...

O toque de profundeza
Da bondade e da belleza;
Este bater de aza presa,
Este arrulho que se aquieta

Como á noite, de surpreza,
Infinita, a natureza...
Tudo me traz a certeza
De morrer ainda poeta...

Tambem o Club de Regatas Guanabára festejou o sabbado de Alleluia com um baile á fantasia que lembrou a sua rutilante mascarada do Carnaval.

Carnaval Carioca (1932)

FLAVIO DA SILVEIRA

"Co'a letra A começa o amor que a gente tem,
Co'a letra A começa o nome de meu bem"...

Lança-perfumes... serpentinas... Carnaval!
Toda a gente affluiu ás ruas... Afinal,
O povo carióca, irrequiéto, vivaz,
Tafúl, tira do rosto a mascara que traz
Doze mezes a fio, e anda a rir, a cantar,
Unido, num vae-vem, como as ondas do mar
Que baila na bahia azul, da côr do céo...
Sobre a cidade enorme em vão desceu o véo
Da noite. A gritaria augmenta. Num crescendo
De guizos e clarins e matrácas, correndo,
A multidão percorre as ruas e os jardins.
Ciganos, guaranys, principes, arlequins,
Marquezas, aldeãs, pastoras, colombinas,
Homens talúdos, raparigas pequeninas...
Pulam e dançam, embriagados de prazer...
Domina-os a nevrose ardente de viver
A loucura sensual das paixões espontaneas,
Ante a perfidia e as afflicções contemporaneas...
Todos trazem no rosto estampada a ansiedade
De usar e de abusar da sua liberdade.
Em alguns é tão vivo e insano este prazer,
Que sabem a gritar, a saltar, a correr,
E, em roupas de hystriões, brancas, vermelhas, pretas,
Cabriolam no chão, fazem no ar piruetas...
Outros em plena rua e em numerosos grupos,
Doidos de animação, entre empurrões e apupos,
Ligando as mãos, de um em um, numa corrente,
Cercam rapidamente uma porção de gente
E entôam percorrendo o animado circuito:
"Eu gosto de você, mas não é muito... muito"!
E todos, a uma voz, delirantes, felizes

— Plebéus que o carnaval transformou em juizes—
Desafiando o poder, borrifam de ironia
A prosápia theatral dos senhores do dia:
"Tenha calma, Gegê! Tenha calma, Gegê!
Vou ver se faço alguma cousa por você"...

O vozerio cresce. O ar suffoca. A gente
Já não sabe o que faz, e delira, inconsciente...
Uma ebriedade voluptuosa abre as narinas
Da multidão que aspira exhalações caprinas
E vapóres subtis de ether e chloretyla...
Ha bandos juvenis, comprimidos, em fila...
O povo folião luta, recúa, avança
Ou pára e fica a ver requebrar-se na dança
Uma bahiana de quadris quasi perfeitos...
O ether e o perfume incendeiam os peitos
E avivam o fulgôr dos olhos que nos fitam...
Todos se exaltam, todos dançam, todos gritam!
E amarellos, azues, escarlátes, berrantes,
Cobertos de poeira e *confetti*, os turbantes
De papel ou de panno a dançarem tambem
Sobre as cabeças, vão cantando... E aqui e além
Passam carros, corcéis, prestitos e cordões,
Enchendo de algazarra e pasmo as multidões...

* * *

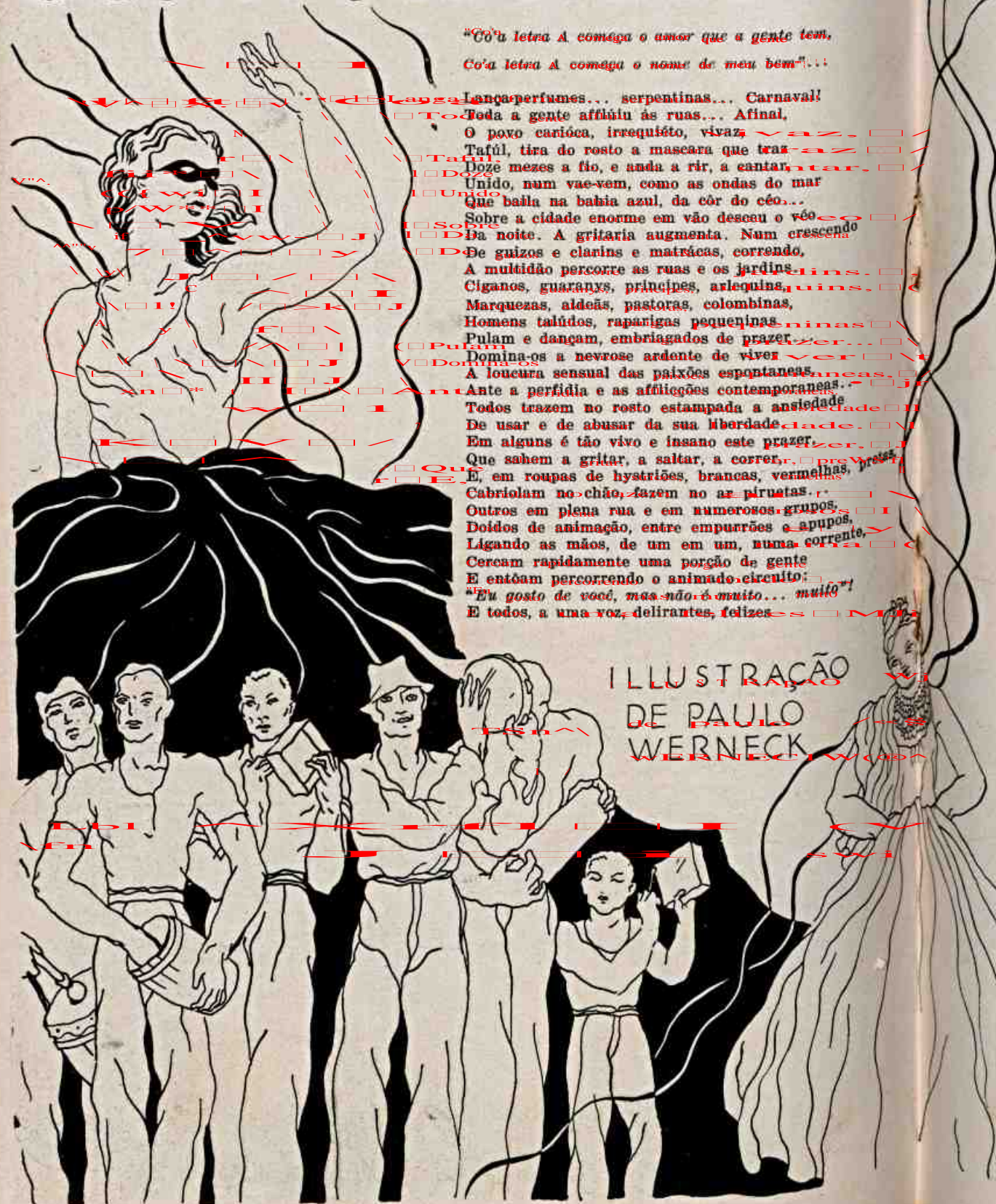
Muitas vezes, porém, em meio do tumulto,
Tal qual uma visão, passa á distancia um vulto
Risonho e encantador cuja graça fascina...
O nosso coração corre na serpentina
Que atiramos ao ar como um appello ardente...
E o vulto que passou fica indelevelmente
Gravado em nosso olhar, povoando os nossos sonhos...
Outras vezes, deixando os foliões risonhos,
No seu carro veloz, que foge, surprehendemos,
Como um pouco de céo na balburdia dos demos,
A mais linda mulher que até hoje já vimos,
A enviar-nos, quando nós com a vista a seguimos,
Um olhar de doçura, uma expressão de amor,
Um sorriso que se abre e cae como uma flôr...
E no vae-vem da turbamulta que se agita,
Uma esperança nasce, um coração palpita!

* * *

Manhãzinha. Agoniza o carnaval carióca.
Do centro urbano o povo todo se deslóca,
Buscando a quietação de algum bairro distante.
Com o sol, vae surgir o dia em um instante...
E ainda, de quando em quando, uma voz fatigada,
Cortando a névoa pardacenta da alvorada,
Repete ao longe esta canção sentimental,
Que brotou do fragor do ultimo carnaval:

"Co'a letra A começa o amor que a gente tem.
Co'a letra A começa o nome de meu bem"...

Março, 15-1932.

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

Deslumbrante, o sabbado de Alleluia do Club Gymnastico Portuguez. A festa que a real sociedade offereceu, então, aos seus associados, teve o brilho sumptuoso de uma legitima noite carnavalesca.

CHROMOS

Ella me disse, uma vez:

— Vamos brincar de felicidade?...

E sorria com o sorriso franco e encantador das creaturas felizes.

Como era isso? Eu não sabia brincar de felicidade. Recordei a infancia distante. Tão ingênuos, tão simples os meus folguedos de então... Nenhum tinha esse nome bonito.

— Que é felicidade? — indaguei, sem querer.

Ella me fitou longamente, com assomos de espanto. O sorriso que lhe adornava a bocca pequenina e mimosa apagou-se aos poucos.

Não me respondeu.

Ella tambem não sabia o que era a felicidade...

Ella, que trazia no semblante a alegria das manhãs de sol. Ella, que sabia sorrir como as creaturas felizes...

Adivinhei uma dôr occulta, recalcada, naquelle olhar cheio de amargura e desalento.

E tive remorsos.

Só então comprehendi a ingenuidade da minha pergunta.

— Vamos brincar de felicidade? — murmurei, tristemente.

Ella sorriu de novo, com o sorriso franco e encantador das creaturas felizes.

Estava brincando de felicidade...

MATTOS ALEN

O domingo de Paschoa foi scintillante para a guryzada do Botafogo Football Club, que se divertiu a valer no baile infantil á fantasia alli realizado depois da grande festa de Alleluia.

A petizada do Fluminense teve um novo Carnaval..

O Fluminense Football Club, a exemplo dos annos anteriores, offereceu, no domingo de Paschoa, um alegre baile aos filhos dos seus associados. Foi uma festa encantadora, onde a petizada, a par de saborosos «bon-bons» e de abiscoitarem tentadores brinquedos, deu largas ás suas tendencias de dançarinos, saltando e dançando numa alegria invejável. Ahi estão varios flagrantes do que foi essa animada festa da guryzada distincta.

1. Quizera Christo, para sua maior affronta e humilhação, que o transe derradeiro, e mais amargo, se consumasse á clara luz do sol.

2. E sob a irradiação perpendicular e abrazadora erguera a ingratidão humana a cruz da ignomia e do martyrio.

3. E nella crucificou o corpo de Jesus branco e sagrado como um lyrio mystico.

4. E das suas mãos e dos seus pés atravessados, e da sua cabeça que os espinhos laceravam, o sangue escorria, como gottas de orvalho que a purpura de auroras irisasse.

5. E as cruzes que ladeavam a cruz de Christo eram um escarneo e uma irrisão.

6. E do lugar horrendo subiam invisiveis para o ar miasmas apodrecidos e lethaes.

7. E os caminhantes se detinham a blasphemarem de Jesus e o injuriavam com risos e sarcasmos.

8. E no coração da Mãe Santissima a magoa infinita o crucificava n'uma tortura suprema e sem medida.

9. E então a sua vóz ergueu-se para o céo, como um murmurio que ondulasse na corda de uma harpa.

10. — Pae, perdôa-lhes, porque elles não sabem o que fazem.

11. E a Virgem, trespassada de dôres, soluçava, morrendo mil mortes em cada soluço cruciante.

12. E o sól candente projectava sobre o chão pestifero calcinado a sombra immensa do Madeiro e á Natureza a volta estagnava-se de assombro.

13. E os passarinhos calavam-se nas frondes e na immobilidade espectral dos galhos os fructos estiolavam-se.

14. E as féras emmudeciam e petrificavam-se de horror, como figuras de bronze, que o médo animasse de um olhar attonito e perplexo.

15. E as nuvens rolavam sombrias, num escuro tropel de phantasmas assustados.

16. E Jesus, erguendo o rosto exangue para o azul, onde a luz empallidecia, livida e remota, murmurava abrindo em cada syllaba uma chaga lancinante:

17. — Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?!

18. E o céo recuava na distancia e os valles enchiam-se de sombra.

19. E com os olhos postos no Filho amado, a Mãe Santissima chorava, e as suas lagrimas cahiam-lhe no regaço como coraes delidos.

20. E o horizonte enchia-se de fogo, em chammas abrazado, ensanguentando a aresta das montanhas e o silencio attonito das aguas.

21. E os centuriões jogavam, matando as horas que morria Christo.

22. E vertendo um suor sanguinolento, elle pediu resignado e sereno o ultimo supplicio.

23. — "Tenho sêde".

24. E a crueldade dos homens, desmedida e monstruosa, colou-lhe á bocca exangue e ensanguentada a esponja embebida de fél e de vinagre!

25. E Jesus suspirou, provando a derradeira magoa mais amarga e padecendo a ultima injuria mais acerba:

26. — *Consumatum est.*

27. E, excedendo seu proprio soffrimento e ultrapassando as proprias agonias, Jesus espraiou o longo olhar magoado, morto de dôr e de tristeza.

28. E era chegada quasi a hora sexta e a flamma da luz bruxoleante irisou-lhe de sangue os cabellos que o sangue dos espinhos empastava.

29. E a luz morreu no céo e a sombra estendeu-se sobre a terra, como um crepe inconsutil e impalpavel.

30. E dentro do seu coração partido chorava a saudade do seu immenso amôr apartado dos homens que o crucificava.

31. E houve em silencio tão profundo e tão completo, como si houvera cessado a vida universal.

32. E então a vóz de Jesus ondulou incerta e agonizante e ascendeu no ar immoto para o céo distante e tragico.

33. — "Pae, em tuas mãos encommendo o meu espirito."

34. E a cabeça tombou-lhe inanimada num derradeiro "sim" para toda a humana petição.

35. E os soluços de Maria desabrochavam altos e lancinantes como si se lhe partira a alma e o coração.

36. E a terra toda tremeu e rasgou-se ao meio veu do templo.

37. E as montanhas oscillaram na base, os rios bramiram enfurecidos.

38. E o mar ergueu-se num turbilhão colerico de espuma e num despedaçamento fendeu-se em abysmos e em pelagos sem fundo.

39. E os valles encheram-se de écos medonhos e terrificos e de bramidos espantosos, como si rebramassem em todos os angulos da rocha e em todos os concavos do espaço os desolados rugidos pavorosos dos monstros das florestas.

40. E caiu sobre a terra uma escuridão espessa, como si se desfizéra em lucto o peccado humano e a ingratidão do mundo.

41. E trovões horrificos e panicos retumbaram na amplidão, rolando pelos montes, um estrondo formidavel, como si abrira o céo em pedaços sobre a terra.

42. E raios riscaram de fogo a treva opaca e relampagos abrazaram a escuridão de esgalhamentos phosphorecentes e espectraes como si surgissem espavoridos pelo ambiente caliginoso e denso em bandos de pyrilampos allucinados.

43. E tremeram as proprias pedras e as arvores partiram-se.

44. E no horror da natureza inteira abriam-se as sepulturas em hiatos negros e pavorosos, num fragor de catastrophe e de marmores partidos.

45. E um vento de ruina ululou nas copas do arvoredo, lascando os ramos e despencando os fructos, num longo gemido lugubre e sombrio.

46. E nos vortices do Inferno os Demonios se abateram, num tresvario de médo e de terror.

47. E pendente da cruz o corpo de Jesus resplandecia num pallor mais suave que o dos lyrios radiosos, como se o tocasse a luz fluidica das auroras boreaes.

48. E o sangue lhe desabrochava em rosas de purpura e de aurora e os espinhos despontavam em estrellas flavas sobre a aurea refulgencia dos seus cabellos de oiro.

49. E da terra que o seu suor humedecêra rebentavam flôres vermelhas como o seu proprio sangue e flores de neve, tão alvas e resplandecentes como sua alma ingenua e celestial.

50. E os centuriões tranzidos da catastrophe passaram e viram que Jesus estava morto.

51. E então, nascido da monstruosidade humana, aquelle cego abominavel, alçando a lança, abriu no peito de Jesus a ultima chaga.

52. E da ferida aberta o derradeiro sangue de Jesus correu, como um laivo de aurora que, sulcando uma açucena immaculada, se transmudasse na agonia sangrenta dos crepusculos.

53. E á volta da sua cabeça raiou um halo coruscante, todo feito de estrellas e de lagrimas de luz.

54. E no ar pregado, os soluços de Magdalena ecoávam doloridos, profundos e desolados, como si todo o seu amôr se transformara em pranto.

55. E o Discipulo Amado, approximando-se, verteu-lhe na alma a doçura da sua vóz:

56. — "Bemdiga Deus as lagrimas que chóras e te bemdiga a ti no teu immenso amôr."

57. E á vóz dulcissima e compassiva, os soluços agitavam como um vento de inverno agita um junco.

58. E o Discipulo Amado, enternecido daquelle soffrimento incomparavel que nenhum balsamo poderá minorar, falou-lhe ainda cheio de doçura e amavel compaixão:

59. — "Acalma a torrente das tuas lagrimas e enxuga o pranto dos teus olhos, que não poderá a tua magoa revivel-o."

60. E ouvindo a palavra [illegible] dôr [illegible] ravel que o excesso na sua [illegible] talvez uma allucinação, Magdalena estremeceu num choro dilacerante e angustiado, sobre toda a imaginação amargo e fundo.

61. E o Discipulo Amado, enchendo-se de assombro ante aquelle [illegible] se irremediavel, disse-lhe commovido misericordia e piedade:

62. — "Póde a Virgem Mãe soffrer outra a Dôr Maior, a que nenhum coração poderá resistir. Será porventura a tua dôr maior que a sua? Cessa as tuas lagrimas acerbas e serena a tua alma lacerada. Elle acceitou e amou o sacrificio da tua renuncia e abençoou o arrependimento do teu coração. Porque choras ainda e ainda te lamentas, se elle perdoou os teus peccados e banhou de sua graça os erros — tantos! — do teu passado iniquo?"

63. E Magdalena, erguendo o rosto devastado de lagrimas e dôr, rasos d'agua os olhos que accendiam um fulgor celeste no oiro ondeante

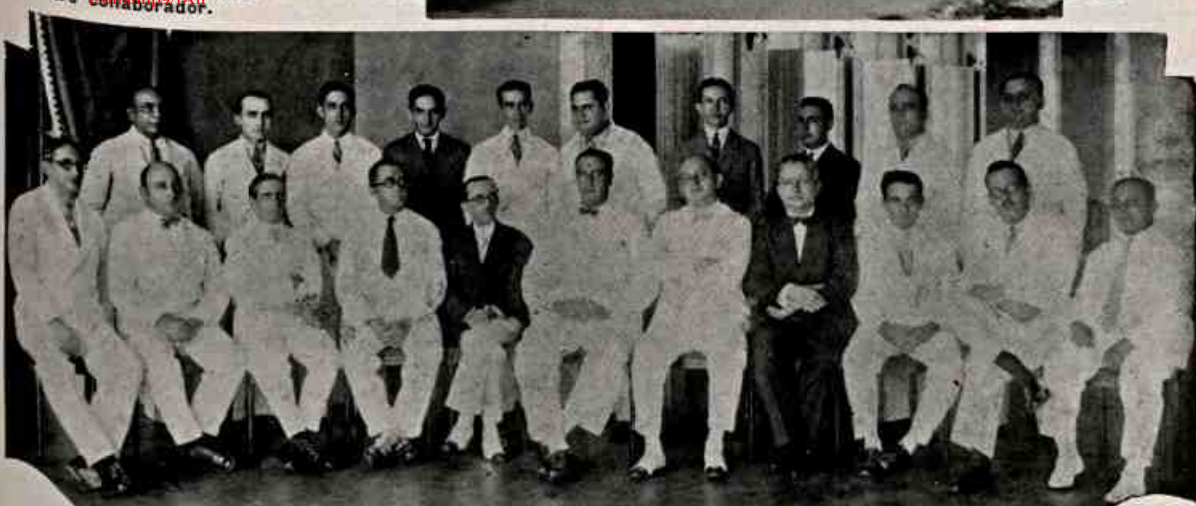
(Conclúe na pag. seguinte)

MAGDALENA
(Conclusão)

dos seus cabellos, soluçou n'um espasmo de agonia despedaçada e lancinante:

— Ainda... Eu não me lamento do perdão que elle me deu. Eu chóro a saudade do seu amor perdido.

«FON-FON» EM CAMBUQUIRA

As estações de agua têm tido, este anno, desusado movimento. O calor do Rio é uma prova de fogo a que poucos resistem... A objectiva de FON-FON fixou este interessante aspecto de Cambuquira, tomado na piscina, e onde se vêem, entre outras pessôas da melhor sociedade carioca, o prof. Oscar Clark, da nossa Faculdade de Medicina, e exma. senhora, e o joven Oscar da Fonseca Neves, irmão do escriptor Serilo Neves, nosso illustre collaborador.

Promovido pelo Syndicato Medico Paraense, associação que congrega a «élite» da classe medica de Belém do Pará, realizou-se naquella capital um almoço de confraternização scientifica, tomando parte no mesmo os clinicos e cirurgiões que formam o grupo acima.

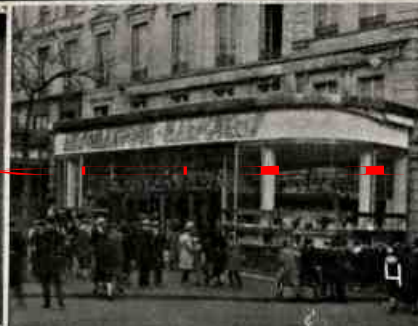
O centenario do nascimento do senador Esteves Junior, ardoroso propagandista da Abolição e da Republica, foi commemorado, no dia 21 de março, com uma romaria ao tumulo do saudoso republicano, no cemiterio de S. João Baptista, e uma sessão solenne realizada no Centro Catharinense, onde varios oradores focalizaram a personalidade interessante do illustre brasileiro.

A propaganda do café em Paris — Compagnie-Franco-Brésilienne de Cafés

CAFÉ-BAR DOS GRANDES BOULEVARDS, SUBVENCIONADO PELO "INSTITUTO DE CAFÉ DE S. PAULO"

Um aspecto durante o dia ... ... á noite, illuminado.

3.500 CHICARAS DE CAFÉ POR DIA!!

CAFÉS EXPLORADOS PELA "Cie. Franco - Brésilienne de Cafés" COM OS SEUS PROPRIOS RECURSOS

1) — Avenue Wagram (1.500 chicaras por dia) — 2) — Passy (500 chicaras) — 3) — Vivienne (400 chicaras) — 4) — Boulevard de Poissoniere (Marguery — 500 chicaras) — 5) — Pousset (400 chicaras) — 6) — Laupaud (300 chicaras) — 7) — Oumoine — (300 chicaras) — 8) — Cadot (100 chicaras).

A INAUGURAÇÃO DA "CASA LAVADEIRA"

Um acontecimento auspicioso da nossa vida commercial

O estimado e conceituado commerciante desta praça, sr. Edmundo Fortes, principal socio da firma Fortes & Cia., já estabelecida na praça Tiradentes, 12, com a Casa "Fortes", de artigos para homem e esportivos, inaugurou a 23 do mez passado, á rua do Ouvidor, 118, bem installada, a succursal daquelle estabelecimento, com artigos de gosto para homens, novidades em camisas, gravatas e especialidades esportivas, que offerece a preços accessiveis á sua numerosa clientela.

Um aspecto do acto inaugural.

Com grande assistencia de amigos, varias familias, representantes do commercio, imprensa e o mundo esportivo deu-se a inauguração da "Casa Lavadeira", constituindo uma cerimonia brilhante e expressiva.

Ao ser offerecida uma taça de champagne aos convidados, trocaram-se cordiaes e amistosos brindes, salientando os oradores o esforço e qualidades pessoaes do sr. Edmundo Fortes, que desfructa, no mundo esportivo, das maiores sympathias.

A festa decorreu no meio da mais encantadora cordialidade.

A "Casa Lavadeira", adaptada ás exigencias do commercio pratico e moderno, offerece ao nosso publico artigos de primeira qualidade, em condições bem razoaveis.

Está, desse modo, assegurado brilhante e auspicioso futuro ao novo estabelecimento inaugurado á rua do Ouvidor, 118, cujos proprietarios vêm dotar a nossa capital de uma casa commercial destinada a bem servir á população carioca.

Commemorando esse acontecimento, a firma Fortes & Cia. offereceu 5 % da sua renda bruta á Confederação Brasileira de Desportos, para auxiliar a ida da Embaixada Sportiva Brasileira a Los Angeles.

* * *

Publicamos, nesta pagina, dois aspectos da solennidade inaugural da "Casa Lavadeira".

Outro flagrante tomado por occasião da inauguração da «Casa Lavadeira».

A'QUELLE QUE HA DE VIR...

(Do meu Diario)

Conchita Cid

Domingo. — Eu tenho certeza que você ainda virá um dia para mim. Para a minha solidão sentimental.

Quantas vezes, beijada pelo sol — pirata tropical — que entra pela janella aberta do meu quarto, eu accordo com a deliciosa impressão de ter despertado sob um beijo seu!...

E fico pensando, e fico comparando o seu beijo com o beijo do sol...

Não! Você não ha-de ser assim tão atrevido. Não ha-de entrar nunca no meu quarto dessa forma grosseira sem pedir licença...

Terça-feira. — Ainda estou sob a doce hypnose dos seus beijos... Escrevo inebriada, num desejo soffrego de reviver os momentos magnificos que passámos hoje...

Recordo a intimidade do meu gabinete de estudo — um salãosinho fresco e alegre como um gury travesso — o telephone automatico sobre o *bureau* côr de esperança...

Começo a discar... Você attende... Eu e você... E, depois, os beijos quentes, murmurantes, que o phone transmitte de você para mim e de mim para você... Esses beijos loucos, atirados assim, a esmo, por um fio telephonico boliram-me com os nervos. Senti que você enrouquecia, que você ficava mais terno, mais nervoso, mais... não digo o resto não...

Primeiro, foi a minha mão que você pediu que eu collocasse no bocal do phone. Ouvi um estalido sêcco. Achei graça. Você indagou, curioso:

— Que foi que você sentiu?

Respondi, zombeteira:

— Assim como que uma picadela...

— Na mão?

— Não. Na alma.

— Um *frisson*...?

Fiquei amuada:

— Cale-se.

Depois, numa voz ainda mais arrastada e mais langue, você exigiu que eu collocasse a minha bôcca tambem no phone. Nesse momento, a minha bôcca estava crispada num rictus de revolta e de scepticismo.

O beijo foi longo. Quando acabou, eu estava pallida e o sorriso desapparecêra...

Eu não movêra os labios. Beijara-o tambem, longamente, silenciosamente, com a minha alma de amorosa e sonhadora. Por isso, o meu beijo foi mudo e triste...

Quinta-feira. — E' noite. Muitas estrellas pelo céo. Silencioso. Sob a luz mortiça de um *abat-jour* côr de rosa eu vou adormecendo. O livro que as minhas mãos pallidas sustinham e que os meus olhos curiosos percorriam numa doce volupia, (eu lia "Uma Garçonne Carioca", de Bastos Portela...), ia escorregando devagar...

Sonho... Que sonho lindo! Vejo-o escalando as janellas do meu quarto. Vejo-me, apparentemente assustada, a repellil-o. Mas, depois, seduzida pelo brilho dos seus olhos, pelo mysterio da sua pessôa e pela audacia do seu gesto, eu o acceito sem um protesto, sem uma interrogação...

Eu me senti tão pequenina dentro dos seus braços...

Sabbado. — Ande depressa, meu amor! Ha tanta gente batendo palmas na porta do meu coração...

Eu sei que você ainda virá um dia para mim. Para a minha solidão sentimental...

FON-FON NO CINEMA

As fantasias animavam o amôr.

Ella tinha o pensamento bem longe.

Segredos duma Secretária

"DA PARAMOUNT"

com Claudette Colbert, Herbert Marshall e Georges Metaxa

HELEN BLAKE, um dos mais prendados ornamentos sociaes de Nova York, deixa-se levar, de pouco a pouco, pelas insinuações amorosas de um rapaz estrangeiro — Frank d'Agnoli — que, pelas suas maneiras refinadas e grande *charme* pessoal, tem mais de uma apaixonada. Ademais, Frank diz-se filho unico de um rico fazendeiro sul-americano, o que desde logo concorre para a sua acceitação na melhor sociedade metropolitana.

Unico intimo amigo do pae de Helen, o banqueiro Merritt, numa festa, chama Helen em particular e communica-lhe estar certo de que D'Agnoli não passa de um jactancioso de reputação pouco sustentavel, cujo maior empenho é obter uma noiva rica. Mal sabe o banqueiro Merrit que a sua propria filha, Sylvia, está vivamente apaixonada por Frank, e que essa é a razão da quebra de amizade entre as duas jovens, outróra tão intimas.

Certa madrugada, ao sahir de uma festa brilhante, Helen e D'Agnoli, levados pelo calor do *champagne* e ansiosos por perpetrarem algo fóra do normal, dirigem o seu auto para o vizinho estado, de onde voltam casados. Quando ao amanhecer chega Helen á sua casa, encontra-se com o pae morto, victima do coração.

Todo o seu corpo tremia de pavor...

Dias depois, passado o grande choque, quando Helen fala ao testamenteiro do pae, sabe que a sua grande fortuna tinha sido reduzida a quasi nada. O marido recebe essa noticia com patente desagrado, e, como se veja burlado nos seus planos de viver á custa da joven esposa, deixa-a summariamente.

Precisando ganhar a vida por si propria, Helen acceita o logar de secretária particular que a senhora Merritt lhe offerece. Sylvia, aproveitando-se da posição secundaria que ora tem a sua amiga, humilha-a a cada instante, pois nunca lhe perdoára o casamento de surpresa com o rapaz a quem tanto queria. Emquanto isto, D'Agnoli, perdida toda a consideração que dantes

Conselhos... que se não acceitavam.

tinha, fez-se *gigolô* num dos ricos cabarets-dançan es da cidade. Não só pretexta D'Agnoli amôr a quanta velhota rica frequenta o faustoso *dancing* como, aproveitando-se da confiança que lhe dão algumas senhoras, se faz socio no roubo das jóias dessas respeitaveis matronas.

Embora sendo noiva de Lord Danforth, Sylvia continua occultamente com suas relações com D'Agnoli, que, digamos de passagem, lhe extorque quanto dinheiro póde.

Tendo chegado a Nova York para effectuar o seu casamento com Sylvia, Lord Danforth sente-se logo attrahido pelas maneiras delicadas de Helen, que o cerca de attenções emquanto a sua legitima noiva anda em festas e correrias de auto com o já nosso conhecido *bon-vivant*.

Não obstante a sympathia que nasce entre Helen e Danforth, o inglez continúa a fazer os preparativos para o casamento. Entretanto, a sua affeição por Sylvia fôra sempre um convencionalismo forçado pela familia, que lhe armára o noivado. Tendo sido financeiramente auxiliado pelo banqueiro Meritt, não pudéra o lord senão acceitar a offerta de uma noiva rica, que lhe fizéra indirectamente o pae de Sylvia.

Os amores illicitos de Sylvia e D'Agnoli andam por máus caminhos. O *gigolô*, tendo tomado para si a importancia de certas jóias roubadas, é ameaçado pelo dono do *cabaret* de o mandar despachar para o outro mundo, a menos que entre, dentro de duas horas, com a importancia de 12.000 dollares. Acovardado demite dessa peremptoria intimação, D'Agnoli lembra-se de Sylvia, que se vae casar nesse dia, e conseguindo vêl-a, exige della o dinheiro se não quer vêr o seu nome atirado á *lama dos escandalos*.

Assustada pela imposição do seu falso amigo, Sylvia corre ao escriptorio do pae, de quem obtem o dinheiro e vae levál-o a D'Agnoli, que a espera no seu hotel, que fica nos altos do cabaret. Sylvia entrega-lhe 10.000 dollares apenas, tudo que lhe déra o pae, mas D'Agnoli arrebata-lhe um colar de perolas, para completar a importancia. Ao ir o miseravel entregar ao patrão a importancia exigida, um dos bandidos escalados para o matar dá-lhe um tiro; o *gigolô* tem tempo de entrar no quarto e cahir morto aos pés de Sylvia, que sob suas ordens o ficará esperando.

Helen, a dedicada secretária, tinha seguido os passos de Sylvia, não por ciumes de a saber em intimas relações com o seu ex-marido, — mas, sim, para a resguardar de algum escandalo, que viesse destruir em Danforth a sua illusão de...

(Continúa na pag. [illegible])

Supplicas de amôr.

A disciplina acima de tudo.

TRANSATLANTICO

Direcção William Howard

com Edmund Lowe, Grete Nissen, Luis Moran, Myrna Loy e Jean Hersholt

A bordo do luxuoso transatlantico, Monty Greer, um famoso aventureiro que, para entrar na possante navio, se vira forçado a disfarçar-se em carregador, encontra, com agradavel surpresa, uma linda joven que viajava pela primeira vez com seu pae, rumo da Europa.

Acostumada a toda serie de aventuras e romances, aquelle casual encontro com Judy Kramer, assim se chamava a linda joven, foi mais um bello capitulo a juntar no seu precioso livro de conquistas. E assim Judy passava a ser o flirt favorito de Greer. [illegible]uella agradavel tra[illegible]. Entretanto, outros passageiros famosos

E o seu corpo cedia...

figuravam na lista do transatlantico e dentre elles Henry Graham, banqueiro celebre, que viajava em companhia de sua encantadora esposa Kay. Sigrid Carline, a bella artista, amante de Graham, tambem possuia o seu camarote de luxo.

Continuava a vida de bordo na sua serena tranquillidade, onde num navio, uma miniatura do mundo, reunindo todas as raças, religiões e credos politicos, se cruzam no tombadilho aquella multidão de "noceurs", banqueiros, commerciantes e capitalistas e muitas vezes alguns elegantes piratas. Sabendo estar a bordo o famoso Graham, "Handsome", chefe de uma poderosa quadrilha de ladrões, planeja um assalto á cabine do reputado "business-man".

Conhecendo Sigrid, um dos seus antigos amores, e Kay uma namorada de outros tempos, Greer ti-

ra proveito desta situação, sabendo como sabe dos soffrimentos moraes de Kay, pela indifferença de seu marido. Nada de anormal até então se havia verificado, quando a recepção de um radio vem annunciar a fallencia do Banco de Graham, levando á ruina milhares de depositantes, entre os quaes Rudolph Kramer, pae de Judy. Como um louco, Rudolph dirige-se para a cabine de Graham, afim de certificar-se de sua verdadeira situação financeira, e, como resposta, Graham chama um camareiro e expulsa-o. Indignado, Rudolph apanha um revolver, disposto a matál-o, volta para o camarote de Graham. Noite alta ouve-se um disparo, Judy corre em busca de Greer, pedindo auxilio, pois que sabia da exaltação de seu pae.

Flôr de sensibilidade e de graça.

Greer abre a porta e vê debruçado sobre a mesa de trabalho o corpo de Graham, e o vulto parvo, extatico de Rudolph com um revolver na mão. Após inqueritos policiaes, o commandante do transatlantico vê-se na obrigação de prender todas as pessôas implicadas. Chegado ao fim da viagem, descoberto o verdadeiro criminoso, que fôra Handsome com seu grupo, desembarcam todos, menos Greer, que fôra retido pelas autoridades locaes para averiguar o seu passado.

Graham, curado dos seus ferimentos, graças aos desvelos de sua esposa, devolve em cheque a importancia de Rudolph.

E Greer, só, recorda-se com saudades dos momentos agradaveis que passara na encantadora viagem do luxuoso transatlantico.

Hora de amargura.

SEGREDOS DUMA SECRETÁRIA

(Conclusão)

amôr. E, assim, chega ao quarto tragico, onde encontra Sylvia como louca, aterrorizada, deante do cadaver do amante.

— Não fui eu! exclama Sylvia, ao vêr a secretária. Quando entrou aqui já vinha agonizante.

— Mas o teu vestido! Não vês, Sylvia, estás coberta de sangue! Effectivamente, D'Agnoli agarrára-se á moça, ao cahir, e manchára-lhe de rubro o vestido.

O tempo urge. Fóra, no saguão, tinham descoberto gottas de sangue e os detectives do hotel, que as tinham seguido até a porta do quarto, batem repetidamente, para fazer investigação. Helen, ainda como supremo sacrificio á honra da familia a que serve e muito mais para livrar a reputação do noivo de Sylvia, a quem sinceramente ama, troca de vestido com Sylvia para que esta possa escapar. Mas, ao sahir Sylvia por uma porta, entra a policia pela outra. Helen é logo posta no centro de uma roda de perguntas, e os repórteres, reconhecendo-a como secretária da familia Merritt, vão em seguida levar a noticia ao conhecido banqueiro.

Sylvia, que já se acha em casa, nega peremptoriamente ter estado no hotel. Mas Danforth, que voltava da scena do crime, diz ter encontrado Helen com o vestido de Sylvia, todo empapado de sangue, e obriga a sua noiva a confessar a verdade, isto é, que, estando em perigo de ser apanhada no quarto fatidico, acceitára o offerecimento de Helen para, trocando de roupa com ella, poder escapar á investigação policial.

Por esse tempo, porém, no *Hotel Albany*, scena do tragico acontecimento, já conseguira a policia descobrir o assassino de D'Agnoli que, vendo-se perdido, se atirára de uma janella á rua.

NOTAS DE ARTE

O POEMA SOCIOLOGICO — Toda idealização da vida real que se inspira na vida social, é naturalmente poesia social. Mas nem toda poesia social é poesia sociologica. Para que o seja, preciso é que os individuos e acontecimentos idealizados symbolizem concretamente os elementos staticos e a successão dynamica da existencia collectiva. Donde duas categorias de poemas sociologicos: os staticos e os dynamicos; os que imaginam, no espaço, uma sociedade hypothetica, em que figuram, mais ou menos alterados ou transformados, os elementos do organismo collectivo, como a propriedade, a familia, o governo, a religião, e os que representam, no tempo, atravez de um individuo, a successão dos phenomenos sociaes.

Exemplos da primeira categoria são a *Utopia*, de Thomaz Morus, e a *Cidade do Sol*, de Campanella. São ambos propriamente utopias, ou, segundo a definição de Pierre Laffitte, em cuja obra, inspirada nas lições de Aug. Comte, haurimos as noções que ora vulgarizamos — "construcções poeticas, nas quaes se combinam mais ou menos intimamente a ficção com a realidade, mostrando-lhes a realização, em condições desconhecidas e hypotheticas de um estado mais ou menos ideal."

Exemplo da segunda categoria, são a *Divina Comedia* de Dante, o *Fausto* de Goethe e o *Poema da Humanidade*, concebido por Aug. Comte. Em todos estes poemas, o mesmo cerebro, através dos varios estados do seu equilibrio, percorre as diversas phases do movimento social.

Na *Utopia*, na Ilha da Utopia, que é o logar da sociedade idealizada por Thomaz Morus, reina a republica communista, quanto á propriedade, e individualista, quanto á familia. O atheismo e o materialismo são proscriptos. A religião é o deismo.

Na *Cidade do Sol*, o regimen é uma especie de theocracia communista. Ha o chefe supremo, ao mesmo tempo espiritual e temporal, é um padre chamado Sol, e a organização economica baseia-se na communidade dos bens e das mulheres. Tudo é regulado por actos de força. Faz-se a reproducção dos homens como os nossos criadores, a dos animaes. O trabalho é obrigatorio. A espiritualidade dominante é um mixto da metaphysica e de sciencia, tentando racionalizar compulsoriamente.

Através de algumas ideas interessantes e de utilidade social — diga-se de passagem — o que mostram esses poemas é a [illegible] da sociologia es-[illegible] é que hoje, em pleno seculo XX, os homens que governariam o mundo estão, como os utopistas dos seculos XVI e XVII (A *Utopia* appareceu em Louvain em 1516 e a *Cidade do Sol*, em Paris em 1637) — mergulhados nos erros e crimes do estatismo, na confusão dos dous "poderes", apesar da obra maravilhosa de Aug. Comte pregando e demonstrando que a pedra angular da regeneração humana é a separação dos poderes, o poder espiritual, quer theologico, quer metaphysico, quer scientifico — do poder temporal, quer executivo, quer legislativo, quer judiciario. Aliás Morus e Campanella já então repetiam a utopia da *Republica* de Platão, que a *Politica* de Aristoteles refutou para sempre...

A ficção do fidalgo inglez e a do monge dominicano são realizações da poesia sociologica estatica, como o são tambem o *Telemaco*, de Fénelon, a *Viagem de Gulliver* de Swift. Mas a poesia sociologica dynamica, a que define melhor a poesia sociologica, é representada pelos poemas que pintam a evolução humana, como os tres que enumeramos, dos quaes occupa o primeiro logar na ordem de data e em parte na de valor, a incomparavel epopéa do divino Allighieri.

A *Divina Comedia* é a synthese poetica da evolução humana através da theologia catholica do seculo XIII, illuminando a alma ardente e apaixonada, austera e pura, do maior de todos os poetas. Guiado primeiro por Virgilio e depois por Beatriz, Dante percorre o Inferno, o Purgatorio e o Paraizo, fazendo a historia epica dos estados successivos da Humanidade, do paganismo ao christianismo, através dos vultos e factos que se lhe deparam na viagem maravilhosa. E o faz, alliando a mais alta poesia com a mais rigorosa technica. A *Divina Comedia* é um poema integral, onde a perfeição da linguagem corresponde em toda a sua plenitude ás maravilhas da inspiração. E' o mais completo, o mais perfeito poema sociologico até hoje apparecido. Nelle, o individuo, o poeta, Dante, canta philosophando, philosopha cantando as phases successivas da sociedade pagã e christã, guiada pela fé medieva.

O *Fausto* é a synthese poetica da evolução humana, através da metaphysica espiritualista e materialista do seculo XVIII. Guiado por Mephistopheles, Goethe—Fausto percorre objectiva e subjectivamente o inferno, a terra e o céo, o presente, o passado e o futuro, canta o desespero da duvida, a inquietude do estado irreligioso, e a volta final ao credo antigo. Com todas as suas bellezas, o *Fausto* é mais obra de pensador e de pensador metaphysico, que de poeta. E', como diz Laffitte, um poema confuso, incoherente e instavel. Um cahos intellectual, na linguagem eminentemente verdadeira, e ultra expressiva de Mme. de Stael.

O *Poema da Humanidade*, concebido por Aug. Comte, será a synthese poetica de toda a evolução humana, do fetichismo inicial ao positivismo final, através de um cerebro que reuna a capacidade philosophica de Aristoteles ao genio poetico de Dante, e onde o poeta-philosopho e philosopho-poeta percorra todas as phases da evolução, descendo do positivismo final ao fetichismo inicial e subindo depois do fetichismo inicial ao positivismo final. "Idealizando a philosophia da historia, diz Aug. Comte, o *Poema da Humanidade* caracterizará todas as phases da vida preparatoria, prolongada até o advento do estado final".

Entre a epopéa dantesca, o drama goetheano e o poema comteano, ha que assignalar uma distincção, que implica na classificação dos varios generos de poemas sociologicos, propriamente ditos, os que se inspiram não na statica, mas na dynamica social. E' que ora o poeta, ou seu heroe, figura interiormente estavel no meio de variavel situação exterior, ora interiormente variavel no meio da estabilidade exterior; ora participando dos dois casos: ás vezes, internamente estavel na instabilidade externa, outras, internamente instavel, na estabilidade externa. A *Divina Comedia* pertence ao primeiro grupo; o *Poema da Humanidade*, ao segundo, e o *Fausto*, ao terceiro.

No primeiro, predomina a objectividade: é a successão dos phenomenos exteriores, das phases sociaes, que caracteriza o poema; no segundo, a subjectividade: é a successão dos phenomenos interiores, dos estados cerebraes, que o define; no ultimo, ao mesmo tempo a objectividade e a subjectividade: são ora os phenomenos exteriores, ora os interiores, que variam, e caracterizam a construcção esthetica.

Em resumo, o poema sociologico é a idealização da vida collectiva no espaço pela invenção de uma estructura social utopica, ou no tempo, pela reproducção das phases sociaes através de um individuo em varios estados de equilibrio cerebral ou psychico.

Oscar D'Alva

A VENTURA E O LUAR

De PEDRO PAULO FARIA ROCHA

. . . .

E o homem olhou o céo. Olhou, percorrendo o infinito de um azul bem claro e tranquillo, esmaecido pela doçura da lua em plenilunio, e se poz a contemplál-o...

O seu olhar, agora, parecia penetrar o incognito... Tinha-se a nitida impressão de que no magico encantamento que pairava em tudo, no ambiente, a sua alma se havia encorporado... e o seu corpo, inanimado, era como si não sentisse a vibração da vida...

E assim ficou por muito tempo, até que adormeceu, como si sua alma tivesse fugido totalmente e se integrado na propria natureza... Sim; as almas que sabem sentir e comprehender a sublime harmonia do universo integram-se nessa mesma harmonia, completando-a... Ha alguma coisa desconhecida, mysteriosa, que liga á consonancia da natureza o homem espirito...

. . . .

Quando o homem despertou e olhou o céo, o seu olhar já não tinha a suavidade daquelle olhar que contemplava a doçura do luar... e a lua, que, declinando para traz de colossal montanha, se occultára sob espessas nuvens, já não illuminava a terra...

E o homem se poz, então, a meditar: *a ventura não é mais que uma interrupção momentanea da dôr...* E a dôr é sempre, consciente ou inconscientemente, buscada pelo proprio homem... A ventura é como aquelle luar que fugiu... E a alma do homem como a branda lua que procurou uma nuvem para se esconder...

———

A VONTADE

Olhar para um mal passado e irremediavel é o melhor modo de procurar um novo aborrecimento. Quando o homem não póde abster-se aos golpes do infortunio, a paciencia é o unico remedio para enfrentar os seus rigores; o roubado do que se ri rouba ao ladrão. Mas, o que se entrega inutilmente ao desespero, rouba-se a si mesmo. Nós, mesmos, temos o necessario para sermos felizes e ditosos. Tudo é effeito da vontade. — SHAKESPEARE.

Novidades Literarias da Europa

O LIVRO BRASILEIRO EM PARIS

ESSE Afranio Peixoto que tanto somno tem tirado ás romanticas nacionaes nunca foi um romancista que me enthusiasmasse. Para mim, a "Fructa do Matto", uma vez tirada a casca, constituira o logro de não ter nada no interior: sem summo... Comtudo, nunca deixei de admirar o seu formoso talento. Ouvi-o duas vezes, e a impressão que delle tive foi bem outra do Afranio, romancista. Essa a razão por que não conhecia a "Bugrinha", e temia a reproducção do insuccesso causado no meu espirito pela "Maria Bonita", "personagem de um romance feio". Na minha estada ao serviço do FON-FON em Paris, travei relações com um homem sympathico, activo, director das "Nouvelles Editions Latines". Mr. Soriat, um apaixonado do Brasil, que, com vivo enthusiasmo, me apresentou a "Bugrinha" como um dos legitimos successos de livraria em Paris. Pasmei. Não quiz acreditar. Tive pena do editor que tão bôa vontade mostra na propaganda dos nossos autores. E mais estupefacto fiquei quando soube que a "Bugrinha" (como dizem aqui) era pedida de todos os cantos da Europa Latina. Realmente era imperdoavel não conhecer o unico livro do nosso romancista que faz furor por aqui. E lá fui para casa, onde devorei o romance em uma noite, com um medo horrivel de achar esse successo "uma coisa inacreditavel". No dia seguinte, corri a abraçar o meu amigo Soriat. Esplendido livro, admiravel traducção! E' a obra de Afranio que mais admiro e, talvez, uma das poucas que já me enthusiasmaram no Brasil, e com ella estamos fazendo notavel figura por aqui. Mudei de opinião sobre o Afranio. "Mea culpa", etc., etc... — B. A.

M. S. M. Hutchinson, autor de *In winter comes* (Quando vem o inverno) que teve um incomparavel successo ha 10 annos, vem de findar um novo romance intitulado "Big business", que será lançado ao mesmo tempo na Inglaterra, na França, na Italia, na Allemanha e em Hespanha. Os jornaes inglezes annunciam que elle trabalha actualmente em uma nova obra intitulada "Spring Song" (A canção da Primavera).

Verdun é a ultima obra de Poincaré, da serie *Au service de la France*, que o antigo presidente vem publicando ha alguns annos. Obra de um vigor extraordinario, relatando os acontecimentos, que empolgaram a França, de Verdun, tem sido muito discutida por deixar entrever, nas entrelinhas, "descuidos" de altas patentes do Exercito francez. A livraria Plon é a sua editora.

HENRI BORDEAUX

De l'Academie Française

AMITIÉ ou AMOUR

A amizade amorosa. Maria Antonietta e Fersen, Pauline de Beaumont e Chateaubriand, Xavier de Maistre, Rosalie de Constant e Bernardin S. T. Pierre.

Librairie Plon
8 Rue Garancière
PARIS

16 Frs.

Annunciámos, ultimamente, que Bernard Shaw se achava em viagem de ferias, com sua esposa, no sul da Africa. Um telegramma chegado agora de Cape Town nos dá a triste nova de haver elle soffrido um desastre de automovel, do qual sahiu, assim como a companheira, bastante ferido.

Por occasião do centenario de Goethe, por ordem do governo francez, a "Monnaie de Paris" vae editar uma medalha, obra do gravador R. Benard "d'après" o medalhão de David D'Angers. Um dos lados da medalha representará o encontro de Fausto e o outro será reservado á cerimonia que deverá ter logar em Strasbourg, como lembrança da passagem de Goethe pela Universidade daquella cidade.

Livros que acabam de apparecer

— «L'or noir», de André Michel. (Figuière, editor).
— «Au pays des superstitions et des rites», pelo Comte. Baudesson. (Librairie Plon, editora).
— «Pourquoi êtes vous tristes?», romance, por R. Monclair. (Plon, editor).
— «De l'Argentine á l'Amazone», de Mme. Courteville. (Fasquelle, editor).
— «Pirouettes», romance, de Marcel Pagnol. (Grande successo. Fasquelle, editor).
— «La douleur» (suivi d'autres inedites), de Alphonse Daudet. (Successo. Fasquelle, editor).
— «Madame Sourdis», por Emile Zola. (Fasquelle, editor).
— «Choix de poésies», Contesse de Noailles. (Fasquelle, editor).
— «Choix de poésies», Edmond Rostand. (Fasquelle, editor).
— «Emile Zola raconté par sa fille», por Denise B. Zola. (Fasquelle, editor).
— «L'araignée de Verre», por Maurice Maeterlinck. (Fasquelle, editor).
— «L'armée navale», por C. Danielou. (E. Figuière, editor).
— «L'île d'Epouvante», por Gaston Pastre. (Editions Tallandier).
— «Le destin de Joseph Marie le Brix», por Boucher. (Nlle. Libr. Française).
— «Eugénie Grandet», de Balzac. Nova edição. (Plon, editor).
— «La Croix Sanglante», por Leo Mora. (Editions Tallandier).
— «Trente ans Aprés», romance, por L. Lally. (Figuière, editor).
— «Le culs terreux», romance, por R. Charmy. (Editions Baudiniere).
— «La puissance de la chair», romance, por mme. Priuli. (Figuière, editor).

Offensa á arvore

ENVELHECENDO, Patricio Marcus, o celebre pintor, contrahiu extravagantes manias. Eu não dizia mais nada aos homens, falava ás arvores. Havia algumas que recebiam seu cumprimento, como grandes personagens. E' que lhes pareciam bellas, altivas, veneraveis e dignas de respeito, como imperadores. "E depois, vocês nunca me fizeram mal" parecia dizer-lhes.

Entre as arvores que elle saudava, destacava-se um pinheiro Laricio, enorme cujo pórte imponente, dava um ar de nobreza a um canto de seu parque. Este, Patricio ia vêr constantemente. E ás vezes, sentando-se a seus pés, sobre uma velha raiz, torcida como uma giboia que dorme, dizia-lhe coisas bizarras, ás quaes a arvore parecia responder com um sussurro de suas agulhas resinozas:

"Pois sim! resmungava o velho artista. Fui eu que te plantei, certo dia de Natal, lembras-te? Eu tinha sete annos. Um imbecil de padrinho m'a déra. Elle te arrancára da floresta onde nasceste e plantou-te no nosso salão. Devias ser uma arvore de Natal, quer dizer, um pequeno infeliz, uma creança-martyr vegetal, carregada de brinquedos, de fitas, de flôres artificiaes, de saccos de *bombons* e em volta dá qual, ia-se dansar. Eu apiedei-me de ti, meu menino. Vendo que tinhas raizes, roubei-te a meus paes e fui plantar-te na boa terra, n'este sitio que aqui está. E tu achaste a teu gôsto, a terra; tornaste a viver, cresceste, desenvolveste-te, tornaste-te um homenzarrão de arvore, e voaste ao vento, e lançaste canções de cigarras ao sol, foste feliz, amaste e cumpriste a missão mysteriosa que a Natureza te havia confiado. E é a mim que deves tudo isso, meu camarada!... Salvei-te a vida. Não me amas um pouco no teu coração de lenho? Uma arvore não deve ser ingrata como um homem... Até logo! Passes bem! Embala muitos ninhos, lança bastante sementes. Deixarás cahir uma sobre minha vala, acolá, no cemiterio visinho. Pensa nisso! Serei feliz de dormir á sombra dum de teus rebentos."

Assim divagava o velho Patricio ao pé da arvore, resmungando. Por vezes, um camponez ouvia-o e dava de hombros.

"Que louco!" devia elle dizer. E evitava saudal-o, aquelle que falava com as arvores.

* * *

Ora, o anno passado, no dia 24 de dezembro, o velho artista poz-se a caminho para ir desejar boas-festas ao pinheiro Laricio. Eram octogenarios ambos; mas si um mantinha-se firme como um mastro, o outro caminhava curvado sobre duas bengalas. Nunca, depois que deixou Paris, para se retirar para o campo, naquella propriedade familiar, Patricio deixou de ir levar seus votos ao grande pinheiro, no dia de Natal. Esquecêl-o, parecer-lhe-ia um sacrilegio. Elle lá se foi então, apoiado ás duas bengalas. Empregou meia-hora para andar os tresentos metros que separavam a casa da arvore. E que viu elle sobre a arvore, ao chegar? Alguem que subia nella.

Realmente! Semelhante offensa ao pinheiro Laricio. Quem ousava?...

Elle avançou, olhou, com as pupillas ameaçadoras, fulminantes e poude reconhecer a criminosa. Porque era uma camponeza visinha, de quinze a deseseis annos que subia, ligeira, pela haste ruiva auxiliada pelos braços e pernas.

Mas como eram bem feitas aquellas pernas! Uma alvura, um marmore...

O bom humor depende de uma bôa digestão

Quando se está de máu humor, quando se vê tudo negro, é mais que provavel que a causa disso é uma má digestão. Um prato mal assimilado é bastante para desorganizar o bom funccionamento do apparelho digestivo, e transtornar o bem-estár. Como a maioria das perturbações digestivas são causadas ou acompanhadas por um excesso de acidez, torna-se de importancia primordial nestes casos manter o succo gastrico ao grão normal d'acidez pelo emprego de um sal alcalino como seja a Magnesia Bisurada. Meia colher de café de Magnesia Bisurada diluida em um pouco d'agua depois das refeições ou logo que se sinta a dôr, faz neutralizar o excesso de acidez e restabelece as funcções digistivas. A Magnesia Bisurada é inoffensiva e facil de tomar, allivia azedumes, flatulencia, pezadumes e as indigestões em geral. A venda em todas as pharmacias.

De Jean Rameau

— Bom-dia, senhor! — disse uma voz fresca como um canto de passaro. Dá licença?

— De que? perguntou elle, mal humorado.

— Que eu colha uns brotos desta arvore?

— E que queres fazer com elles?

— Uma tisana. O doutor disse que era muito bom para resfriados, o chá de grelos de abeto.

— Mas não é um abeto, louquinha, é um pinheiro.

— Oh! abeto ou pinheiro...

— Estás então resfriada?

— Não, eu não. E' meu namorado. Elle tosse muito.

— Ah! Ah!... E porque teu namorado tosse muito, eu hei de permittir, eu...

Que elle permittisse ou não, ella continuava, a bella garota. Agilmente subia de galho em galho, e cortava, de passagem, a extremidade dos ramos. Que massacre!

Instinctivamente, o velho levantou uma das bengalas. Mas um sorriso tão bello veio lá de cima... Elle sentiu-lhe toda a caricia, como si a aza duma pomba lhe houvesse esplorado a face. E a bengala abaixou. Não encontrou na bocca uma só palavra para reprehendel-a, a joven assassina.

Ella colhia brotos a torto e a direito, sob os pés, sobre a cabeça. E ás vezes quebrava um galhinho com os dedos nervosos, para obter vinte brotos de uma só vez.

Oh! que vandala!... Mas tinha movimentos tão elegantes!... Como zangar-se? O vento que começava a soprar mais forte — e não era a colera da arvore este vento repentino? — o vento entrava pelo vestido, no corpete, e desnudava coisas, oh! coisas... os olhos do velho artista brilhavam. Sim, ainda que tivesse oitenta annos, esses olhos tão cançados, brilhavam ainda, rejuvenescidos. A belleza, não é um reflexo de Deus que passa.

Ah! a matreira!... Ella devia bem perceber que esse homem a admirava, e perdoaria tudo. Assim não hesitou em subir até a copa da arvore, para tirar a ponta da haste, do galho ultimo, onde os grelos eram maiores. Si aquelles não lhe curassem o namorado...

Grande Deus! ella abateria o pinheiro, matal-o-ia talvez.

— Ah! gritou o velho espavorido.

— Que é, senhor?

Elle queria dizer: "Mas tu o matas. Miseravel, isso mata um pinheiro, tirar-lhe os brotos. Ah! meu bello Laricio!"

Mas não disse nada disso. Elle, para explicar o grito de terror, balbuciou commovido:

— E' por tua causa, minha menina. Fizeste-me medo. Podias cahir, sabes?... Venta tanto. Desce depressa.

— E' verdade. Venta muito. Está perigoso, disse ella.

Mas antes de descer ella lançou uma braçada de grelos ao pé da arvore para ficar mais livre de movimentos e, vendo um raminho flexivel, ella quebrou-o e fez com elle uma corôa.

— Vae-me bem? perguntou ella risonha.

Mas foi ella então que deu um grito. Para prender a corôa nos cabelos, ella soltou as mãos da arvore; e só tendo os pés para se apoiar, perdeu o equilibrio, numa rajada inesperada.

Patricio viu-a revirar entre os galhos, depois cahiu aos pés do pinheiro, como um fructo maduro.

Oh! elle se vinga! pensou elle. E é terrivel quando uma arvore se vinga.... Estará morta?

Não, ella respirava ainda. Mas tinha uma perna quebrada. Foi por isso que os paes a viessem apanhar, e a levassem á casa. Tremulo o velho pintor, acompanhou-os. Até á tarde até a noite fechada, ficou perto della, esquecendo tudo... o pinheiro, o Natal, as festas a desejar ao bom camarada verde.

Bruscamente, á meia noite, um ronco sinistro fez-se ouvir ao longe, debaixo da tempestade desencadeada.

— Meu Deus! Elle cahe, disse o velho empallidecendo. Oh! meu unico amigo! Esqueci-te, deixei-te mutilar! E não reviverás mais...

Ao luar, elle partiu, apoiado ás duas bengalas, em direcção ao pinheiro. Encontrou-o desenraizado, despedaçado, cahido.

"Perdão!" murmurou elle, procurando um ultimo grelo para beijal-o.

Sentiu então qualquer coisa de suave sobre a cabeça. Era um punhado de sementes que o vento lhe lançava sobre os cabellos, como um derradeiro pensamento da arvore moribunda. Ella perdoava.

O FIM...

QUANDO Ricardo se mostrou á porta, no vasto salão de luzes cambiantes, os pares se arrastavam devagar, ao rythmo dolente do tango.

Accendeu um cigarro. E, por momento, seu olhar investigador perdeu-se naquella promiscuidade elegante, ora acompanhando um collar que faiscava, ora acompanhando vestidos deslumbrantes, que se confundiam com as calças pretas listradas de sêda.

E, rapido, naquelle ambiente perfumado de odores esquisitos, os minutos passaram-se como em sonho.

E a melancolia do tango morreu lentamente num accorde nostalgico. E a luz esfuziante das lampadas occultas voltou a encher a sala de claridade intensa. E os pares, conversando, rindo, voltaram a occupar os seus logares, em redor ás mesas que se cobriam de taças e cinzeiros.

Então, Ricardo olhou aquelles rostos pállidos, tão pallidos como o seu. E, inconscinentemente, numa estupefacção, seus labios disseram:

— Eleonora!...

A mulher ouviu. Olhou-o de frente.

E seus olhos azues mergulharam-se nos de Ricardo.

Fez um movimento vago. Talvez fosse falar, talvez...

Mas seus labios não se abriram. Sua mão segurou novamente o pé crystalino da taça. E seus olhos claros, de um azul diaphano, fixaram-se na bailarina quasi núa que apparecia entre applausos.

Ricardo duvidou. Seria Eleonora?... Seria?... Era, tinha certeza... Então?... Por que não lhe falára? Não o teria reconhecido? Impossivel... Nesses tres ultimos annos, elle não mudára. E ella? Ah! Sim... Tornára-se mais mulher... Como estava linda! Como seus cabellos pareciam mais louros, seus olhos mais azues, sua bócca mais vermelha, seu corpo mais esguio e branco!... Então?... Por que não lhe falara?...

Sentou-se. O "garçon", solicito, attendeu-o.

E emquanto todos admiravam a bailarina eximia, que se retorcia em convulsões sensuaes que se dobrava em curvas voluptuosas, que deslizava mansamente pelo soalho luzidio, ao som de uma musica evocativa de dryades e de nayades, Ricardo, absorto, observava Eleonora.

Quem seria aquelle homem que a acompanhava? Oswaldo?... Ernesto?... Não. Um "outro"... Outro... Quantos já teriam passado por sua vida, desde?...

O homem desconhecido levantou-se. Ajudou a mulher a vestir o casaco de pelles. E sahiram ambos.

Ricardo sentiu o perfume suave que se desprendia della envolvel-o todo. Pensou que Eleonora se voltaria, que lhe atiraria um derradeiro olhar...

Ella passou. Deslumbrante pelo braço do homem. E não o olhou sequer...

Então, Ricardo atirou uma cedula sobre a mesa e seguiu-os.

Tarde de mais! A porta envidraçada do automovel fechava-se com ruido.

Ainda murmurou:

— Eleonora!...

E avistou o carro que se perdia ao longe, immerso na bruma nocturna.

Sahiu...

O capote atirado com displicencia sobre os hombros, a bengala arrastando-se indecisa pela calçada, o cigarro

Mauro Barcellos

quecido no canto da bôcca.

Vagou algum tempo, o cerebro povoado de sombras do passado. A's vezes, seus labios se entreabriam, num sussurro:

— Eleonora...

Por fim, entrou em casa.

Accendeu a lampada da mesa e procurou entre os papeis alguma coisa.

Era um retrato.

Fitou-o longo tempo, mudamente.

E, pelo habito de escrever, segurou a penna:

"Eleonora... Eleonora... Eleonora..."

Traços vacillantes, a principio, como que hesitando... Depois, firme, sua mão traçou o papel branco...

"Quando eu a conheci, era tão bella, tão meiga, tão bôa, que, por muito tempo, lhe escondi o meu amor com medo de magoal-a...

"E, naquella noite, em que, tomando-lhe a mão pequenina, lhe murmurei ao ouvido que a amava e lhe pedi que fosse minha mulher, minha... Estremeceu-se e soluçou de dôr, ouvindo-lhe a branda voz.

"Ah!... Antes eu não a tivesse conhecido!...

"Si o soffrimento humano fosse mais forte do que a vida, meu coração teria tombado morto, como a alma, naquella tarde dourada de maio, em que, entre flôres e musica, Paulo beijou-a na bôcca, ante o olhar complacente de um sacerdote, indifferente á dôr, aos gemidos de minha alma soluçante...

"E depois...

"Paulo disse-me, um dia:

"— Eu sei que tu a amas tanto quanto eu... Vae. Eu a farei feliz...

"E sua mão leal cahiu sobre a minha, num aperto de terna amizade.

"Parti.

"Os mezes correram, rapidos pela estrada da vida.

"Meus olhos se inebriaram ante a belleza magnificente dos poentes italicos; ante a immaculada brancura das montanhas de neve; ante o tumulto cyclopico da cidade-luz; ante o sol radiante da terra do Cid; ante a tristeza das tardes cinzentas...

"Mas eu soffria...

"As cartas que me chegavam, contando a felicidade constante do casal, eram como que o reavivamento de uma chaga latente.

"Paulo escrevia-me. Pensava, talvez, que me dariam prazer as suas cartas. As suas cartas cheias de ternura para ella, cheias de amor para o filho, cheias de contentamento... E, para mim, mais amargas do que as lagrimas ardentes que eu chorava!

"E, egoista, eu invejava a felicidade de Paulo, pensando naquelle filho que poderia ser meu, naquella mulher que poderia ter sido minha...

"Mas Paulo era meu amigo. Paulo confiava-me as suas esperanças, as suas alegrias...

"Um dia, numa tarde azul que ria com seu riso luminoso da tristeza da vida, uma voz, a voz do meu amigo, atravessou o oceano, transpoz montes, cortou os ares, e me chamou ansiosa...

"Volta. Ella morreu".

"Era só.

"Morreu... Eleonora... Paulo...

"E vi-a muito branca e muito meiga, deitada

O F I M . . .

(CONCLUSÃO)

* * *

suavemente entre quatro cyrios tremulos... E Paulo que a beijava... E Paulo que chorava sobre o seu corpo frio...

"Nem isso para mim! Nem esse supremo bem!...

"Poder chorar, olhando-a, contemplando-lhe as faces alvacentas... Poder depositar-lhe na mão, que a morte tornava gelada, o meu beijo, o meu unico beijo, o meu beijo de amor...

"Nada... Nada...

"E o mar rugia em vagalhões immensos. E o vento assobiava, trepidante.

"E, em tudo, eu ouvia aquelle mesmo grito funebre, tetrico, cavernoso...

"— Eleonora!... Eleonora!...

"Era a minha alma que chorava...

"Depois, Paulo falou...

"Antes não tivesse falado!... Antes eu ignorasse sempre!...

"E disse, com lagrimas que corriam por seu rosto emmagrecido pelo soffrimento, toda a verdade...

"Falou della. Evocou a sua figura candida, os seus olhos azues e meigos, o seu sorriso...

"E falou de Oswaldo... De Oswaldo, nosso amigo...

"Como?...

"Elle não sabia. Tinha sido rapido...

"Quando se apercebêra, era muito tarde...

"Por que?...

"Não sabia...

"Dava-lhe tudo... Amor, conforto, tudo... Fazia tudo por ella...

"E, um dia... Por que?... Por que?...

"E chorámos juntos, abraçados, rendendo um ultimo tributo á mulher que amaramos...

"Eleonora... Por que?... Por que?...

"Paulo isolou-se do mundo. A vida, para elle, perdêra todo o encanto. Si não fora o filho!...

"A's vezes, recebia cartas suas, falando na educação do menino, dos seus projectos...

"Sobre ella, nem uma palavra...

"Mas, Eleonora vivia naquellas linhas, Eleonora palpitava naquellas cartas, Eleonora revivia no amor daquella creança...

"Oswaldo soube um dia, deixára-a em Buenos Aires. Voltara sozinho...

"E, ella?... Abandonada pelo amante em uma terra estranha...

"Depois, Ernesto.

"Como soube? Não sei... Do mesmo modo por que soubéra do abandono de Oswaldo...

"E ella?... Oswaldo... Ernesto... Quem mais?...

"Vi-a hoje com um desconhecido...

"Eleonora...

"Descerá... Cahirá... Até quando?...

"Rolará pelo abysmo do vicio...

"Até onde?... Rolará... Rolará... E se enterrará na lama das grandes cidades... Até onde... A que abjecções chegará?...

"Eleonora... Eleonora...

"E Paulo?...

"E eu?...

..."

Ricardo atirou a penna, com raiva.

Seus dedos febris dilaceraram as tiras de papel. Inutilizaram aquella historia que elle nunca publicaria, aquella historia onde a fantasia fugira para ceder logar á realidade bruta da vida.

A cabeça cahiu entre as mãos, pesadamente...

Duas lagrimas calidas desceram de vagar por suas faces...

E murmurou:

— Eleonora...

O QUE SE DEVE SABER

O HOMEM PREHISTORICO

O professor George Leakey, chefe de uma expedição archeologica enviada pelo governo britannico á Africa, annunciou, recentemente, que, nas cavernas e grutas dos montes Manteitas, descobriu o que chama o "primeiro homem conhecido", que pertence ao periodo glacial da Europa.

O esqueleto em questão remonta a muitos milhares de annos, bem além da época dos esqueletos até agora encontrados na superficie da terra.

A descoberta do "primeiro homem conhecido" deve-se a uma série de investigações e pesquizas repetidas feitas no interior das enormes furnas existentes nos montes Monteitas, as quaes, evidentemente, foram occupadas pelos homens dos tempos prehistoricos até á época em que começa a dynastia dos pharaós egypcios.

A historia das differentes gerações que viveram á sombra daquellas cavernas está escripta nas varias camadas calcareas que cobrem o solo das mesmas.

As escavações permittiram encontrar esqueletos que devem ter pertencido ao segundo e terceiro periodo pluvial, quando a Africa central era coberta por grandes inundações provocadas pelas chuvas que, em fórma de diluvio, se originavam a leste do Continente Negro e quando as montanhas ainda se achavam constantemente cobertas de neve.

Tanto os esqueletos como os vasos e armas rudimentares que se acharam nas escavações dos montes Manteitas mostram ás claras, e, de certo modo, apoiam as hypotheses do professor Leakey de que o constante desenvolvimento da humanidade teve inicio na Africa, muito antes de em qualquer outra região do globo, e, ainda mais, que a Europa não foi povoada pelas hordas que vinham da Asia, como geralmente se suppõe, e sim por tribus nomades que, partindo do centro africano, invadiram a Europa pelo supposto isthmo então formado pelas terras actuaes de Tunis, Sicilia e Calabria.

A logica do casamento

De Gilberto Veiga

AFUNDADOS indolentemente em ricas poltronas de couro, Deraldo e Martins, amigos intimos desde a infancia, saboreavam charutos finos e conversavam baixinho, emquanto o fumo, espiralando suavemente, se desfazia...

Ambos ricos. Jovens. Deraldo, casado. Martins, solteiro. O primeiro, pae de uma linda garôta de tres annos. O segundo deixando ver em tudo o cansaço e a aristocratica preguiça das orgias...

— Pensas, Martins, que a vida consiste nessas extravagancias que te consomem os dias? E's moço, rico, sobejamente desejado pelas jovens casadoiras. Porque não esqueces os dias idos infructiferamente, não abandonas as abominaveis companhias que outro fito não têm sinão dar cabo de tua fortuna, de tua saúde, de tua mocidade? Por que não te dedicas exclusivamente a uma mulher que te agrade e que reconheças bôa e honesta? Por que não te casas?...

— Eis-te chegado ao ponto capital da minha ogerisa ao matrimonio. Acho que todas as mulheres são iguaes. Umas mais fingidas; outras, mais tôlas. No fundo, porém, são todas as mesmas. A mulher, por mais virtuosa que seja, no fim de certo tempo, — perdôa-me tú, que és casado! — fracassa. E fracassa por uma razão bem simples, natural: pelo fastio. Não se póde admittir em bôa logica, uma ligação eterna. Isto é, uma ligação que só a morte tem o poder de separar sem desdoiro. Depois da morte dos beijos quentes, voluptuosos, a mulher — não excluo os homens, — fatalmente procurará, noutros labios, novas sensações, novos gozos. E, para mim, é a maior desgraça que póde pesar sobre os hombros de um homem de bem.

— E's solteiro, infelizmente. Si assim não fosse, verias que, após a quéda da illusão nupcial, o amor-carne, o amor-vibração, o amor-delirio passa por uma transformação, uma metamorphose imperceptivel, que nos deixa o espirito e o coração curados das loucuras iniciaes. Toma como exemplo, o botão de uma flôr. Vae, todas as manhãs, observálo. No fim de certo tempo, elle se mostrará inteiramente aberto aos teus olhos de leigo, de profano, que não poderão penetrar no grande mysterio da floração. Assim é o amor entre os casados. No começo, a loucura da posse, um nunca findar de beijos... Depois, essa loucura morta, esse desejo satisfeito, esses beijos espaçados se transformam, aos poucos, invisivelmente numa grande estima, num terno e profundo carinho, capazes de todos os sacrificios. E a mulher esquece, naturalmente, o grande delirio, para ser a esposa casta, honesta e immaculadamente pura.

— Mas, si o amor dos casados póde ser observado na vida ephemera de uma flôr, como dizes, muito pouco dura e muito depressa morre. Por que a flôr, após os beijos do sol e dos insectos, definha, se despetala, tomba e desapparece.

— Enganas-te! Transforma-se, apenas. O pestillo róla na argilla e pouco tempo depois nova floração se ergue ao sol e ao orvalho, embalsamando os ares e extasiando os nossos olhos nunca cansados para as bellezas de Deus. Entre os homens, si o amor morreu num espasmo, rebenta um filho amado, que reflectirá para toda a vida o amor que pareceu morrer.

— E como veremos a mulher que fôra o nosso arroubo, o nosso desejo, a nossa volupia, a nossa ansia, o nosso pensamento de todos os instantes, quando as rugas lhe vão sulcando em labyrintho a face outrora sedosa e a bocca linda se vae emmurchecendo como uma rosa num vaso sem agua?

— Como a companheira bôa de todos os instantes, de todas as alegrias e de todos os dissabores. Como a creatura fadada a supportar as nossas impertinencias, os nossos estouvamentos, consolando-nos, amparando-nos com seu carinho e sua fraqueza — força, nos grandes transes dolorosos, nas grandes ou pequenas perdas materiaes que o nosso desregramento ou a nossa incapacidade administrativa não souberem evitar. Como o sustentaculo das nossas illusões, dos nossos sonhos que arrefecem. E, sobre todas essas coisas como a mãe de nossos filhos, a zeladora inegualavel de seu futuro e o arrimo dos dias porvindouros, no caso do nosso desapparecimento.

— Mas, meu caro Deraldo, comquanto tudo isso seja certo, não deves olvidar o ridiculo a

que se submette um homem que se preza e tem amor ao bello, a andar, rua em fóra, com uma mulher velha pelo braço, cheia de banhas, a se queixar constantemente de pontadas nas juntas, de dores de cabeça, de cansaço, de calor, emquanto leva pegada á saia uma fieira de petizes a choramingar ou a querer comprar toda especie de brinquedos que vê nas montras, ou todas as guloseimas expostas!...

— Ridiculo! Dignificante é que é! Para esse casal encanecido se volverão os olhos sensatos e o respeito dos bem educados. Sim, porque um casal que se ampara mutuamente e que além disso, engrandece a humanidade com filhos bons, creados na escola da honra e do dever, é digno de admiração e respeito. Ao referir-te á esposa, esqueces que o homem, o marido, tambem está sujeito ás leis tenebrosas do tempo, que a tudo devasta e consome.

— Mas o homem é sempre o homem!

— Boa logica! Queres dizer que sobre elle não pesarão os achaques da velhice e que não passará a ser, como tudo que vive e palpita, um destroço do tempo, uma sombra do que fôra! Muito maior ridiculo, meu amigo, á arrastarmos uma vida de orgias, e nos apresentar, velhos e decrepitos, perante a sociedade que ri á socapa, com uma mundana pelo braço que bem poderia ser nossa filha! Triste papel! Francamente desvantavel!

— Mas, quando se é rico, compra-se a lingua ainda dessa gentalha que, á força de oiro, substitue o desfructavel, chamando-nos de gastador, de estroina, de bohemio, de gozador da "bôa vida".

— Apparentemente. A consciencia, porém, sempre alerta, dirá tudo o que a bôcca covarde occulta. Além do que, a substituição do termo não vigorará o physico combalido. E o homem, após gastar todas as suas forças em noites de luxurias, entre mulheres doidivanas e abysintho maligno, succumbirá. E ao morrer, só, num leito de hospital ou entre colchas de damasco, — si não esbanjou toda a sua fortuna em joias e orgias, — não terá, ao menos, mãos piedosas que lhe cerrem as palpebras, nem filhos amigos que chorem á sua partida eterna.

A creada entrou no gabinete, catita, avental e touca branca, com uma bandeja de prata onde fumegavam agradavelmente duas chicaras de café e brilhavam dois calices de crystal com "cognac" francez. Os dois amigos lançaram um olhar á rapariga e silenciaram.

E, emquanto bebiam a rubiacea, Martins, atirando a ponta do charuto no cinzeiro, disse, propositalmente, philosophando:

— Em resumo acho que tens razão, Deraldo. Mas, a vida, essa eterna doidivanas, casado ou solteiro, bem se parece com um charuto bom: sempre o melhor é o que se põe fóra. Depois do fumo, a cinza branca do cinzeiro! A vida...

PELA HONRA

O conselho municipal de Ferriéres-les-Buissons, depois de varios e acalorados debates, votou os fundos necesarios para a acquisição de uma bomba contra incendio.

Deante de tal iniciativa, de real utilidade publica, a população da communa resolveu manifestar o seu contentamento, expandindo-se em grandes demonstrações de regozijo.

Não é que sempre houvesse incendios na pequena cidade. Acontecia, muito raramente, cahir um raio arrasador sobre alguma propriedade, que ficava destruida em parte. No anno anterior, porém, um incendio fizéra arder a granja do Pai Chaudemaille, que ficou reduzida a cinzas.

Todos os habitantes de Ferriéres-les-Buissons, bruscamente despertados pelo toque dos tambores (não havia egreja, logo não havia sinos) abandonaram apressadamente os seus leitos, uns vestidos, outros meio-vestidos, para, a custa de baldes dagua, apanhados na fonte, debellar o fogo impetuoso.

Era a defesa collectiva contra as chammas que já haviam attingido a casa de Tourlemon, o sapateiro. Paredes nuas, ennegrecidas, attestavam logo depois ao coração da cidade a gravidade do desastre.

O grande Jacquot mostrava, gloriosamente, as cicatrizes das queimaduras que o haviam deixado bem mal quando da sua heroica intervenção no ingente trabalho de dominar o fogo, procurando salvar os moveis da casa sinistrada. Outros, muitos outros, victimas da agua que lhes encharcára as roupas e os pés, apesar dos sapatos, contrahiram ou uma bronchite, ou um rheumatismo, ou uma sciatica, de que se lamentaram mezes a fio, depois do sensacional sinistro.

Essas tragicas recordações ainda eram motivo de palestras á lareira, ao anoitecer.

Por tudo isso foi enthusiasticamente acolhida a iniciativa do conselho municipal, muito embora, á bocca pequena se murmurasse que, nesse negocio, havia tambem interesse pessoal de Traucheret, o sub-prefeito, cujo sôgro, installado com casa de commercio na cidade, ia ser o fornecedor de todo o material necessario.

Isso, porém, não impediu que, de commum accôrdo, se organizassem uma bella festa.

Já, sabbado á noite, uma "marche aux flambeaux", annunciada a rufllos de tambor, offereceu á população as primicias dos festejos.

De vez em vez queimavam-se fogos de Bengala, em meio a algumas lanternas penduradas na ponta de varapaus, afim de se ter a illusão de uma feérie nocturna.

Mas, no domingo pela manhã é que o cortejo tomou um aspecto mais curioso e interessante, pois, pela primeira vez, a famosa bomba era passeada pelas ruas da humilde cidadesinha.

Vinham á frente as autoridades principaes, todas vestidas de preto como si se tratasse de um enterro; depois, no meio, bombeiros improvisados e voluntarios que ostentavam orgulhosamente a *casquette* de cobre e as altas perneiras, pondo guarda á machina novinha em folha e toda pintada de vermelho, como se já estivesse a reflectir as chammas que teria de extinguir. Por onde ella passava estrugiam as acclamações da multidão.

Na praça da Egreja, sobre um tablado preparado a proposito, ficou em exposição a maquina maravilhosa. As gentes de Ferriéres-les-Buissons e das circumvizinhanças puderam, assim, apreciar á vontade, durante alguns dias, sua futura protectora. Ao lado da mesma, o prefeito e o conselheiro geral pronunciaram discursos, congratulando-se com os seus municipes. A' sombra dos carvalhos seculares foi servido um vinho generoso, doces, croquettes, empadas e, no meio dessa alegria geral, é que se procedeu ao baptismo da bomba, a que foi dado o nome de Eugenia, sem bem se saber porque.

A' noite Ferriéres-les-Buissons, com suas ruas enfeitadas, ostentando á frente das casas ramos de flôres e lampeões illuminados, era um formigueiro de gente em alvoroço.

O pequeno jardim publico, para onde fôra conduzida a machina, estava cheio com o seu estrado. Pendentes dos galhos de suas arvores lanternas multicôres luziam bizarramente.

O piston, a flauta e o clarinete estridulavam, provocando o riso da assistencia, rythmando as notas das danças modernas, porque em Ferriéres-les-Buissons se estava ao corrente de tudo, deplorando-se, porém, que um jazz não tivesse substituido ainda a velha orchestra já fóra de moda. Um phonographo — diziam alguns — faria melhor effeito. Isso, porém

As ultimas novidades

REALISOU-SE ultimamente, em Paris, a Pequena Feira de Arte Decorativa. A nota mais elegante e original nesta exposição foram as novas creações em serviço de meza.

Entre varias combinações em que as côres e desenhos das toalhas e guardanapos se harmonisavam com as das porcelanas e crystaes, causou grande successo o serviço denominado "arco-iris", de sobre a toalha, de desenhos de varios matizes, pratos de tons variados: vermelho, azul, verde, malva, amarello.

Os copos em harmonia com os pratos: de crystal azul celeste, verde jade, lilá.

Na verdade, commenta um chronista, por que motivo os convidados hão de comer em pratos da mesma côr? Acaso vestem as senhoras presentes, vestidos dos mesmos tons?

Cecile Perin

dizia-se baixinho, para não irritar os tres musicos, que poderiam estragar a festa...

Depois, tudo voltou á calma, á monotonia habitual, salvo aos domingos pela manhã quando a bomba sahia do seu "hangar" afim de que os bombeiros se adestrassem no seu manejo, fazendo exercicios simulados de incendio.

Isso constituia a distracção maxima da garotada e, tambem, de muita gente grande.

E, mais do que nunca, sob o amparo e a defesa da machina maravilhosa os habitantes de Ferrières dormiam tranquillos.

Essa paz, porém, não foi de longa duração.

Uma noite, o tambor derpertou-os brutalmente e, como faziam sempre, abandonaram as camas, interpellaram-se de janella para janella, para depois, ganhar a rua rumo ao local do fogo.

A curiosidade e o desejo de ver como funccionava a preciosa "Eugenia" fez que toda a população se agglomerasse ao redor da casa da "Mãe" Fouesnaut, que ardia como fogo de palha! E a bomba, nada! Os pobres bombeiros em vão empregavam seus desastrados esforços para fazêl-a funccionar.

Os resultados não compensavam o esforço ingente. Por fim, já desesperados, bombeiros e civis recorreram aos baldes dagua, tal qual antigamente. Mas o fogo só se extinguiu quando já nada mais havia para alimental-o.

Os bombeiros, suarentos, contrariados, exhaustos, mostravam-se desconfiados, contrangidos.

— Que querem! Isso é assim mesmo, só com a repetição a gente vae praticando. A primeira vez é sempre assim...

E tiveram, de facto, occasião de se mostrar mais habeis, porque á primeira "representação" logo se seguiu uma outra.

Desta vez o fogo irrompeu nos estabelecimento afastados de uma importante granja e não foi trabalho atôa conduzir a bomba até lá, por um pessimo caminho.

Um poço proximo forneceu agua sufficiente e o fogo foi extincto de modo glorioso para os noveis bombeiros.

De casa em casa repetia-se, então, como um estribilho:

"O conselho foi realmente muito bem inspirado ao comprar a Eugenia. Que seria de nós sem ella? Dois incendios assim, um sobre outro, foi coisa nunca vista!"

Seguiram-se, porém, varios outros. Com uma regularidade de pasmar, as chammas irrompiam ora numa granja, ora numa pequena casa de commercio, ora num celleiro, quasi sempre, porém, em logares isolados, causando, geralmente, pequenos prejuizos, graças á prompta intervenção dos bombeiros. Entre estes um, então, se distinguia: era um joven de cerca de 18 annos, que demonstrava o maior interesse pela sua missão. Estava sempre alerta e bem disposto a combater o fogo fosse onde fosse.

Tanto, porém, se repetiram os incendios que o caso começou a intrigar e despertar suspeitas. A policia exasperada por nunca encontrar um motivo plausivel, capaz de justificar taes incendios de uma frequencia anormal deliberou exercer uma vigilancia continuada mas discreta, estabelecendo rondas nocturnas, disfarçadas.

O resultado não se fez esperar. Certa noite, já depois de uma hora, uma turma de rondantes deteve um adolescente que fugia em vertiginosa carreira. Então, já os estalidos de madeira queimada e rolos de fumo chamavam a attenção. Era um incendio que irrompera proximo.

O prisioneiro foi logo reconhecido ao clarão do fogo: era Jeannot Pied d'Alonette, o joven tambor, que gritava:

— Deixem-me! Deixem-me! Bombeiros! Bombeiros, fogo! fogo! Depressa! Depressa!

Um dos policiaes, agarrado a elle, dizia-lhe, furioso:

— Mas, então, patife é pelo prazer de veres extinguir o fogo, que te fazes incendiario?

Jeannot nada respondia.

— Anda, dize! Será para fazeres jús ao primeiro premio, hein?

— Ah! não, não — gritou energicamente Jeannot.

— Então, porque, seu canalha? — repetiu o gendarme, sacudindo-o brutalmente.

— Ah! respondeu, então, Jeannot. Era pela honra... Eu despertava toda a população. De toda parte diziam-me: "E' o "bicho", o Jeannot; não é canja, não!" Nunca fui tão considerado...

E, emquanto o policial, interdicto e indignado, deante de semelhante e inesperada confissão, o apertava cada vez mais com um enorme desejo de bater-lhe, Jeannot, choramingando, ia repetindo:

— Era por uma questão de honra, por amôr proprio... Isso me dava alguma importancia, a mim que nunca tinha sido nada!...

em serviço de mesa

Entre nós já existe um certo gosto em serviços de meza para banquetes e chás. Já se vão uzando toalhas e guardanapos de fantazia, em côres varias, havendo-os de desenhos realmente encantadores.

A recommendação que fazemos ás donas de casa é que não comprem as suas "roupas de meza" senão de tecidos de côres fixas; são artigos que, por sua propria natureza, estão sujeitos a sujarem-se e precisam ser constantemente lavados e bem lavados. Se as côres desbotarem ficam, por assim dizer, inutilisados.

O melhor é exigir sempre toalhas e guardanapos que tenha sido tingidos com corantes *Indanthren* o que é garantido pela etiqueta registrada. Estes corantes são universalmente reputados como de inesperada resistencia e solidez.

A ABBADIA DE GRANGE

(SHERLOCK HOLMES) Por CONAN DOYLE

(Continuação do numero anterior)

O commissario mostrou-lhe uma gaveta entreaberta, dentro da qual estavam uma toalha de mesa e um saca-rolhas.

— Lady Brakenstall disse que os criminosos se haviam servido d'um saca rolhas?

— Quando os Randall abriram a garrafa, tinha ella perdido os sentidos. Não se recorda de ella lh'o haver dito ha bocado?

— E' exacto. Estou, porem, convencido de que quem abriu a garrafa não se serviu disso. Deve ter-se utilizado dum saca-rolhas de canivete e esse saca-rolhas, com certeza, não mede quatro centimetros de comprimento. Ora veja a cortiça. O furo não chega do cimo ao fundo. Além disso, a parte superior tem tres vincos abertos pelo canivete, o que demonstrar que foram precisos tres puxões para a fazerem sahir do gargallo. Quando o criminoso for capturado, hão de encontrar-lhe, probabilissimamente, o instrumento com que esta garrafa foi desarolhada.

— Não me esquecerei de verificar isso.

— Os copos provocam-me tambem uma certa estranheza. Lady Brackenstall viu realmente os tres homens cada um com seu copo na mão?

— Viu.

— E o senhor não vê nada que lhe fira a attenção em nenhum dos copos?

— Frfancamente, não vejo.

— Bem, adeante! Pode ser que haja apenas uma simples coincidencia. Mas fico na minha... Os homens que, como eu, fizeram estudos especiaes para levarem o raciocinio ao maior gráo possivel de acuidade, procuram quasi sempre, em coisas de pouca importancia, a explicação de acontecimentos complicados. Adeus Hopkins. O amigo tem na sua mão todos os fios do crime e a minha collaboração torna-se-lhe perfeitamente dispensavel. Volto para Londres. Quando os Randall forem presos, tenha a bondade de me avisar. Gostarei de saber o que se fôr passando desde as capturas até ao final da investigação. Adeus, e oxalá que eu tenha, muito breve, occasião de o felicitar pelo bom resultado final deste inquerito. Vamos embora. Watson, temos lá em casa em que occuparmos o tempo mais utilmente do que aqui.

Durante o regresso, notei que o meu companheiro ia preoccupadissimo com o crime da abbadia. A espaços, esforçava-se por falar em assumptos differentes, mas dentro em pouco cahia num silencio concentrado. As rugas da testa e os supercilios carregados eram nelle o indicio de laboriosas meditações.

O seu pensamento, excitado pelas duvidas com que sahira da abbadia, continuava preso ainda á sangrenta tragedia que se havia passado na sala de jantar de sir Eustachio.

De subito, quando o comboio estava para partir de uma das estações do trajecto, saltou para fóra da carruagem e puxou por mim para que me apeasse com a maior rapidez.

Mal eu tinha acabado de pôr os pés na gare, o comboio partiu num andamento rapido e em breve desappareceu aos nossos olhos numa curva da estrada.

— Desculpe-me você, meu caro Watson... Vou talvez, abusar da sua paciencia e aborrecel-o sem necessidade, por causa de uma caturrice. Acho, porém, que não devemos abandonar a investigação daquelle crime. O meu instincto grita-me que tudo aquillo é um truc! Sim, um truc, fique certo. Ia jural-o. Não obstante, a narrativa da dona da casa está em perfeita concordancia com o depoimento da creada... A contrarial-os, ha unicamente os copos de vinho. Se a romantica descripção de lady Brakenstall não vem, logo ao começo do inquerito, perturbar a frieza habitual das minhas deducções, eu teria agora uma serie de dados nitidos em que a firmasse. Olhe. Sentemo-nos aqui, neste banco, á espera do primeiro comboio para Chislerhurst; deixe-me expor-lhe o problema nas suas linhas principaes. Antes, porém, afaste do espirito a idéa de que as informações que ouvimos á viuva e á creada sejam de inatacavel verdade. E' imprescindivel, para chegarmos a alguma conclusão util, que os nossos raciocinios não sejam perturbados pelo encanto de lady Brakenstall. Vejamos. De um lado temos estas duas declarações que, vistas a sangue frio, se tornam suspeitas. Do outro lado, temos um punhado de argumentos. Em primeiro logar: os Randall praticaram ha poucos dias, um roubo avultado em Sydenham. O crime veio largamente narrado em todos os jornaes e a leitura delle dava margem facilmente ao inventar dum romance bem urdido em que os tres bandidos servissem de protagonistas... De ordinario, os ladrões, quando praticam um roubo importante, procuram gozar o producto delle e durante os primeiros tempos, pelo menos, não se tornam a metter em aventuras arriscadas. Além disso, os ladrões não costumam proceder conforme o que a viuva contou. Dar um murro numa mulher, para a impedir de gritar, é contraproducente. Um murro provoca, em geral, o effeito opposto. E a garrafa? Os tres bandidos não beberiam uma tão pequena quantidade de vinho, sendo elle, demais a mais, excellente. Homens daquella laia, são quasi sempre alcoolicos. Estes argumentos não lhe parecem de peso, Watson?

— Têm valor, sem duvida. Em todo o caso, alguns dão margem a fortes objecções... Mas, acceitando-se de barato, que a narrativa da ama e a da creada sejam falsas, como se explica que lady Brakenstall apparecesse amarrada á poltrona?

— Para essa particularidade, não tenho ainda uma explicação definitiva. Para que ella não desse immediato alarma, os criminosos tinham um de dois meios á sua disposição: ou amarral-a, ou assassinal-a. Mas... deixemos para mais tarde esse caso da poltrona. O que nesta occasião importa frisar é que nos depoimentos feitos pela ama e pela creada ha incontestaveis inverosimilhanças e o remate dessas contradições é a historia dos copos...

— Os copos! O que achou então nelles, de extraordinario?

— Você lembra-se bem disto, Watson?

— Lembro-me.

— A viuva affirmou que viu os tres bandidos, cada um com o seu copo na mão. Donde se conclue, que todos beberam vinho. Não é isto?

— E'. E dahi?

— E dahi? Então você acha isso provavel?

— Acho, visto que havia vinho no fundo de todos os copos.

— Mas havia borras, sómente no fundo de um delles... Esta circumstancia não lhe suggere nada?

— O que me suggere é isto: que a borra deve ter ficado no ultimo dos copos em que o vinho foi deitado.

— Engana-se, meu caro. A garrafa estava cheia. De modo que não é logico, que o vinho de dois esteja limpido e que o do outro tenha deposito. Para este facto, ha duas explicações: a primeira dellas é que, depois de deitado o vinho em dois dos copos, a garrafa tivesse sido fortemente sacudida. Por essa hypothese, quando o liquido correu para o terceiro copo, ia turvo. Não me parece, todavia, que o caso se passasse assim.

— Então?...

— Acho mais verosimil que só dois dos copos tivessem servido. E que os fundos delles fossem despejados no outro, para fazer acreditar que houve tres pessoas a beber. Não vê que, passando-se as cousas desse modo, ficava toda a borra só num dos copos?... Se isto que conjecturo, é exacto — e cada vez me convenço mais de que o é — o assumpto deve ser encarado por um aspecto inteiramente diverso daquelle por que Hopkins o está considerando. Lady Brankenstall e a creada de quarto mentiram-nos descaradissimamente e não devemos acreditar nem uma palavra da fabula com que pretendem desorientar-nos. O que temos a fazer, é, pois, reconstituir o drama, pondo, por completo, de parte as falsas explicações que nos deram. Olhe! Ahi vem o comboio. Perdoe a maçada que vou dar-lhe, Watson; volte commigo para Chislehurst.

O nosso inesperado regresso causou na abbadia de Grange uma grande e justificada surpreza.

Sherlock Holmes, depois de saber que o commissario Hopkins tinha ido a Londres apresentar um relatorio do crime na repartição central de segurança, tomou posse da sala de jantar, fechou-se por dentro e, na minha companhia, procedeu minuciosas investigações que constituem a base da sua notoriedade de policia amador.

Eu fui seguindo, passo a passo, todas as demonstrações do meu amigo e mestre, com a attenção dum discipulo desejoso de aprender.

A porta por onde os ladrões haviam entrado, o reposteiro que a adornava, o tapete, a poltrona, etc., foram meticulosamente examinados.

Aparte o cadaver do desgraçado barão, que tinha sido removido da sala, tudo o mais se conservava ainda conforme o haviamos deixado.

Em certa altura das pesquizas, Holmes poz-se nos bicos dos pés em frente do fogão.

Acima de sua cabeça e na direcção que os seus olhos fixavam, via-se pendente, um pedaço de cordão vermelho, de alguns centimetros de comprido, preso por um arame.

Sherlock, em seguida a um exame demorado, approximou-se do tecto, firmando um dos joelhos sobre o aparador que estava encostado á parede, e empinando-se depois, conseguiu chegar, quasi, a attingir a extremidade do cordão. Feito isto, baixou-se e reviu com minucia, o aparador. Deu um grande "ah" de satisfação e desceu radiante e lesto.

— Isto vae ás mil maravilhas, Watson. A's mil maravilhas. O enigma está em via de decifração. Custou-me a penetrar nelle e estive em risco de praticar, pela primeira vez na minha vida, um erro desastrado. Agora, porém poucos dados me faltam e estou já na posse dos mais importantes... Ah! Watson, este inquerito vae ser um dos grandes exitos da minha carreira...

— Visto isso, tem os homens na unha, hein?...

— Os homens não! O homem. Foi um unicamente o que praticou o crime. Um só, mas temivel. Deve ser musculoso como um leão. Repare você na violencia com que deu a pancada em sir Eustachio. Foi tão energica que a tenaz ficou vergada... Tem com certeza mais de seis pés de altura. Além disso é agil como um esquilo e possue uma grande habilidade de mãos... a maior habilidade!... E' tambem pessoa deveras intelligente e de grande presença de espirito. O romance que a dona desta casa nos impingiu é forjado todo por elle. Todo! O cordão da campainha demonstra-o irrecusavelmente.

— Sim?! Mas como?...

— Ora diga-me: por onde era natural que o cordão da campainha cedesse, ao ser puxado? Evidentemente pela parte superior, pelo ponto em que está preso ao arame, não é verdade? Todavia, não foi isso o que se passou. Partiu-se seis centimetros abaixo desse ponto. E porque?

— Provavelmente, aventurei eu, porque tinha nessa parte algum esfiapamento...

— Sim, senhor... E' tal qual. Uma das extremidades do cordão que está ali, enrolado ainda á poltrona, *parece* esfiapado pelo uso... porque o homem foi sufficientemente esperto para o raspar com um canivete, afim de lhe dar essa apparencia... Mas no extremo do cordão que ficou pendente não ha o menor signal de desgaste. Examinando-o, vê-se nelle uma secção plana. E assim, é facilimo reconstituir-se o que se passou... sim, facilimo... O homem tinha necessidade do cordão e não quiz arrancal-o para evitar o toque da campainha. Que fez então? Trepou ao aparador, e cortou-o com o canivete. Ainda aqui está, impresso na poeira, o signal de um dos joelhos em que se apoiou para subir... Não vê?... Si eu fosse mais alto do que sou uns centimetros, chegaria com as mãos á extremidade do cordão. Conclúo, portanto, que o criminoso me excede na altura, em pouco mais de meio decimetro. Repare agora nesta mancha, aqui, no assento da poltrona...

— E' uma nodoa de sangue.

— Sim. E' sangue com certeza. Pois esta mancha constitue um outro achado, de encontro ao qual o romance armado pelo criminoso se desmorona e tomba. Si Lady Brankestall estava amarrada e ligada á poltrona na occasião em que se deu o crime, como podia esta nodoa apparecer no assento da cadeira? A coisa não se passou como ella conta. Foi amarrada, mas depois do crime e não antes, como affirma. No roupão de seda preta com lantejoulas, que estava no sofá, quando conversámos com ella no gabinete

(*Continúa na pag. seguinte*)

de costura, ha de existir uma nodoa correspondente a esta. Sabe você, Watson? Eu estava com receio que este crime fosse o nosso Waterloo; mas afinal é o nosso Marengo, porque abriu por uma derrota e rematou por uma grande victoria. E' conveniente interrogar de novo essa Thereza Wrigth, creada de quarto de Lady Brakenstall. Para que o interrogatorio me dê algum resultado, preciso, porém, ter um grande cuidado com a lingua e medir bem o alcance de todas as minhas palavras.

Com effeito, a governante não era creada de facil manejo.

Apesar do modo affavel com que Holmes a interrogou, nada a principio, conseguiu arrancar-lhe, porque estava de sobreaviso a respeito dos acontecimentos e porque possuia, de seu natural, um feitio desconfiado e taciturno. Comtudo, não escondeu o odio que nutria pelo patrão.

— Sim, sr. Holmes, é verdade que elle me atirou com uma garrafa á cara. Sir Eustachio tinha dirigido á minha ama um acervo de palavras injuriosas. Eu não pude me conter e disse-lhe: "Si o irmão de Lady Brakenstall estivesse presente, o senhor não teria a coragem de proferir essas grosserias". Foi então que me aggrediu...

E continuou:

— De bom grado lhe consentiria que em vez de uma garrafa me arremessasse uma duzia, se com isso eu pudesse conseguir que tratasse bem a senhora... Pobre Lady! O que ella soffreu!... Como tem um temperamento altivo, occultava de toda a gente a maioria das suas desgraças. Até de mim propria, muitas vezes... Nem uma palavra me disse a respeito daquelles ferimentos no braço em que o senhor esta manhã reparou, mas sei já que lh'os fez com um alfinete de chapéo... Sei com certeza. Parecia o diabo em carne e osso! Deus me perdoe de falar assim dum morto, mas a verdade é essa. Foi ha dezoito mezes que se encontraram e parece que foi ha dezoito annos! Tinhamos chegado a Londres e era a primeira vez que a senhora deixava a nossa casa da Australia. Sir Eustachio mostrava-se-lhe affectuosissimo, pertencia á velha nobreza de Inglaterra, possuia uma fortuna avultada e tudo isto fez com que a infeliz menina lhe acceitasse a côrte. As primeiras relações entre ambos principiaram em julho. Em janeiro effectuou-se o casamento.

— Lady Brakenstall está deitada? perguntou Holmes.

— Não, senhor. Está no gabinete de costura.

— Poderá receber-me?

— Póde, mas ha de comprometter-se primeiro commigo a fazer-lhe poucas perguntas... coitada! O abatimento em que se encontra não lhe permitte uma conversação longa.

Fomos ter com ella.

Achava-se recostada no mesmo sofá em que pela manhã a foramos encontrar. O seu aspecto revelava uma fadiga menor do que a que se lhe notava na primeira entrevista. Thereza acompanhara-nos e repetiu a lavagem da echymose que a ama tinha no rosto.

— Espero que não venham para me interrogar outra vez, exclamou a viuva.

— Não quero causar-lhe enfados inuteis, minha senhora. Creia que sinto o maior desejo de lhe ser prestavel, porque bem vejo que a sua situação é deveras lamentavel. Tenha pois confiança em mim, lady Brakenstall e responda-me como a um amigo. Verá que não hei de dar-lhe motivos para se arrepender...

— Mas que quer o senhor que eu lhe diga?

— A verdade...

— Oh! sr. Holmes!

— E' inutil negar. Sou bastante falado em Inglaterra e é provavel, que conheça um pouco a minha modesta reputação. Estou intimamente convencido de ser o que lhe ouvi esta manhã inexacto.

As duas mulheres encararam Holmes com modo surprehendidos e em que transpareciam receios.

— Que insolencia! bradou Thereza. O senhor atreve-se a dizer que Lady Brankenstall mentiu?

Sherlock ergueu-se, e voltando-se para a viuva, accrescentou:

— Não tem então nada a dizer-me?

— Já lhe disse tudo.

— Pelo seu proprio interesse eu lhe peço que reflicta. Seja franca, minha senhora.

— Contei-lhe já o que sabia e nada mais tenho a dizer.

Holmes pegou no chapéo e, encolhendo os hombros commentou:

— Deploro a sua obstinação.

Abandonámos a sala, sem mais palavra.

Ao atravessarmos o parque, o meu companheiro deteve-se um instante junto dum tanque. A agua estava gelada, mas a crosta de gelo tinha sido quebrada em parte para que um cysne, que nesse momento picava com o bico as penas do peito, pudesse nadar á vontade.

Depois proseguimos no nosso caminho e, quando chegamos ao portão, Holmes escreveu á pressa, no chalet do guarda, uma carta para Stanley Hopkins recommendando que lh'a entregassem logo que o inspector tivesse chegado.

Já distantes da abbadia, Sherlock disse-me:

— Escrevi a Hopkins porque era necessario pretextar uma explicação para a nossa segunda visita. Por ora, acho conveniente occultar-lhe as minhas suspeitas.

Voltámos para Londres, e, ao apearmo-nos do trem perguntei a Sherlock:

— Aonde vamos agora?

— Ao escriptorio da empreza Adelaide Southam-

Si não me engano, é no fim de Pall Mall. Ha uma outra companhia que faz carreiras para o sul de Inglaterra e para a Australia, mas primeiro vamos á mais importante.

O meu companheiro mandou o seu cartão de visita ao director da companhia e fomos immediatamente recebidos.

Pelas respostas dadas por aquelle industrial ao meu amigo, averiguámos que durante o mez de junho tinha chegado a Londres, procedente da Australia, um só paquete da empreza. Fôra o *Rochedo-de-Gibraltar*, o maior de todos os barcos da companhia. Examinada a lista dos passageiros encontrámos a indicação de Mary Fraiser, vinda de Adelaide com uma creada particular.

O *Rochedo-de-Gibraltar* tinha partido, na occasião da nossa conferencia com o director da empresa, para a Australia, e devia a esse tempo, estar no canal de Suez.

Os officiaes de bordo eram ainda os mesmos de 1895, á excepção do immediato, Jack Croker, que fôra promovido a commandante, passando a fazer serviço num navio novo, chamado *Ban-Rock*, o qual, dois dias depois, devia levantar ferro.

Jack Crocker residia em Sydenham, mas era esperado nessa mesma tarde na séde da companhia, para receber instrucções.

— Si o sr. Holmes quizer obter delle mais algumas informações, dê-se ao incommodo de esperar e eu apresentar-lh'o-ei.

Sherlock recusou, com agradecimentos, e fez ao director varias perguntas mais acerca da vida e do caracter de Chocker.

— E' um optimo marinheiro esse rapaz, informou elle. Quanto ao seu procedimento a bordo, é excellente. Em terra, passa por ser um poucochinho estroina. Tem todavia, um coração de ouro e uma alma lealissima.

Sahimos da agencia de vapores e tomámos um carro, que mandámos seguir para a Repartição Central de Segurança.

Passados minutos, a carruagem parou em frente do vasto edificio policial, mas Holmes, em vez de descer, deixou-se ficar dentro do carro, meditativo e indeciso.

Depois deu ordem ao cocheiro para que nos levasse á estação telegraphica de Charing Cross, onde expediu um telegramma.

De lá, regressámos a Baker Street.

— Não tenho coragem de o denunciar, disse Sherlock, ao entrarmos em casa. Uma vez lavrado o mandado de captura, nada haveria que o pudesse salvar. Já por duas vezes me succedeu sentir remorsos por ter contribuido para a captura de criminosos. Entregando-os á justiça, eu pratiquei um crime maior do que o que elles tinham commettido. De então para cá, acho preferivel torcer a lei, a violentar a consciencia. Manter-me-ei pois em reserva, até alcançar mais algumas informações.

A' tarde, fomos procurados por Staley Hopkins.

— O sr. Holmes é, certamente feiticeiro, exclamou o inspector. Realmente, algumas das suas descobertas só por intervenção sobrenatural se explicam. Como poude adivinhar que a prata estava escondida debaixo do gelo?!...

— Eu não sabia se estava lá.

— Para que me escreveu então a recommendar-me que mandasse examinar o fundo do tanque?

— E achou?

— Sim, senhor. Encontrei todas as peças roubadas.

— Pois sinto bastante prazer em lhe ter prestado uma indicação util.

— Util é que ella me não foi, meu caro Holmes. A descoberta da prata veio embrulhar todo o inquerito. Não se percebe que os ladrões fossem roubar uma casa para atirarem com o producto do saque ao primeiro tanque d'agua que encontrassem á mão!

— E' que eu, quando lhe escrevi, estava na persuasão de que a prata fôra tirada por gente que não precisava della, e que tinha fingido roubal-a com o intuito de lançar a policia numa pista falsa. Nestas condições o que mais lhes convinha era desembaraçarem-se della, escondendo-a o mais cedo e o melhor possivel.

— Mas como lhe occorreu essa idéa?

— Ao atravessar o parque, reparei no buraco que havia sido aberto no gelo e lembrei-me de que os ladrões ao sahirem pela porta da sala de jantar, haviam de ter passado junto ao tanque e de reparar tambem naquelle buraco tentador, que proporcionava um optimo esconderijo para o roubo.

— Um esconderijo! E' o termo. Agora é que eu vejo nitidamente o caso. Principiava a amanhecer, e os ladrões, temendo encontrar gente pelos caminhos, metteram a prata no tanque, sob o gelo, com o proposito de a irem buscar a melhor hora. E' quanto ha de mais simples e de mais claro.

Holmes confirmou, sorrindo.

— Concordo com o inspector em que tudo se tenha passado como diz. Outra qualquer hypothese seria mesmo inverosimil. O que é certo, todavia, é que sem a minha intervenção o senhor ainda agora ignoraria o paradeiro do roubo.

— Certamente. Ao seu obsequioso auxilio é que eu devo essa descoberta. Nenhum pejo tenho em confessar gratamente o bom serviço que me prestou. Eu, tanto não sou orgulhoso que vim de proposito procural-o para lhe dizer que acabo de levar um formidavel cheque neste inquerito.

— Sim?!

— Os tres Randall foram capturados esta manhã, em Nova York.

— Então, commentou Sherlock com uma bonhomia

(*Continúa na pag. seguinte*)

ligeiramente ironica, não é possivel que elles hontem á noite praticassem um crime no condado de Kent!

— Andão em maré de azar, senhor Holmes. Mas emfim, ha mais ladrões em Inglaterra. Talvez se trate de alguma quadrilha que a policia desconheça ainda.

— E' provavel.

E vendo que o inspector lhe extendia a mão, Sherlock exclamou ao despedir-se:

— O que? Deixa-nos já?

— Deixo, meu amigo. Em quanto não tirar este caso a limpo, ser-me-á impossivel gosar um momento de tranquillidade. Não nenhuma nova idéa que me tem possa dar?

— Já lh'a dei.

— Qual?

— A de uma pista falsa.

— Mas nesse caso, o que motivaria o crime?

— Ahi é que está o busilis! Aproveite a minha idéia e faça um estudo do caso, baseando-se nella. Talvez, então, possa ser mais feliz do que eu, e reconstituir o entrecho da mysteriosa tragedia que se passou na Abbadia. Eu, por mais que matuto, não sou capaz de atinar com elle.

— Fique e jante comnosco.

— Não, obrigado. Vou-me embora.

Ao chegar á porta da sala, voltou-se e disse:

— Não se esqueça de dar noticias suas, senhor Holmes. Ouviu?

A refeição decorreu sem que Sherlock trocasse commigo uma unica phrase a respeito do acontecimento de Kent.

Depois da sobremesa, acendeu o cachimbo e sentou-se ao fogão, silenciosamente.

A certa altura, olhou para o relogio e avisou-me:

— Estou á espera de informações novas, Watson.

— E quando suppõe que cheguem?

— Daqui a instantes. Diga-me uma coisa Watson: pareceu-lhe que a minha conversa com o commissario fosse uma mystificação?

— Conjecturei sómente que pretendia occultar delle as conclusões a que chegou ácerca do crime. Mas isso não é fazer uma mystificação, é ser apenas reservado.

— Acertou, Watson. A minha situação e a delle são inteiramente differentes. O dever de Hopkins, como agente official de segurança, é revelar á justiça tudo aquillo que souber, logo que haja infracção da lei penal. Eu posso tornar conhecidas as averiguações que faço, ou guardar segredo sobre ellas, conforme melhor me parecer. O caso da Abbadia parece-me um assumpto de extrema delicadeza. Ora como não posso forçar o inspector a infringir as suas obrigações de profissional e como, por outro lado, não devo tambem deixar de praticar aquillo que a minha consciencia me aponta como sendo um acto de honradez, escolhi a unica solução razoavel, occultei-lhe o que sabia. Depois, quando eu conseguir pôr inteiramente a limpo todo o assumpto, resolverei o meu procedimento. Até lá, mantenho-me em discreta reserva.

— E quando calcula concluir o seu inquerito?

— Agora mesmo, Watson. O drama de Kent vae ser reconstituido na sua presença.

Ouviu-se na escada um ruido de passos e, quasi seguidamente, a creada abriu a porta da sala a um visitante.

Era um rapaz de avantajada estatura, bigodes louros, olhos azues e pelle bronzeada pelo sol dos tropicos. Nunca na minha vida os meus olhos de esthéta tinham pousado em uma tão bella figura de homem!

Avançou uns passos na sala e estacou em nossa frente com as mãos crispadas, e com um ar agitado mas energico.

— Tenha a bondade de se sentar, capitão Checker.

O visitante occupou uma cadeira, dirigiu para ambos nós um olhar investigador e disse:

— Recebi um telegramma em que me pediam para vir aqui a esta hora. Eis-me. O que desejam de mim? Querem prender-me? Eu sei que estiveram esta tarde nos escriptorios da empresa e comprehendi que ser-me-ia impossivel escapar das suas garras. Peço-lhes pois, que me falem claro e que me não obriguem a desempenhar o papel de um gato em frente de um rato.

Holmes voltou-se para mim, e disse:

— Watson, offereça um cigarro ao capitão. Acceite, sr. Crocker, e acalme um pouco o seu nervosismo, não? Si eu o suppozesse um criminoso ordinario,

— Esta, sim, é uma verdadeira obra prima! Que representa?

— Não representa nada... E' a minha palheta...

convidaria a fumar em nossa companhia. Seja franco para comnosco. Creia que talvez nos seja possivel livral-o das difficuldades em que se encontra. A franqueza póde salval-o. A dissimulação, essa, perdel-o-á irremediavelmente, asseguro-lh'o.

— Mas o que desejam que lhes diga?

— A verdade, a respeito do drama da Abbadia de Grange. A verdade nua e crua, sem que nada lhe falte e sem que nada lhe sobre. Consegui já reconstituir o acontecimento nas suas linhas geraes. De modo que — repare bem nisto — se me convencer de que pretende enganar-me, abro aquella janella e chamo a policia. O resto, depois, é com ella. Eu lavarei dahi as minhas mãos.

O capitão poz-se a reflectir durante uns rapidos instantes.

— Supponho-o homem de palavra, senhor Holmes. Vou, pois, contar-lhe toda a verdade, começando por dizer-lhe que não tenho medo nem pezar do que fiz. Hoje, amanhã, depois, em circumstancias eguaes, procederia do mesmo modo.

Esse homem mereceu o seu castigo, mas a pobre Mary Fraiser — nunca de hoje em deante lhe darei outro nome! — a essa, para poupar-lhe o desgosto que lhe causei, daria de bom grado a minha vida. E afinal... afinal, eu não podia proceder senão como procedi!

Vou pôl-os ao par de toda a historia, meus senhores. Julguem-me depois.

O sr. Holmes que parece estar ao facto de tudo, deve saber que travei conhecimento com miss Fraiser a bordo do *Rochedo-de-Gibraltar*, onde servia como immediato.

Principiei a amal-a desde o primeiro momento em que a vi; em cada dia de viagem lhe encontrava novos encantos. Quantas vezes, depois disso, nas noites solitarias em que estava de quarto, me ajoelhei para beijar as taboas do navio em que os seus pés tinham pisado.

Não a considerei nunca como minha noiva. A's minhas expansões de apaixonado, ella correspondia unicamente com a franqueza e a affabilidade de uma boa amiga. No final da viagem miss Fraiser considerava-se livre. Eu, não.

Tornei com o meu navio para a Australia e, á volta, soube que estava casada.

Como não sou egoista, aquelle matrimonio não affectou o meu orgulho. Cheguei até a regosijar-me pela felicidade que não teria casando commigo, um simples e pobre official de marinha mercante.

De resto, ninguem mais do que ella era merecedora de nobreza e de fortuna.

O tempo não conseguiu apagar o meu grande amor. Continuei mantendo sempre, no mais intimo do coração, a affeição que lhe votara, embora convencido de que nunca mais a veria.

Passados tempos, promoveram-me a capitão e, como o navio cujo commando eu ia assumir, não estivesse ainda concluido, fui passar dois mezes a Sydenham com a minha familia.

Uma tarde, num passeio campestre, encontrei casualmente Thereza Wright, a qual me poz ao facto do triste casamento que a ama fizera.

Nem sei como não endoudeci. Pensar que aquelle [illegible] reles ousava bater-lhe!...

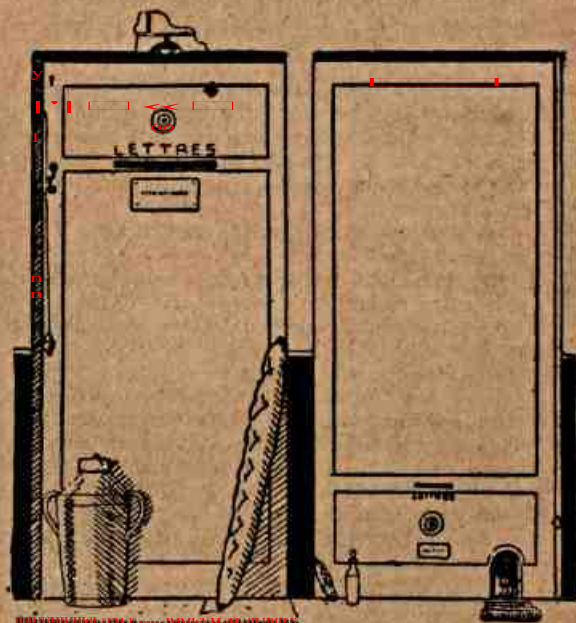
Tornei a encontrar segunda vez a creada Thereza e a nossa conversa recahiu de novo na triste situação da desventurada senhora. Mais tarde tive a felicidade de ver a propria miss Fraiser.

A essa entrevista seguiram-se outras, ás quaes Thereza assistiu sempre.

[illegible] autorisação para a visitar, mas foi-me recusada.

Uma communicação da agencia, avisou-me de que o meu navio seria lançado á agua na semana pro-

Quiz, a todo transe, tornar a vel-a antes de partir. Thereza era-me dedicada, porque estimava Mary Fraiser e porque sentia pelo marido odio egual ao meu. Consegui que me elucidasse ácerca dos costumes da casa. Mary costumava passar uma grande parte das noites, a ler, num gabinete do rez de chão da Abbadia.

(*Continúa no proximo numero*)

O gigante e o anão são vizinhos...

ESTYLOS

(Continuação)

As scenas emocionantes, sobretudo, devem ser bem condensadas:

"Poucas horas depois, era o cadaver lançado ao mar, com as cerimonias do costume. A tristeza murchára todos os rostos. A vaga abriu o ventre, acolheu o despojo, fechou-se — uma leve ruga — e a galera foi andando." (Machado de Assis).

Toda a descripção precisa ser feita *ao vivo*:

"E ainda elle mascava as ultimas palavras, quando Concha se endireitou bruscamente como si fosse saltar, atirou um murro á borda da mesa, e, com os olhos chammejantes, desafiou o Eusebio a que repetisse aquillo! Queria que elle repetisse!"

"Lolita vezada puxava-lhe pelo braço; a outra deu-lhe um repelião."

"Palma, afflicto, debruçado sobre a mesa, exclamava num tom ansioso:

"—Oh, Concha, escuta lá! Ouve lá... Concha eu te explico..."

"De repente, ella ergueu-se, a cadeira tombou para o lado; e o mulherão abalou pela sala fóra, a grande cauda de setim varreu desabridamente o soalho, ouviu-se dentro estalar uma porta. No chão ficára cahido um pedaço de mantilha de renda." (Eça de Queiroz)

E' a reunião de pequenas e nitidas observações da vida real que dá nas paginas a *visão* das coisas:

"Alcova alumiada por forte jacto de gaz que *assobiava*."

"Na penumbra que dava um livro *posto deante do candieiro*."

"O abbade, esse, admirava, de *labios entreabertos e o pires cheio de café esquecido na mão*." (Eça de Queiroz)

Tornemos a acção presente! O livro não deve ser apenas narrativa fria de factos passados ou longinquos: precisa *palpitar, viver!* Consegue-se isto fazendo os personagens *moverem-se*:

"O velho dandy acabava justamente de ter um dos seus accessos de tosse cavernosa, aspera, dolorosa, que o sacudiam como uma ruina, que elle abafava no lenço, com as veias inchadas, roxo até a raiz dos cabellos."

"Mas passára. Com a mão ainda tremula, o decrepito leão limpou as lagrimas que lhe embaciavam os olhos vermelhos, compoz a rosa de musgo da botoeira da sobrecasaca, tomou um gole da sua agua chasada, e perguntou a Affonso, seu parceiro, numa vóz rouca e surda.

"—Paus, hein?

"—O que! ainda encarniçados! exclamou Carlos, que abrira o reposteiro, entrava, e com elle o rumor distante de bolas de bilhar."

"Ninguem respondeu, no interesse subito que causava a cartada. A longa mão de D. Diogo recolhia devagar a vasa — e languidamente, no mesmo silencio, soltou uma carta de paus."

"—Oh, Diogo! oh, Diogo! gritou Affonso, estorcendo-se, como se o trespassasse um ferro. Mas conteve-se. O general, cujos olhos despediam faiscas, collocou o seu valete; Affonso, profundamente infeliz, separou-se do rei de paus; Villaça bateu de estalo com o az. E immediatamente foi em redor uma discussão tremenda sobre a puxada de D. Diogo." (Eça de Queiroz).

Os gestos devem combinar com as palavras proferidas. Movimentos adequados e phrases typicas — é essa simultaneidade que dá vivacidade ás paginas. Escriptor que ponha artificialmente personagens falando immoveis dará a impressão de bonecos e não de creaturas:

"—Para e simplesmente insensato! disse Cruges, desenroscando-se do canto dum sofá para deixar cahir ás syllabas esta pesada opinião."

"O marquez investiu com elle:

"—Que entende você disso, seu maestro? O artigo é sublime! E saiba mais: é de finorio."

"O maestro, com preguiça de argumentar, foi-se enroscar em silencio ao outro canto do sofá."

"E então o marquez de pé e bracejando appellou para Carlos, e quiz saber o que é que Craft em principio entendia por senso moral."

"Carlos, que dava pela sala passos impacientes, não respondeu, tomou o braço do Taveira, levou-o para o corredor:

— Dize-me uma coisa: onde viste tu o Damaso com essa gente?" (Eça de Queiroz).

Nos livros do Eça os personagens vivem. Ha escriptores que só sabem narrar. Agradam quando a psychologia e a philosophia os aprofundam; do contrario a sua frieza morta enfastia.

(Continúa)

MURILLA TORRES

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso

THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

O MAIS AFAMADO CALÇADO DE LUXO
NAS SAPATARIAS DE LUXO
PEÇA
"FOX"
O CALÇADO DA ELITE
O UNICO VERDADEIRAMENTE INCOMPARAVEL
PARA SUA GARANTIA EXIJA NA SOLA ESTAMPADO A FOGO, ESTE CARIMBO:
BRAGA & WOOLMAN
FOX
RIO
R. MENDONÇA, 57, 9.
FABRICA DE CALÇADO "FOX"
RIO DE JANEIRO